

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO

**A INTERAÇÃO DO PROFESSOR E ALUNOS NO AMBIENTE
VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**

ADÉLIA CRISTINA TORTORELI

MARINGÁ
2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO

**A INTERAÇÃO DO PROFESSOR E ALUNOS NO AMBIENTE
VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**

ADÉLIA CRISTINA TORTORELI

MARINGÁ
2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO

**A INTERAÇÃO DO PROFESSOR E ALUNOS NO AMBIENTE VIRTUAL DE
APRENDIZAGEM**

Dissertação apresentada por ADÉLIA CRISTINA TORTORELI, ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador:
Prof. Dr. JOÃO LUIZ GASPARIN

MARINGÁ
2011

ADÉLIA CRISTINA TORTORELI

**A INTERAÇÃO DO PROFESSOR E ALUNOS NO AMBIENTE VIRTUAL DE
APRENDIZAGEM**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Luiz Gasparin (Orientador) – UEM

Prof^a. Dr^a. Lucinea Aparecida de Rezende – UEL

Prof^a. Dr^a Teresa Kazuko Teruya. – UEM

25 de abril de 2011

Aos meus filhos, Alexandre e Lucas

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos filhos - obrigada por entenderem os inúmeros dias de ausência, mesmo estando presente fisicamente.

À minha querida irmã, Maria Estela - obrigada pelo apoio e incentivo.

À Professora Dr^a. Tereza Kazuko Teruya; à Professora Dr^a. Maria Terezinha Bellanda Galuch, que participaram da minha banca de qualificação - obrigada pelas sugestões.

À Professora Dr^a. Lucinea Aparecida de Rezende, pela elegância e polidez nas palavras ao se dirigir à pesquisadora com suas observações.

Ao meu orientador, Professor Dr. João Luiz Gasparin, pelas preciosas orientações e ponderações teóricas, sempre de modo calmo e compreensivo.

Os processos de interação e comunicação no ensino sempre dependeram muito mais das pessoas envolvidas no processo do que das tecnologias utilizadas, seja o livro, o giz, ou o computador e as redes (Vani Moreira Kensky)

TORTORELI, Adélia Cristina. **A INTERAÇÃO DO PROFESSOR E ALUNOS NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**. 181 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: João Luiz Gasparin. Maringá, 2011.

RESUMO

Essa dissertação tem por objetivo analisar a interação que se estabelece desde as ações do professor e alunos no ambiente virtual de aprendizagem. Para fundamentar esta análise apresenta-se um breve histórico da Educação a Distância no Brasil, a partir da LDB 9.394/96 e dos Decretos que regulamentam essa modalidade de ensino. Faz-se uma breve retrospectiva desde o ensino por correspondência até o estágio atual das tecnologias, a fim de analisar o Ambiente Virtual de Aprendizagem, o papel do professor e do aluno nesse ambiente, em uma Instituição de Ensino Superior do Norte do Paraná, na disciplina de Metodologia do Ensino de História de um curso destinado à formação de professores. O problema da pesquisa se expressa na seguinte questão: como se estabelece a interação do professor e alunos no ambiente virtual de aprendizagem? Para a coleta de dados empíricos foram analisados os e-mails entre a professora mediadora da disciplina e os alunos, assim como a coleta de participações no chat das quatro aulas ao vivo, nos quatro fóruns e na sala do café, no período entre 27.08.2010 até 30.09.2010. Optou-se pela pesquisa qualitativa para analisar as interações do professor e alunos no Ambiente Virtual de Aprendizagem. Os estudos de Palloff e Pratt (2002, 2004), Silva (2006), Primo (2005, 2008), entre outros, constituíram o quadro teórico que sustenta a análise dos dados empíricos no Ambiente Virtual de Aprendizagem. Os resultados indicam que na sala do café houve poucas participações e nenhuma interação; na ferramenta fórum, alto índice de participações, mas sem interação; na ferramenta chat e e-mail houve discreta participação e interação do professor e alunos. A falta de interação se deu por uma combinação de fatores que vai desde a estrutura pedagógica da instituição que não privilegia a interação do professor e aluno, a falta de incentivo e a participação do professor em algumas ferramentas e a falta de iniciativa e responsabilidade do aluno com o grupo.

Palavras-chave: Formação de professores; Educação a Distância; Ambiente Virtual de Aprendizagem; Interação professor-aluno.

TORTORELI, Adélia Cristina. **THE INTERACTION THE PROFESSOR AND STUDENTS IN VIRTUAL LEARNING ENVIRONMENT**.181 f. (Dissertation in Master)–State University of Maringá.Coordinator: João Luiz Gasparin. Maringá, 2011.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the interaction established the actions of professor and students in virtual learning environment. To support this analysis, a brief history is presented of the distance education in Brazil, from the LDB 9.394/96 and decrees that regulate this type of education. It is a brief retrospective from teaching by correspondence until the current stage of technology in order to analyze the Virtual Learning Environment, the role of professor and student in this environment in an institution of higher education in Northern Paraná. The study corresponds to the methodology discipline of teaching history in a course aimed at training professors. The research problem issue is expressed in the following question: how to establish the interaction between professors and students in the virtual learning environment? In order to collect empirical data, a set of recovered e-mails exchanged between the teacher and mediator of discipline students were recovered, as well as interests in the live chat classes, forums and break rooms, in the period between 08/27/2010 until 09/30/2010. A qualitative research has been chosen to analyze the interactions between professor and students in virtual learning environment. The studies of Palloff and Pratt (2002, 2004), Silva (2006), Primo (2008), among others, formed the theoretical framework that supports the empirical data in the virtual learning environment. It has been concluded that in the break room there was little participation and no interaction; for the forum research, high rate of participation therefore, no interaction. Thus, for the chat and e-mail research discreet participation and interaction has been detected between professor and students.

Keywords: Professor Education, Distance Education, Virtual Learning Environment, Teacher-student interaction.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	A participação dos alunos nos 4 temas de Fórum.....	142
GRÁFICO 2	A sala do Café.....	150
GRÁFICO 3	Aula Interdisciplinar em 26.08.2010.....	154
GRÁFICO 4	As interações na aula 1 em 09.09.2010.....	157
GRÁFICO 5	As interações no chat da aula do dia 16.09.2010.....	158
GRÁFICO 6	As interações no chat da aula do dia 3 em 23.09.2010.....	159

LISTA DE FIGURA

FIGURA 1	Consulta de Polos e Instituições Cadastradas pelo MEC	40
FIGURA 2	E-mail.....	86
FIGURA 3	Acesso Rápido/ Novidades /Publicidades	87
FIGURA 4	Mural de Avisos/Fórum/Material Extra/Sala do Café	89
FIGURA 5	Aulas por Demanda	92
FIGURA 6	Atividades de Estudo/Interdisciplinar/ Projeto/Prova	92
FIGURA 7	Material de Estudo (Apostila)	93
FIGURA 8	Detalhes do aluno.....	94

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Pesquisa sobre as causas da evasão	26
QUADRO 2	Aspectos positivos e negativos do Decreto 5622	41
QUADRO 3	Principal LMS utilizado nas Instituições nos cursos a distância..	76
QUADRO 4	Matriz curricular do curso de Pedagogia	82
QUADRO 5	Arquitetura do AVA da disciplina de Metodologia do Ensino de História.....	86
QUADRO 6	Calendário Acadêmico da disciplina de Metodologia do Ensino de História.....	91
QUADRO 7	Responsável pela elaboração do conteúdo da EAD.....	106
QUADRO 8	Funções dos instrutores na educação a distância.....	109
QUADRO 9	Situacional dos Alunos da Disciplina de Metodologia de História	121
QUADRO 10	E-mail da professora mediadora para o grupo 25/08/2010.....	127
QUADRO 11	E-mail da professora mediadora para o grupo 27/08/2010.....	127
QUADRO 12	E-mail da professora mediadora para o grupo 28/08/2010.....	128
QUADRO 13	E-mail da professora mediadora para o grupo 30/08/2010.....	129
QUADRO 14	E-mail da professora mediadora para o grupo 15/09/2010.....	129
QUADRO 15	E-mail da professora mediadora para o grupo 22/09/2010.....	130
QUADRO 16	E- mail da professora mediadora para o grupo 29/09/2010.....	130
QUADRO 17	Atividades relâmpagos enviadas pelos alunos.....	134
QUADRO 18	E-mail dos alunos com dúvidas no AVA.....	137
QUADRO 19	E- mail dos alunos com dúvidas pedagógicas.....	138
QUADRO 20	E-mail dos alunos com dúvidas gerais.....	139
QUADRO 21	Temas dos quatro fóruns.....	141
QUADRO 22	Fórum tema interdisciplinar: a biopirataria.....	144
QUADRO 23	Fórum tema 1: O ensino da História.....	144
QUADRO 24	Fórum tema 2: A análise documental em sala de aula.....	145
QUADRO 25	Fórum tema 3: Noções temporais.....	145
QUADRO 26	Fechamento fórum interdisciplinar.....	145
QUADRO 27	Fechamento fórum 1.....	146
QUADRO 28	Regras para participação no fórum.....	147
QUADRO 29	Interação dos alunos na sala do Café.....	151

QUADRO 30	Interação da professora mediadora com o grupo em 26.08.2010	155
QUADRO 31	Interação dos alunos no chat em 26.08.2010.....	156
QUADRO 32	Interação da professora mediadora com o grupo em 16.09.2010	157
QUADRO 33	Interação da professora mediadora com o grupo em 16.09.2010.....	158
QUADRO 34	Interação dos alunos no chat da aula do dia 16.09.2010	159
QUADRO 35	Interação da professora mediadora com o grupo em 23.09.2010	160
QUADRO 36	Interação dos alunos no chat da aula em 23.09.2010.....	160
QUADRO 37	Alunos com baixa interação no chat da aula dia 26.08.2010.....	162
QUADRO 38	Alunos com baixa interação no chat da aula dia 09/09/2010.....	162
QUADRO 39	Alunos com baixa interação no chat da aula do dia 16/09/2010.	162
QUADRO 40	Alunos com baixa interação no chat da aula do dia 23/09/2010..	162
QUADRO 41	Alunos sem interação no chat da aula no dia 26.08.2010.....	163
QUADRO 42	Alunos sem interação no chat da aula do dia 09.09.2010.....	164
QUADRO 43	Alunos sem interação no chat da aula do dia 16.09.2010.....	164
QUADRO 44	Alunos sem interação no chat da aula do dia 23.09.2010.....	164

LISTA DE ABREVIATURA

ABED	Associação Brasileira de Educação a Distância
AE	Atividade de Estudo
AI	Atividade de Estudo Interdisciplinar
AVA	Ambientes Virtuais de Aprendizagem
EAD	Educação a Distância
e-MEC	Cadastro da Educação Superior
Enade	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
LDB	Lei de Diretrizes e Base
LMS	<i>Learning Management System</i>
MEB	Movimento de Educação de Base
MEC	Ministério da Educação e Cultura
Mobral	Movimento Brasileiro de Alfabetização
NIED	Núcleo de Informática Aplicada a Educação
Sebrae	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
Siead	Sistema de Consulta de Instituições Credenciadas para a Educação a distância e Polos de Apoio Presencial
Sinaes	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
TIC	Tecnologia da Informação e da Comunicação
TVE	Televisão Educativa
UEM	Universidade Estadual de Maringá
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	17
2.	EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	22
2.1	A Legislação da Educação a Distância no Brasil.....	33
2.1.1	O Decreto 5.622.....	36
2.1.2	O Decreto 5.733.....	43
2.2	A Transmissão dos Saberes.....	46
2.2.1	O uso das tecnologias na Educação a Distância.....	52
2.2.2	O Ensino por Correspondência.....	53
2.2.3	O Rádio.....	55
2.2.4	A Televisão.....	57
2.2.5	A Videoconferência.....	60
2.2.6	A Terceira e quarta gerações da EAD	61
3.	OS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM.....	66
3.1	Características dos Diferentes Ambientes Virtuais de Aprendizagem...	75
3.1.2	TelEduc	76
3.1.3	<i>Blackboard</i>	78
3.1.4	<i>Moodle</i>	78
3.2	Ambiente Virtual de Aprendizagem da disciplina de Metodologia de História.....	81
3.2.1	Recursos e Ferramentas da Disciplina de metodologia do ensino de História.....	84
3.2.2	E-mail.....	86
3.2.3	Acesso Rápido/ Novidades/ Publicidades.....	87
3.2.4	Mural de Avisos/ Fórum/ Material Extra/ Sala do Café.....	89
3.2.5	Calendário Acadêmico.....	90
3.2.6	Aulas por demanda.....	92
3.2.7	Atividade de Estudo.....	92
3.2.8	Material de Estudo (Apostila).....	93

3.2.9	Gerenciamento.....	93
4.	A INTERAÇÃO NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM.....	96
4.1	O Professor no Ambiente Virtual de Aprendizagem	104
4.2	O Aluno no Ambiente Virtual de Aprendizagem.....	113
5.	A INTERAÇÃO DO PROFESSOR E ALUNOS NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM.....	120
5.1	Procedimentos Metodológicos da Pesquisa.....	122
5.2	A Interação Professor e Aluno na Ferramenta Assíncrona E-mail.....	125
5.3	E-mail da professora mediadora para o grupo.....	126
5.4	E-mail dos alunos para a professora sobre a atividade relâmpago.....	134
5.5	E-mail dos alunos com dificuldades no AVA.....	136
5.6	E-mail dos alunos com dúvidas pedagógicas.....	138
5.7	A Interação Professor e Aluno na Ferramenta Assíncrona Fórum.....	141
5.8	A Interação Professor e Aluno na Sala do Café.....	149
5.9	A Interação Professor e Aluno na Ferramenta Síncrona do Chat.....	152
5.10	As Interações na Aula Interdisciplinar em 26 08 2010.....	154
5.11	As Interações na Aula 1 em 09 09 2010.....	156
5.12	As Interações na Aula 2 em 16 09 2010.....	158
5.13	As Interações na Aula 3 em 23 09 2010.....	159
5.14	Alunos com baixa Interação nas quatro Aulas ao Vivo.....	162
5.15	Alunos sem interação nas quatro Aulas ao Vivo.....	163
6	CONCLUSÃO.....	167
	REFERÊNCIAS.....	172

1 INTRODUÇÃO

Com o advento das novas tecnologias da Comunicação e Informação, os processos de comunicação ganham novos contornos e significados. Esses contornos e significados devem ser entendidos como expressão de um tempo do qual somos todos partícipes, marcado pela simultaneidade da produção e recepção do conhecimento, mas ao mesmo tempo pela separação dos alunos no tempo e no espaço.

Essa separação temporal e espacial e, a simultaneidade da comunicação inaugura um novo *locus* de ensino e aprendizagem, com professores e alunos separados no tempo e no espaço e mediatizados pelas tecnologias disponíveis e com a utilização dos ambientes virtuais de aprendizagem.

Os ambientes virtuais de aprendizagem, em tese, anunciam novas formas de aprendizagem e interação pautadas na comunicação todos- todos e não mais na comunicação um- um, na qual o emissor envia uma mensagem e o receptor apenas recebe a informação sem poder modificá-la.

As ferramentas síncronas¹ e assíncronas² disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem potencializam as interações no modelo todos-todos, mas elas são apenas meios. São os professores e alunos que darão sentido a essas ferramentas para incorporar mudanças na concepção de interação.

Assim, o problema que deverá ser respondido nessa investigação é como se estabelece a interação de professor e alunos no ambiente virtual de aprendizagem? Para responder a essa pergunta, foi preciso circunstanciar o que são os ambientes virtuais de aprendizagem e qual o papel do professor e dos alunos nesses ambientes, bem como explicitar uma concepção de interação.

Ao longo desta dissertação defendemos a concepção de interação que privilegia o papel do professor como mediador do conhecimento; que oportuniza situações de aprendizagem mediatizadas pelas tecnologias. Ao

¹ As ferramentas síncronas são aquelas que possibilitam a interação em tempo real, com professor e aluno conectados simultaneamente. Ex: chat

² As ferramentas assíncronas são aquelas que possibilitam a interação sem que professor e aluno estejam conectados ao mesmo tempo. Ex: fórum e e-mail.

mesmo tempo, entendemos que o aluno necessita de uma postura com ênfase na autonomia e na responsabilidade com os seus estudos e processos comunicativos. Essa postura de autonomia e responsabilidade se dá pelo entendimento de que o aprendizado do aluno, na Educação a Distância, está alicerçado na concepção da educação voltada para adultos que decidem quando e como estudar.

Para compreensão das questões que nos preocuparam em relação à interação que ocorre nos ambientes virtuais de aprendizagem e para explicitação dos papéis de professores e alunos nesses ambientes, buscamos a fundamentação teórica em SILVA (2006), PRIMO (2007), PALLOFF e PRATT (2002, 2004), entre outros, que nos auxiliaram a entender esses ambientes e as interações nele estabelecidas.

Na investigação procuramos não repetir as pesquisas já existentes, que são baseadas no envio de questionários estruturados para alunos e professores. Mesmo com os limites e lacunas que nossa pesquisa apresenta, procuramos avançar no sentido de coletar os dados na forma como foram produzidos, sem uma prévia intervenção da pesquisadora. Assim, o envio da carta de autorização da pesquisa, por e-mail, no ambiente virtual de aprendizagem da disciplina de Metodologia do Ensino de História só ocorreu após o término da disciplina foco da pesquisa.

Acreditamos que avançamos, ainda, quando tivemos a preocupação de não apenas conceituar a Educação a Distância, mas apresentar dados atualizados com relação a algumas questões importantes para compreender a dinâmica dessa modalidade de ensino no nosso país.

Quanto à estruturação do trabalho, apresentamos no capítulo 2 algumas considerações sobre a Educação a Distância e seu papel frente às novas tecnologias da Informação e Comunicação. Se por um lado essa modalidade de ensino teve crescimento em nosso país na ordem de 10% em relação aos três anos anteriores a 2009, a evasão dos alunos ainda merece atenção especial de acordo com BOTELHO (2009), pois a evasão dos alunos está relacionada a várias causas. A Educação a Distância pode ser considerada como elemento estratégico para atender às novas exigências do capitalismo flexível de acordo com OLIVEIRA (2010), todavia ela também é vista como possibilidade de atender àqueles que não tiveram a oportunidade

de frequentar o Ensino Superior presencialmente, e também se constituir em um processo de democratização do ensino. Por outro lado, não são as tecnologias disponíveis que proporcionarão uma educação de qualidade, mas a relação do professor e alunos.

Nesse mesmo capítulo, fizemos uma breve apresentação da regulamentação da Educação a Distância no Brasil com base nos Decretos nº 5.622 e nº 5.773 com o intuito de estabelecer relação com o nosso objeto de estudo. Nesses decretos, encontra-se o credenciamento, a autorização e a avaliação das Instituições de Ensino Superior e seus polos de apoio presencial para os alunos. Os decretos combinam autonomia e, ao mesmo tempo, excesso de regulamentação o que contribui, de certa forma, com os índices de evasão por parte dos alunos; e, para que tenhamos de fato uma educação de qualidade é necessário regulamentação e avaliação das instituições de ensino.

Para melhor compreensão do estado atual da EAD, realizamos também uma breve retrospectiva histórica a fim de verificar a forma de transmissão dos saberes produzidos e acumulados pela humanidade até chegar ao estágio atual de desenvolvimento. Consideramos que a humanidade teve seus primeiros registros em cavernas há mais de 17.000 anos, conforme informa ZUFFO (2009), há 6.000 anos tivemos os primeiros registros contábeis e só por volta do século XVIII presenciou-se uma expansão da escrita com a invenção da imprensa.

Nessa perspectiva, afirmamos que demos um salto no futuro, passando pelos polos da oralidade, da escrita, até chegarmos ao polo informático-mediático. Mas, apesar de todo desenvolvimento tecnológico combinamos, ainda hoje, tecnologias de primeira e de segunda geração, tais como o rádio e a TV. O uso combinado dessas tecnologias, na atualidade, se dá em função das grandes distâncias geográficas em nosso país e à falta de acesso a tecnologias mais avançadas, assim, essas tecnologias não possibilitam a interação visto que a interação se dá no modelo, onde os polos emissor e receptor das mensagens estão separados e sem a possibilidade de intervenção e modificação da mensagem pelo último.

No capítulo 3, constam algumas definições dos ambientes virtuais de aprendizagem, explicitando que as formas de interação ocorridas atualmente só foram possíveis pelos avanços da tecnologia da informação e da

comunicação possibilitando ao usuário ser também conteúdos, permitindo colaboração e compartilhamento de conhecimento (LITTO, 2009). Trata-se de um espaço que oportuniza, em tese, uma inteligência coletiva de acordo com LÉVY (2005), mas sem deixar de levar em consideração outros fatores como as relações afetivas que se estabelecem entre os participantes, de acordo com TASSONI (2008).

Ainda no capítulo 3, trazemos as características dos diferentes Ambientes Virtuais de Aprendizagem com base em dados fornecidos pelo CensoEAD.BR. 2009, em específico o *Moodle*, que é o AVA utilizado pela instituição por nós pesquisada. Na sequência, analisamos a arquitetura do ambiente virtual de aprendizagem da disciplina de Metodologia do Ensino de História, que foi objeto de nosso estudo. Julgamos pertinente a apresentação desse ambiente para maior aproximação das ferramentas e informações que fizeram parte da nossa pesquisa.

No capítulo 4, comentamos os papéis do professor e dos alunos, assim como o conceito de interação e aprendizagem colaborativa de PALLOFF e PRATT (2002) no ambiente virtual de aprendizagem. Com relação aos conceitos de interatividade e interação, optamos pelo conceito de interação para subsidiar nossa investigação. Com relação ao papel do professor, discorreremos sobre as nomenclaturas dos teóricos que tratam sobre a atuação desse professor, mas na instituição pesquisada³ a expressão utilizada é a de professor mediador. Sendo assim, mantemos na pesquisa essa nomenclatura.

No capítulo 5, apresentamos a análise dos dados obtidos na Disciplina de Metodologia do Ensino de História de uma Instituição Superior privada do Norte do Paraná que teve início em 09.09.2010 e término em 30.09.2010. As análises se deram a partir da ferramenta síncrona (chat) e das ferramentas assíncronas (e-mail, fórum e sala do café). Ao total, foram 30 os sujeitos da pesquisa.

Os resultados das análises da pesquisa empírica, tendo como suporte a fundamentação teórica, bem como a imersão no ambiente virtual de aprendizagem da disciplina de Metodologia do Ensino de História,

³ Professor mediador é a nomenclatura utilizada pela instituição pesquisada para o professor que acompanha o aluno no ambiente virtual de aprendizagem.

demonstraram que na sala do café houve poucas participações e nenhuma interação; no autor, incluindo e alterando opinião e ferramenta fórum houve alto índice de participações, mas sem interação; na ferramenta chat houve discreta participação e interação do professor e alunos.

2. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As constantes inovações das Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs que atingem todos os setores da sociedade e modificam as formas de comunicação, chegaram, inevitavelmente, ao campo da educação em todos os níveis e modalidade de ensino.

Uma dessas modalidades de ensino é a Educação a Distância – EAD que é palco de controvérsias e de polêmicas no campo educacional, seja por seu desconhecimento ou pelo preconceito que ainda existe com relação à mesma. Todavia, há um ponto de convergência entre os que discutem a EAD: trata-se de uma modalidade de ensino e de aprendizagem, em que professor e alunos estão separados no tempo e no espaço mediatizados por ferramentas síncronas e assíncronas que possibilitam, em tese, uma educação baseada na aprendizagem colaborativa e na interação do professor e aluno.

As questões das ferramentas síncronas e assíncronas, assim como a aprendizagem colaborativa e a interação entre professor e aluno serão discutidas nas seções 4 e 5 desta dissertação.

Com relação ao preconceito, Torres (2009, p.15) apoiada no CensoEAD.2009, nos situa:

[...] o censo tratou de uma delicada questão recorrentemente discutida – o preconceito que essa modalidade de ensino ainda vem sofrendo. No ano de 2007, em entrevista concedida ao jornal Folha de S.Paulo, o professor Dilvo Ristoff afirmava que “apesar de numerosas experiências bem-sucedidas em outros países, o ensino a distância continua sob fogo cruzado no Brasil, com o argumento de que vai piorar a qualidade”. Esse censo mostra que, aos poucos, o preconceito vai sendo superado e que o mercado de trabalho passa a reconhecer essa modalidade de ensino, pois de acordo com a maioria dos respondentes, as empresas não estão resistentes em contratar estudantes que tenham obtido certificados os diplomas (82%).

À medida que a EAD se consolida no país como uma modalidade de ensino de qualidade, essa vai superando aos poucos, o preconceito inicial que não é próprio da Educação a Distância, mas a tudo que é novo e que ainda não está devidamente consolidado.

Ademais, a Educação a Distância quando implementada com critérios de qualidade pode contribuir para a expansão da democratização do Ensino Superior no nosso país. Essa expansão e essa democratização acontecem, pelas constantes inovações tecnológicas que pertencem ao contexto histórico do qual somos todos partícipes.

A apreciação crítica desses 15 anos de história da educação distância no ensino superior brasileiro comprova, sem sombra de dúvidas, que a modalidade está consolidada como uma poderosa ferramenta de inclusão social e de melhoria de qualidade da educação[...] (TORRES, 2009, p.41)

Por essas razões, o interesse e a procura pela Educação a Distância continuam a crescer e a expectativa é de que essa realidade persista nos próximos anos e a primeira característica é com relação à expansão da EAD. Para 53% das Instituições, nos últimos três anos, houve crescimento de mais de 10% nas inscrições. [...] Esse aumento foi bastante representativo no período de janeiro de 2008 a janeiro de 2009 (BOTELHO, 2009, p.23).

Com relação ao perfil dos alunos que ingressam na EAD, nos Estados Unidos, a Educação a Distância é composta por adultos com idade entre 25 e 50 anos, de acordo com Morore e Kearsley (2008, p.173). No Brasil, a faixa etária da EAD concentra-se entre de 25 a 39 anos,

[...] a maioria dos estudantes possui renda média de 1 a 10 salários-mínimos, sendo que o grupo mais representativo [...] recebe de 1 a 3 salários-mínimos mensais[...]. Apesar de um perfil diversificado, os estudantes de EAD não são constituídos por uma maioria de jovens recém-saídos do ensino médio (BOTELHO, 2009, p.23).

De fato, com relação ao perfil heterogêneo dos ingressantes na Educação a Distância, essa informação pode ser confirmada no capítulo 5 desta dissertação no quadro situacional dos alunos da disciplina de Metodologia de Ensino de História.

Com relação ao crescimento exponencial ao longo da história da EAD no Ensino Superior, as primeiras experiências ocorreram na década de 1990, com início de pesquisas para o uso de novas tecnologias e criação de cursos a distância; essa ação se propagou e teve um raio de alcance que chegou

primeiro às universidades públicas, com o mesmo formato de pesquisa e, na sequência, expandiu-se para as instituições privadas (VIANNEY; TORRES, 2010).

Desde então, a Educação Superior a Distância no Brasil teve crescimento exponencial desde o nascimento de 1955, na Universidade Federal do Mato Grosso, com o curso de licenciatura para a formação de professores para atuar nas séries iniciais do Ensino Fundamental:

[...] – até o ano de 2008, quando havia 647 curso de EAD registrados pelo censo do ensino superior realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), órgão vinculado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), [...]. Em 2009, o censo realizado pela Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed) registrava o total de 1.075.272 alunos.

Esse aumento expressivo das matrículas se dá por uma combinação de fatores que vão desde o aumento do número faculdades, centro universitários e universidades credenciadas pelo MEC, assim como aumento do número de cursos e alunos e a implementação de disciplinas a distância em cursos presenciais de acordo com os 20% permitido pela legislação.

Com relação aos aspectos didático-pedagógicos e para o entendimento e o diferencial da EAD é preciso levar em conta ao menos dois aspectos: o primeiro deles é que essa modalidade de ensino já não é mais um curso por correspondência unidirecional, no modelo um-um em que os materiais didáticos eram enviados pelo correio e esperava-se que os alunos já soubessem como estudar e aprender. O segundo é que a EAD, atualmente, cerca-se de uma multiplicidade de recursos para mediar o processo de ensino e aprendizagem e as interações do professor e aluno. Para que ocorra essa interação, combina-se uma série de recursos e ferramentas que compreende textos, vídeos, participação em fóruns e chats, trabalhos em grupo.

Contudo, apesar dos recursos disponíveis com potencial de interação de professor e alunos, da expansão da Educação a Distância e do aumento dos alunos matriculados, há a questão da evasão. Mas, quando se trata de evasão é preciso compreender quais são os motivos que levam o aluno a desistir dessa modalidade de ensino.

Esses motivos seriam por falta da interação do professor e aluno? Seria pelo desconhecimento dessa modalidade de ensino, ou ainda, por outros fatores?

Na concepção de Coelho (2003, p. 3) são quatro as causas da evasão:

- A falta da tradicional relação face-a-face entre professor e alunos, pois neste tipo de relacionamento julga-se haver maior interação e respostas afetivas entre os envolvidos no processo educacional;
- Insuficiente domínio técnico do uso do computador, principalmente da internet, ou seja, a inabilidade em lidar com as novas tecnologias cria dificuldades em acompanhar as atividades propostas pelos cursos a distância como: receber e enviar-email, participar dos chats, de grupos discussão, fazer links sugeridos, etc;
- Ausência de reciprocidade da comunicação, ou seja, dificuldades em expor ideias em uma comunicação escrita a distância, inviabilizando a interatividade;
- A falta de um agrupamento de pessoas em uma instituição física, construída socialmente e destinada muitas vezes, à transmissão de saberes, assim como ocorre no ensino presencial tradicional, faz com que o aluno de EAD não se sinta incluído em um sistema educacional

Na síntese elaborada pela autora, as causas da evasão estão relacionadas a um conjunto de fatores, que vão desde a sensação do sentimento de solidão dos alunos e à falta de interação, insuficiência técnica em lidar com as novas tecnologias que são meios que constituem e sustentam essa modalidade de ensino e falta da presença física tão comum no ensino presencial.

No entanto, as causas da evasão vão além das enumeradas pela autora, pois segundo dados recentes do CensoEAD.BR 2009, muitos alunos quando iniciam curso a distância não se dão conta do investimento em tempo, organização e dedicação aos estudos.

Botelho (2009) elencou 13 motivos apontados pelos alunos sobre as causas da evasão. Os mais expressivos são: 51% dos alunos relataram que abandonaram o curso porque acreditavam que o modelo da Educação a Distância era mais fácil. O segundo maior fator com 49% é pela falta de tempo do aluno e o terceiro fator com 47% não se adaptou ao método EAD. Para um detalhamento pormenorizado dos motivos da evasão pelos alunos, constamos no Quadro 1 os 13 motivos apontados pelo autor.

Os motivos dessa evasão apontam um indicativo de que a falta de informação sobre essa modalidade de ensino e suas especificidades levam ao falso entendimento de que a EAD seja fácil; isso se daria talvez, pela falsa ilusão de que não havendo a obrigatoriedade da presença física todos os dias como o ensino presencial dispensa-se também o autoestudo, a organização e disciplina por parte do aluno, exigindo dele investimento de tempo e um mínimo diário de horas para cumprir as exigências acadêmicas, apropriação do conteúdo, entre outras coisas.

A inesperada condição financeira também é um fator relevante, pois os alunos muitas vezes alegam que perderam o emprego e não podem mais arcar com o investimento destinado ao curso. Outro fator que demonstra um percentual expressivo de evasão é a desistência por conta das provas presenciais o que demonstra total falta de conhecimento com relação à exigência do MEC para esses momentos presenciais.

Um expressivo número de alunos ao ingressar na Educação a Distância não consegue conciliar seus estudos com os horários de trabalhos e a distância dos polos para a realização das provas presenciais e outras atividades. A falta de habilidade técnica apontada por Coelho (2003) é um dos últimos fatores destacados pelos alunos representando apenas 3% do total dos evadidos.

Cabe esclarecer que na instituição pesquisada, o cancelamento do curso é feito por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem pelo próprio aluno, momento esse em que é informado por ele mesmo o motivo do cancelamento. No entanto, o processo não encerra nesse momento, pois cada cancelamento é repassado ao coordenador do curso que entra em contato com o aluno por meio de telefone confirmando o motivo da sua desistência antes de dar deferimento à solicitação

EVASÃO – MOTIVOS APONTADOS – ALUNOS	%
Achou que o modelo EAD era mais fácil	51
Falta de tempo	49
Não se adaptou ao método EAD	47
Inesperada falta de condição financeira	34
Obrigatoriedade de provas presenciais	34
Custo do curso	7
Mudança de domicílio ou mudança de município	5

Demissão de emprego	5
Transferência para outra Instituição	3
Insatisfação com o curso	3
Doença	3
Falta de habilidade técnica mínima para participar do desenvolvimento do curso	3
Problemas familiares	3

QUADRO1: Pesquisa sobre as causas da evasão (BOTELHO, 2009, p.29)

Diante das informações contidas no Quadro 1 e pelas informações prestadas por Botelho (2009), fica evidenciado que a evasão do aluno está relacionada a vários fatores e que neles não está incluída a falta de contato físico, de interação, de reciprocidade e do contato face-a-face, apontada por Coelho (2003) e outras foram acrescentadas por Botelho (2009).

Com relação à evasão, Torres (2009) esclarece que historicamente a taxa de evasão é um dos motivos mais frequentes de preocupação das instituições da EAD. Os estudos internacionais trabalham com o percentual acima de 40% de evasão e sempre acima do ensino presencial, porém os dados recentes demonstram baixos índices de evasão

Os estudos para identificar os percentuais e os fatores de evasão em cursos a distância ainda são incipientes no Brasil, mas alguns deles apresentam índices próximos ou superiores aos internacionais. Portanto, os dados de evasão desse censo surpreendem pelos baixos percentuais: 14,37% no primeiro ano do curso, 5,39% no segundo ano do curso; 2,67% no terceiro ano do curso e 2,15% no quarto ano do curso (TORRES, 2009, p.41).

Ainda ao que se refere aos índices de evasão, embora esse não seja o nosso objetivo da pesquisa e não será discutido por nós fica a seguinte pergunta: Por que índices tão altos de evasão no primeiro ano? Existiria um fator predominante para essa evasão?

Com os breves dados estatísticos e comentários retirados do CensoEAD.2009, tivemos a intenção de situar o leitor com relação a algumas questões que permeiam o universo da Educação a Distância. Muitas outras existem, mas julgamos analisar algumas que seriam pertinentes a essa dissertação. Ao dialogarmos com os dados do Censo.EAD.2009, ampliamos o nosso leque de discussões e visão dessa modalidade de ensino.

Mas, o que é de fato a Educação a Distância? Para uma aproximação desse conceito apresentamos a seguir, algumas definições de autores que a abordam.

De acordo com a Associação Brasileira de Educação a Distância - ABED, há muitas definições para a EAD, mas o consenso mínimo é de que a Educação a Distância é uma modalidade de ensino em que as atividades de ensino e aprendizagem ocorrem com alunos e professores separados no tempo e no espaço (ABED, 2010).

De fato, a Educação a Distância inaugura uma nova concepção de tempo e espaço que não é mais o espaço escolar presencial com um único professor à frente de alunos dispostos em carteiras distribuídas verticalmente em fileiras, tampouco o tempo é sincronizado tanto para aluno e professor com horários rígidos de entrada e saída.

Na síntese de Belloni (2008), a Educação a Distância, no contexto das sociedades contemporâneas, surge como uma modalidade de educação adequada e desejável para atender às novas demandas educacionais que são decorrentes das mudanças da nova ordem econômica mundial.

Para Moraes a “[...] educação a distância é uma questão complexa, pois trata-se de analisar e avaliar a qualidade das relações sociais nos ambientes de aprendizagem mediados por computador” (MORAES, 2003, p.1).

Para além da separação no espaço e no tempo, concordamos com Moraes que a complexidade da EAD, está nas relações entre professores e alunos no ambiente virtual de aprendizagem. O posicionamento da autora vai ao encontro ao nosso objeto de estudo que procura analisar como se dá a relação de professor e aluno no AVA nesses ambientes mediados pelo computador e pelas ferramentas nele disponível.

No entendimento de Moran (2010, p.1), a EAD pode ser concebida como “[...] processo de ensino-aprendizagem, mediada pelas tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente”. Podemos dizer que esse é o conceito clássico da EAD e o mais visível para aqueles que conhecem ou desconhecem essa modalidade de ensino.

Para além do conceito de separação de tempo e espaço, Belloni (2009) acrescenta que a interação do professor e alunos ocorre de modo indireto no espaço (de forma descontígua, alunos dispersos) e no tempo (comunicação

não-simultânea). Alerta, no entanto, que o aspecto temporal não pode ser negligenciado e que, o contato regular, simultâneo e pessoal entre professores e alunos é condição indispensável para a aprendizagem.

Considerando que na EAD alunos e professores estão separados no tempo e no espaço, a aprendizagem ganha novos contornos; por isso, é preciso atenção quanto às formas de interação de professor e alunos nesse processo de ensino e aprendizagem que ocorrerem mediatizadas pelas ferramentas disponíveis no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Preti (1996, p.25) considera a EAD como sendo

[...] um conjunto de métodos, técnicas e recursos, postos à disposição de populações estudantis dotadas de um mínimo de maturidade e de motivação suficiente, para que, em regime de auto-aprendizagem, possam adquirir conhecimentos ou qualificações a qualquer nível [...]. A EAD cobre distintas formas de ensino-aprendizagem em todos os níveis que não tenha a contínua supervisão imediata de professores presentes com seus alunos na sala de aula, mas que, no entanto, se beneficiem do planejamento, guia, acompanhamento e avaliação de uma organização educacional.

Sob essa abordagem, a EAD é vista como um processo de ensino-aprendizagem voltado para um público adulto com autonomia para realizar a sua aprendizagem. Por outro lado, a função do professor passa a ser aquele que acompanha e guia os alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Na concepção de Moore e Kearsley (2008, p.02), a EAD é denominada como

[...] aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do local de ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso e de instrução, comunicação por meio de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais.

Diante dos teóricos enumerados até o momento, observa-se um consenso mínimo de que a Educação a Distância se configura como uma modalidade de ensino em que professor e alunos estão separados no tempo e no espaço e que o processo de ensino-aprendizagem, assim como os ambientes virtuais de aprendizagem envolvem uma complexidade com relação

às interações entre esses sujeitos que estão mediatizadas pelas ferramentas disponíveis.

Para Nunes (2009), a EAD atende cada vez mais pessoas que por vários motivos não conseguiram dar continuidade aos seus estudos de modo presencial e buscam por uma modalidade de ensino que vá ao encontro dos seus desejos e necessidades pessoais. Outro fator de importância para essa escolha trata-se da possibilidade de dar continuidade aos estudos, considerando que as distâncias geográficas impostas pelo ensino presencial deixam de existir com a EAD, possibilitando um estudo de qualquer lugar a qualquer tempo.

No entendimento de Moore e Kearsley (2007), a expressão “educação a distância” é utilizada quando vai além do aprendizado e inclui o ensino. O aprendizado, segundo o autor, é intencional e ele exemplifica o que não é educação: olhar acidentalmente pela janela ou surfar pela WEB. Para que seja considerada “educação” é necessário planejamento em que o aluno se propõe a aprender e este é auxiliado pelo professor que cria meios para ajudar o aluno a aprender.

Os autores têm uma visão sistêmica da Educação a Distância e a definem com o exemplo do corpo humano:

“[...] A característica principal do sistema humano é que todas as partes do corpo têm um papel a desempenhar para fazer todo o organismo operar eficazmente. Existem algumas partes que poderiam ser cortadas e, assim mesmo, o corpo funcionaria; porém, existem muitas partes que são tão indispensáveis que, sem elas, todas as demais, não importa quão saudáveis sejam, cessarão de operar. E, ao se remover ou danificar mesmo as partes menos importantes, todo o organismo vai se deteriorar. Por outro lado, ressaltar uma parte sem dar qualquer atenção às demais também pode resultar em dano para o corpo. O corpo não tem todas as partes saudáveis e desempenhando seus papéis em harmonia com as demais. Essa é a principal característica de um sistema[...]” (MOORE E KEARSLEY, 2007,p.9).

Na visão sistêmica, as partes não são apenas um conjunto de elementos isolados nem a soma que compõe a sua totalidade, mas vai além, considerando uma rede, uma teia, que se for rompida, ou mal utilizada pode comprometer o sistema como um todo.

Um sistema de Educação a Distância, baseado numa visão sistêmica, inclui ensino, aprendizado, comunicação, criação e gerenciamento. Outro fator a ser considerado é que há dados externos que interferem nesse sistema e podem afetá-lo e exercer impacto tais como o político, o econômico, o pessoal, o social e o financeiro (MOORE E KEARSLEY, 2007).

Na visão de Oliveira (2010), a EAD é vista como elemento estratégico de expansão para atender às novas exigências postas pelo capitalismo flexível.

O atual momento do capitalismo flexível superou as formas tradicionais hegemônicas de produção fordista voltadas para um mercado organizado e previsível e a busca de competitividade vem exigindo um novo perfil dos trabalhadores, com ênfase na formação de competências múltiplas, na capacidade de trabalho em equipe, de aprender a adaptar-se a novas situações (OLIVEIRA, 2010, p.7).

De fato não podemos ignorar que o capitalismo, para manter a sua hegemonia e controle, muda a sua face. Sabemos que, diante das revoluções tecnológicas, da automatização, não há mais trabalho para todos. Postos de trabalho foram extintos e a mão-de-obra foi substituída pelas máquinas. Por essas razões, afirmamos que o capitalismo se alimenta de seus contrários para manter a sua força e o seu poder.

Com as máquinas ocupando o lugar de muitos homens, a lógica para manter essa engrenagem em funcionamento se dá pelo discurso da educação continuada e mão-de-obra constantemente atualizada. Como não há vagas para todos e para que não ocorra o caos é exigido a cada dia mais atualização produzindo a ilusão de que se aperfeiçoando ter-se-á emprego garantido. Isso de fato não acontece e o sujeito fica sempre em busca de mais conhecimento, que agora não é mais braçal, mas intelectual.

No entanto, nas palavras de Siqueira (2011), a sociedade capitalista deve ser entendida com limites e possibilidades e não como algo exclusivamente positivo ou negativo, conforme os apologistas e críticos radicais. Neste dualismo estão envolvidos preconceitos ideológicos que servem para justificar posições teóricas e políticas.

Com relação aos apologistas, Siqueira (2011) expõe:

Os apologistas defendem este processo como um novo tempo espaço que abre possibilidades para realização dos indivíduos através de um progresso social e econômico positivos (com melhores padrões de vida), de inovação tecnológica (maior facilidade de locomoção, de contato com o mundo, de ganho de tempo, de acesso à informação) e da liberdade cultural (SIQUEIRA, 2011, p.1).

De fato, os apologistas têm uma percepção muito clara dos desenvolvimentos técnicos propiciados pelo capitalismo global, assim como a possibilidade ampliada tanto de locomoção quanto ganho de tempo e de acesso à informação. De fato, não podemos negar que as tecnologias da informação e da comunicação alteraram por sobremaneira a vida das pessoas de modo geral, porém não minimizam as consequências econômicas e as políticas negativas para os indivíduos nesse contexto.

Quanto aos críticos radicais, assim se posiciona Siqueira (2011, p.1):

Os críticos radicais acentuam que a globalização é a responsável pelo aumento da pobreza, da violência e da destruição ambiental; é destruidora das tradições locais, provoca uma homogeneização cultural sem precedentes e subordina as regiões mais pobres às mais ricas.

Com as considerações do autor, concluímos que a contradição da sociedade da qual somos todos partícipes está posta; pois se de um lado a constante revolução das tecnologias da informação e da comunicação inaugura formas inéditas de produção, armazenamento, circulação e trocas de informação no trabalho, no entretenimento, nas relações pessoais e na forma de fazer educação, abrindo infovias no ciberespaço e conectando-nos a todo lugar sem a delimitação física e geográfica; por outro lado, elas podem acentuar ainda mais diferenças econômicas, sociais e culturais.

Nesse contexto da contradição e das possibilidades, situa-se a Educação a Distância. Nesse sentido, acreditamos que não basta apenas criticá-la, já que essa modalidade de ensino está posta e não pode mais ser negligenciada, tampouco negada. É preciso avançar na discussão. Uma das formas de avançar é buscar entender que a EAD não resolverá todos os problemas da sociedade assim como não o fez o ensino presencial. Mesmo porque não compactuamos da crença de que a educação resolverá todos os

problemas os problemas da sociedade, mas com investimento em uma educação de qualidade e pesquisa podemos potencializar os sujeitos para agir de forma crítica e participativa nessa sociedade.

Neste contexto, um passo adiante pode ser dado concebendo-se a EAD como um ato educativo com características específicas mediatizadas por tecnologias que, em tese, anunciam uma aprendizagem colaborativa e de interação entre os sujeitos a fim de promover uma educação de qualidade. No entanto, o que deve estar no centro do debate não são as tecnologias em si, pois elas carregam o potencial para novas formas de comunicação e interação; de modo que o que trará sentido e significado para essas tecnologias são as interações do professor e alunos.

Acreditamos que nesta seção, cumprimos o nosso objetivo de apresentar algumas considerações sobre a Educação a Distância, assim como dados estatísticos e reflexões pertinentes a essa modalidade de ensino que ainda é recente em nosso país, mas que está se consolidando como uma educação que visa a democratização do Ensino Superior. Cumprimos também o nosso objetivo de conceituar a Educação por meio de diversos teóricos, assim como o contexto da sociedade onde a mesma está inserida. Não foi nossa pretensão esgotar os temas aqui tratados, mas possibilitar algumas reflexões sobre o tema.

Com o intuito de prosseguir nossa trajetória rumo à interação do professor e aluno no Ambiente Virtual de Aprendizagem, julgamos necessário comentar algumas questões acerca da regulamentação da Educação a Distância em nosso país.

2.1 A Legislação da Educação a Distância no Brasil

Nosso intuito nessa breve apresentação da regulamentação da Educação a Distância no Brasil não é fazer uma análise pormenorizada dos Decretos nº 5.622 e 5.773 e da Normativa nº 40. Acreditamos, outrossim, que alguns comentários com relação aos Decretos são oportunos no sentido de informar ao leitor que a Educação a Distância está sendo construída sob os limites e possibilidades da Lei vigente no país. Uma leitura mais aprofundada e pormenorizada poderá ser obtida pelo site da Educação a Distância. Por fim, a

regulamentação da EAD ainda é um processo em construção no Brasil, nesse sentido, necessita de acompanhamento, críticas e sugestões.

As primeiras normas que sustentaram a Educação a Distância surgiram na década de 1960, sendo as duas mais significativas: o Código Brasileiro de Comunicações Decreto-Lei nº 236/67 e a LDB 5.692/71. Com relação à Lei de Diretrizes e Bases, essa abriu a probabilidade para que o Ensino Supletivo fosse transmitido mediante o ensino por correspondência e transmissão por rádio e televisão (ALVES, 2006).

Já as bases legais da legislação para a EAD, no Brasil, em seu formato atual, têm como base a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB - Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

No art. 80 da LDB 9.394/96, foram expressos os princípios gerais para desenvolver a modalidade da EAD no Brasil:

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§ 1º A educação a distância, organizada com abertura e regimes especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diplomas relativos a cursos de educação a distância.

§ 3º As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas.

§ 4º A educação a distância gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;

II - concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais.

Com a regulamentação do art. 80, a Educação a Distância deixa de ser um paliativo para atender às demandas de jovens e adultos que foram excluídos do acesso e permanência da escola regular e em idade própria para cursá-la e passa a ser regulamentada com a possibilidade de uma educação de qualidade, direito dos cidadãos, assim como dever do Estado. Assim, a

Educação a Distância deve ser entendida não apenas para atender às necessidade do indivíduo de modo particular, mas para a sociedade como um todo; ou seja atendendo ao coletivo que prima por uma educação que promova sua participação na sociedade com democracia e igualdade de direitos (NETO, 2006).

Ainda, na LDB, encontramos outros artigos que fazem menção à Educação a Distância, comentado por Neto (2006, p.400)

- a. No art. 32, §4º, o Legislador, ao determinar que o ensino fundamental seja presencial, só permite o ensino a distância, neste nível, aos casos de complementação da aprendizagem e situações emergenciais.
- b. A menção explícita da educação a distância no art. 47, o §3º, referido ao ensino superior, isentando professores e alunos da frequência obrigatória nos programas de educação a distância;
- c. O art.87, que é o inicial do Título IX- *Das disposições Transitórias*, dedicado à década da Educação (dezembro de 1997/ dezembro de 2007) – encontramos no §3º a determinação dos municípios de “ III – realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isto, os recursos da educação a distância”.
- d. A referência implícita à educação a distância no art. 37, quando ao tratar da educação de jovens e adultos, estabelece que “Os sistemas de ensino assegurarão [...] oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames”.

Em síntese, os artigos informam que no Ensino Fundamental há a possibilidade de fazê-lo a distância nos casos de complementação de aprendizagem e situações emergenciais. Com relação ao Ensino Superior não é exigida a frequência obrigatória de professores e alunos, assim como são capacitados professores e a oferta dessa modalidade de ensino para jovens e adultos.

Paralelamente à regulamentação da Educação a Distância, a pauta atual de discussão dessa modalidade de ensino se dá sob três aspectos, mencionados por Neto (2006, p. 400-401):

- a. Suas possibilidades de abertura e ampliação de oportunidades de acesso a uma educação de qualidade, como resposta adequada às exigências de mais e melhor formação em uma modernidade globalizada e competitiva.
- b. Sua consistência como solução de problemas e dificuldades colocadas pela falta de disponibilidade de tempo de candidatos a cursos de diferentes níveis e modalidades, pela exigüidade de espaços e carência quantitativa e qualitativa de agentes educacionais para o seu atendimento.
- c. Seu real valor como instrumento eficaz de renovação e mudança de paradigmas pedagógicos diante das ilimitadas potencialidades das novas tecnologias de informação e comunicação.

Tais aspectos nos chamam a atenção para as oportunidades de acesso e de uma educação de qualidade, mas sem perder de vista que essa modalidade de ensino visa suprir, também, as necessidades da sociedade atual com relação à competitividade no mercado de trabalho. Outro fator é a oportunidade de superar as dificuldades relacionadas com relação ao tempo disponível pelos alunos e, por último uma mudança nos paradigmas pedagógicos, tendo em vista que a Educação a Distância está sustentada pelas potencialidades das tecnologias da informação e comunicação que dispõe de meios para unir professor e alunos no tempo e no espaço.

Com o intuito de regulamentar o artigo 80, foi assinado o Decreto nº 2.494/98 e, posteriormente, modificado pelo Decreto 2.561/98. Com base nos dois Decretos ocorreram os primeiros credenciamentos dos cursos de graduação a distância. Esses por sua vez foram revogados pelo Decreto nº 5.622/05 que será comentado a seguir.

2.1.1 Decreto 5.622/05

O Decreto nº 5.622/05, de 19 de dezembro de 2005, regulamenta o art. 80 da LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Esse Decreto está organizado em seis capítulos e 37 artigos que, nesta dissertação, não serão comentados na íntegra. Faremos menção apenas àqueles artigos que julgamos pertinentes para esse trabalho.

O capítulo I que trata das disposições gerais em seu art. 1º caracteriza a EAD como modalidade educacional.

Art. 1º Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, MEC, 2010).

Destacamos este artigo porque ele apresenta o núcleo central da estruturação da EAD que é caracterizada pela separação temporal e geográfica de alunos e professores, assim como expressa que o processo de ensino e aprendizagem dar-se-á com a utilização das TIC. Em segundo lugar, porque este artigo permite uma reflexão acerca dos papéis de professores e alunos nessa modalidade de ensino. Esses papéis serão tratados na seção 4 desta dissertação.

O art. 1º, em parágrafo primeiro, do capítulo I prevê que a Educação a Distância organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, sendo prevista, ainda, a obrigatoriedade de momentos presenciais nas seguintes situações:

- I avaliações de estudantes;
- II estágios obrigatórios, quando previstos na legislação pertinente;
- III defesa de trabalhos de conclusão de curso, quando previstos na legislação pertinente; e
- IV atividades relacionadas a laboratórios de ensino, quando for o caso (BRASIL, MEC, 2010)

Na análise de Alves (2006), a obrigatoriedade de momentos presenciais, exigida pelo Decreto 5.622/05, contradiz a EAD na atualidade, entendendo que a mesma possui de meios confiáveis para a sua avaliação.

Esses meios seriam provenientes das novas tecnologias da informação e comunicação que oferecem recursos e ferramentas para uma avaliação totalmente a distância.

As críticas podem ser observadas também por Neto (2006) com relação à exigência dos exames presenciais contempladas no Decreto. O autor considera que essa normativa está apoiada ainda na crença de que em público fica mais difícil fraudar.

Essas críticas estão subsidiadas na exigência do artigo 4, quanto à avaliação do desempenho dos estudantes para fins de promoção, conclusão e obtenção de certificados. Assim preconiza o artigo:

I cumprimento das atividades programadas; e

II realização de exames presenciais.

§ 1º Os exames citados no inciso II serão elaborados pela própria instituição de ensino credenciada, segundo procedimentos e critérios definidos no projeto pedagógico do curso ou programa.

§ 2º Os resultados dos exames citados no inciso II deverão prevalecer sobre os demais resultados obtidos em quaisquer outras formas de avaliação a distância.

De fato, as Instituições de Ensino Superior são submetidas às exigências de momentos presenciais tanto para as provas presenciais quanto para as atividades programadas. Esses momentos dar-se-ão nos polos cadastrados pelas instituições. Muitos alunos optam pela Educação a Distância justamente por não disporem de tempo, ou porque moram em lugares distantes das instituições de ensino ou dos polos de apoio presencial. Abaixo, está transcrito o e-mail de uma aluna da Instituição pesquisada que ressalta essa impossibilidade de deslocar-se para cumprir as exigências do Decreto.

Pergunta da aluna:

[10:58]: Bom dia Prof.!Eu moro em Ortigueira como já disse, fica +ou - uns 230 km de Porecatu que é meu polo. E como fica a atividade presencial que deve ser entregue no polo? É muito longe, não tem como ir 2 vezes no mês. Como fica essa questão para os alunos que moram longe? Um abraço

Resposta da professora:

Olá. Como estamos sob uma exigência do MEC não podemos alterar o que foi estabelecido por esse Ministério. Eu entendo que a distância geográfica a impede de realizar as APOs no polo. Essas atividades valem (0,5) meio ponto. Não realizando-as você não teria essa nota na média final. Você terá que decidir se fará ou não as atividades. É uma escolha pessoal. Dúvidas, estou à disposição.

O diálogo da aluna com a professora, por meio do e-mail, demonstra a preocupação da primeira em relação ao deslocamento para realizar a atividade

denominada Atividade Presencial Obrigatória - APO. Essa atividade é uma exigência do art. 4, item I.

Todos os alunos, obrigatoriamente, devem estar presentes no polo, ao menos duas vezes a cada disciplina cursada para realizar a atividade programada e também, a prova presencial. Muitos alunos não concordam com a exigência e argumentam que ao optar pela Educação a Distância o fizeram justamente por não haver a obrigatoriedade da presença física além do dia da prova presencial. O desconhecimento da exigência do Decreto em questão causa, muitas vezes, insatisfação e desmotivação do aluno com relação ao curso indicando evasão conforme já abordado anteriormente.

O e-mail nos remete, também, à importância dos polos para o aprendizado do aluno, uma vez que esse é o local de atendimento das diversas necessidades do aluno. O polo é um elo entre o aluno com a Instituição e também um local de apoio para realizar as atividades, estudar em grupo e acessar a internet com banda larga. No capítulo 5 desta dissertação, veremos a importância desse local para o aprendizado, uma vez que alguns alunos assistiram às aulas ao vivo nesse local.

Ainda com relação aos polos de atendimento presencial, por meio do Sistema de Consulta de Instituições Credenciadas para Educação a Distância e Polos de Apoio Presencial – Siead é possível verificar as Instituições credenciadas pelo MEC, assim como os polos que estão contemplados no art. 10, parágrafo 2º, do Decreto 5.622/05.

§ 2º As atividades presenciais obrigatórias, compreendendo avaliação, estágios, defesa de trabalhos ou prática em laboratório, conforme o art. 1º, § 1º, serão realizados na sede da instituição ou nos pólos de apoio presencial, devidamente credenciados (BRASIL, MEC, 2010).

No site do Siead é possível realizar uma consulta dos polos e instituições credenciadas pelo MEC, conforme Figura 1:

The image shows the 'e-MEC Módulo EAD' interface. At the top, there's a header with 'Educação Ministério da Educação' and the 'e-MEC' logo. Below this, there are two tabs: 'PÓLOS' and 'INSTITUIÇÕES'. The 'PÓLOS' tab is selected, leading to the 'Consulta de Pólos' section. This section features a map of Brazil with the state of Paraná highlighted in orange. Below the map, there are three dropdown menus: 'Região' (SUL), 'UF' (Paraná), and 'Município' (MARINGÁ). A 'Pesquisar' button is located at the bottom of these fields. A 'Saiba mais' link is also present in the top right corner of the map area.

FIGURA 1: Consulta de Polos e Instituições Cadastradas Pelo Mec. Fonte disponível (:<http://siead.mec.gov.br/novosiead/web/site/#tab=0>.)

Essa consulta pode ser acessada por qualquer pessoa que esteja interessada em buscar informações sobre as Instituições e polos cadastrados pelo MEC para a oferta de cursos de graduação na Educação a Distância. Os campos (Região: UF: Município) foram preenchidos por nós simulando a busca de polos cadastrados no Estado do Paraná. A mesma busca pode ocorrer com relação às instituições.

Ainda com relação aos artigos, o art. 5º regulamenta a emissão de diplomas e certificados

Art. 5º Os diplomas e certificados de cursos e programas a distância, expedidos por instituições credenciadas e registrados na forma da lei, terão validade nacional.

Parágrafo único. A emissão e registro de diplomas de cursos e programas a distância deverão ser realizados conforme legislação educacional pertinente.

Com relação aos diplomas e certificados esses merecem comentários por duas questões que se complementam. A primeira delas é que esses diplomas podem ser expedidos pela Instituições de Ensino no momento da conclusão do curso, e para serem legalmente aceitos é preciso que a Instituição seja devidamente reconhecida após avaliação do MEC.

Outra questão é o preconceito que ainda existe com relação à Educação a Distância, nesse sentido, na emissão dos diplomas não há a diferenciação se o curso foi realizado na forma presencial ou a distância.

Ainda ao que se refere o Decreto. 5.622/05, Alves (2006) comunica que o mesmo possui aspectos positivos e negativos. Mesmo assim, ainda é preciso muitos avanços para seu aperfeiçoamento. No entendimento da autora, ainda há muito a ser feito para que a EAD seja, de fato, um dos meios para a democratização de ensino de qualidade no país, evidenciado alguns pontos positivos e negativos deste Decreto. Comentaremos esses pontos, sem o intuito de esclarecer os motivos, mas para termos uma visão ampliada deste decreto.

No Quadro 2 estão apresentados os aspectos positivos e negativos sem ordem de importância ou relevância:

ASPECTOS POSITIVOS	ASPECTOS NEGATIVOS
Possibilidades de mestrados e doutorados a distância	Respeito parcial ao princípio da autonomia dos sistemas de ensino
Credenciamento de instituições de pesquisa científica e tecnológicas	Desrespeito à autonomia universitária
Validade Nacional dos certificados	Ensino Fundamental e Médio regular não-contemplado
Sistema de informação aberto ao público	Limitação geográfica dos alunos da EAD

	Consórcios e parcerias
	Reconhecimento de estudos realizados no exterior
	Exames de certificação na educação básica
	Duração de programas de EAD
	Exigência de momentos presenciais
	Níveis e modalidades permitidos
	Roteiro para os pedidos de credenciamento institucional
	Início de funcionamento dos cursos e programas
	Cursos superiores nas áreas de saúde e de direito

Quadro 2: Aspectos positivos e negativos do Decreto 5.622/05

Com a apresentação dos aspectos positivos e negativos do Decreto 5.622/05, observamos quatro aspectos positivos contra 13 aspectos negativos. Essa diferença nos permite inferir que a discussão do Decreto engloba uma série de questões que merecem ser discutidas, mas que não cabem em nosso estudo.

Farias (2006, p. 448), assim define o Decreto 5.622/05:

Diante de tantos dispositivos transitórios contidos no Decreto 5.622, pela mudança abrupta de regras sobre a EAD entre a regulamentação atual e a anterior, pelo excesso de regulamentação em alguns aspectos e mesmo por lacunas de regulamentação em outros, podemos concluir que a legislação da EAD em nosso país está em constante processo de transformação, tal como a própria dinâmica da educação a distância. Para muitos essa regulamentação excessiva provoca perda de flexibilidade do método de ensino, e a demora na regulamentação da pós-graduação *stricto sensu* provoca atrasos nos programas.

Os comentários de Farias reafirmam o nosso posicionamento quanto à complexidade do Decreto como um processo em transformação.

Com essa breve apresentação, encerramos a discussão sobre o Decreto 5.622/05.

2.1.2 Decreto 5.733/06

Abordaremos, o Decreto 5.733/06 que regulamenta, supervisiona e avalia as Instituições de Ensino Superior.

O Decreto N.º 5.773, de 09 de maio de 2006, dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e seqüenciais no sistema federal de ensino (BRASIL MEC, 2010).

Esse decreto normatiza a vida das Instituições, por isso, julgamos importante comentá-lo em nosso estudo. Para a oferta de curso de graduação, as faculdades privadas dependem de autorização do Ministério da Educação. Para as Universidades e Centros Universitários, que possuem autonomia, essa autorização não é exigida, exceto para os cursos de Medicina, Odontologia, Psicologia e Direito. Vale ressaltar que todas as Instituições devem informar ao MEC quais os cursos abertos com a finalidade de supervisão, avaliação e reconhecimento (BRASIL, MEC, 2010).

Essa autonomia concedida às Universidades e centros Universitários se dá pelo art. 28:

Art. 28. As universidades e centros universitários, nos limites de sua autonomia, observado o disposto nos §§ 2º e 3º deste artigo, independem de autorização para funcionamento de curso superior, devendo informar à Secretaria competente os cursos abertos para fins de supervisão, avaliação e posterior reconhecimento, no prazo de sessenta dias (BRASIL, MEC, 2010).

Os parágrafos 2º e 3º, mencionados no art. 28, referem-se, especificamente, aos cursos de Medicina, Odontologia e Psicologia em

universidades e centros universitários que deverão ser submetidos sob a autorização do Ministério da Educação.

No art.12 - as Instituições de Educação Superior, de acordo com sua organização e respectivas prerrogativas acadêmicas, serão credenciadas como: faculdades, centros universitários e universidades. Só após estar com funcionamento regular e com padrão de qualidade satisfatório é que as faculdades privadas poderão solicitar um novo credenciamento para centro universitário e universidade.

O credenciamento específico para a oferta da Educação a Distância encontra-se no mesmo Decreto em seus respectivos parágrafos:

§ 1º O pedido observará os requisitos pertinentes ao credenciamento de instituições e será instruído pela Secretaria de Educação Superior ou pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, conforme o caso, com a colaboração da Secretaria de Educação a Distância.

§ 2º O pedido de credenciamento de instituição de educação superior para a oferta de educação a distância deve ser instruído com o comprovante do recolhimento da taxa de avaliação in loco e documentos referidos em regulamentação específica.

§ 3º Aplicam-se, no que couber, as disposições que regem o credenciamento e o credenciamento de instituições de educação superior (BRASIL, MEC, 2010).

As Instituições de Ensino Superior, tanto nos cursos presenciais como a distância, têm passado pelo processo de avaliação. O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – Sinaes será operacionalizado pelo Inep– Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

O reconhecimento deve ser solicitado pela Instituição de Ensino quando o curso de graduação tiver completado 50% de sua carga horária (e antes de completar 75% da carga horária). A Instituição pesquisada já possui 50% da carga total do curso, portanto já protocolou junto ao MEC o pedido de reconhecimento do curso e aguarda a visita dos avaliadores. Esse pedido de reconhecimento está disponível no e-MEC de acordo com a Portaria nº 40/2007.

A Portaria normativa nº 40, de 12 de dezembro de 2007 institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação da Educação Superior no sistema federal.

O Cadastro da Educação Superior- e-MEC é uma ferramenta que permite a qualquer pessoa a consulta dos dados sobre Instituições do Ensino Superior. É possível pesquisar informações sobre as universidades, centros universitários e faculdades vinculadas ao sistema federal de ensino, que abrange as instituições públicas federais e todas as Instituições privadas de Ensino Superior do país (BRASIL, MEC, 2011).

Essa avaliação se faz necessária no sentido de garantir a qualidade de ensino nessas Instituições. A EAD só será consolidada no Brasil como educação de qualidade, se o poder público garantir regulação e supervisão adequada das instituições e polos de apoio presencial e, ao mesmo tempo, as instituições avançarem em pesquisas inovadoras.

O reconhecimento do curso é condição necessária para a validação de nacional dos diplomas emitidos pela instituição, assim como a continuidade da oferta dos cursos. A renovação do reconhecimento deve ser solicitada pela instituição de ensino a cada ciclo avaliativo do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – Sinaes (BRASIL, MEC, 2010).

No Decreto 5.733, essa avaliação está contemplada no art. 58, § 1º:

- I - avaliação interna das instituições de educação superior;
- II - avaliação externa das instituições de educação superior;
- III - avaliação dos cursos de graduação; e
- IV - avaliação do desempenho acadêmico dos estudantes de cursos de graduação.

Os objetivos do Sinaes obedecem ao disposto no art. 1º da Lei nº 10.861, de 2004 § 1º:

O SINAES tem por finalidades a melhoria da qualidade da educação superior, a orientação da expansão da sua oferta, o aumento permanente da sua eficácia institucional e efetividade acadêmica e social e, especialmente, a promoção do aprofundamento dos compromissos e responsabilidades sociais das instituições de educação superior, por meio da valorização de sua missão pública, da promoção dos valores democráticos, do respeito à diferença e à diversidade, da afirmação da autonomia e da identidade institucional (BRASIL, MEC, 2010)

Durante o processo de avaliação do MEC são avaliadas três dimensões que compreendem notas de 1 a 5. A dimensão 1 se dá para a Organização didático-pedagógica do curso; a dimensão 2 para o corpo docente e a dimensão 3 para as instalações físicas.

Com relação ao desempenho acadêmico dos estudantes está definido no art. 5º da Lei nº 10.861, de 2004: (art. 5º) A avaliação do desempenho dos estudantes dos cursos de graduação será realizada mediante aplicação do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes - Enade.

Acreditamos que a Educação a Distância, com a sua devida regulamentação, passou a ser considerada como acesso a uma educação de qualidade, direito do cidadão e dever do Estado, possibilitando o ingresso ao Ensino Superior a um grande número de pessoas que não tiveram acesso ao Ensino Superior no ensino presencial. A Educação a Distância só ganha sentido quando pensada como ampliação das possibilidades de acesso à educação e quando apresentada como fator de democratização da educação e do conhecimento. Os Decretos combinam autonomia e excesso de regulamentação o que contribui de certa forma com os índices de evasão por parte dos alunos, mas para que tenhamos de fato uma educação de qualidade é preciso regulamentação e avaliação das Instituições de Ensino.

2.2 A TRANSMISSÃO DOS SABERES

Antes de chegarmos à revolução da Tecnologia da Informação e Comunicação - TIC como portadoras últimas dos meios de comunicação e de interação faz-se necessário um rápido olhar na trajetória da humanidade com relação à transmissão dos saberes produzidos e acumulados. A comunicação é uma das necessidades primordiais do ser humano e, ao longo da evolução humana, o homem tem deixado marcas impressas que representam seu trabalho, sua forma de contagem, sua visão de mundo e acúmulo do conhecimento humano.

Assim, não podemos menosprezar os elementos históricos nesse processo, que concordamos com Scherer (2005):

Ao educar, seja presencialmente ou a distância, é importante não destruir o que já foi construído, mas modificá-lo,

incorporando novos elementos. Ao destruir, matamos a história. Ao modificar, analisamos o conhecido, conservamos a sua essência, inserimos o novo, e as consequências das escolhas feitas, fazem a história (SCHERER, 2005, p.46).

Calcula-se que os homens falam há aproximadamente 30 mil anos, e que a linguagem escrita é extremamente recente e, desde a pré-história, o homem sentiu a necessidade de registrar seu conhecimento (RAMAL, 2002). “[...] Talvez as primeiras representações pictóricas imersivas realizadas pelo ser humano tenham sido as figuras rupestres encontradas na caverna de Lascaux na França (ZUFFO, 2009, p.332)”. As pinturas nas cavernas foram encontradas em 1942 e tem 17.000 anos.

Os primeiros indícios que tratam dos registros são destinados à contabilidade de animas e pessoas e datam de 6 mil anos.

Os primeiros traços, limitados a registros contáveis – do número de escravos ou de cabeças de gado, como se fazia nas plaquetas de Uruk, no Oriente Médio-, datam de seis mil anos. Os mais antigos textos do mundo foram encontrados no templo de Eanna (deusa maior, equivalente a Ishtar, Vênus), em 3300 a.C., na Suméria, em Uruk (cidade situada ao sul do atual Iraque). Mais recente é a escrita da linguagem que tenta representar a fala, isto é, a linguagem oracional: sua origem está estimada em torno de três a quatro mil anos atrás (RAMAL, 2002, p.32)

No entanto, o grande impulso para a expansão grafada foi a revolução de Gutenberg. Antes da imprensa, em meados do século XV, um texto só podia ser reproduzido se fosse copiado à mão pelos escribas. Com a novidade da época, o custo e o tempo gastos para a reprodução foram reduzidos. Apesar disso, até a metade do século XVIII, nas sociedades europeias, o número de livros acessíveis era restrito, sendo a Bíblia o principal deles. Apenas entre 1700 e 1850, ocorreu uma mudança significativa na maneira de ler: a escrita começou a se laicizar emancipando-se das celebrações religiosas e passando a circular entre as pessoas como um texto impresso (RAMAL, 2002).

Com a escrita as relações entre indivíduo e a memória social mudam. O sujeito sai de si para projetar, num material concreto, a sua visão de mundo, cultura fazendo com que essas informações e conhecimentos circulem entre outros homens e outras culturas, para além de seu tempo. Em lugar do

horizonte do eterno retorno das narrativas orais, a escrita traz consigo o sentido de linearidade.

Assim como a escrita alterou a vida das cidades e das pessoas, a ponto de pensarmos ser inconcebível viver sem ela, o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação reconfigura, atualmente, a sociedade como um todo, pois o espaço virtual abre possibilidades de comunicação, pois de acordo com (LÉVY, 1999, p.75):

Um mundo virtual, no sentido amplo, é um universo de possibilidades, calculáveis a partir de um modelo digital. Ao interagir com o mundo virtual, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente. Quando as interações podem enriquecer ou modificar o modelo, o mundo virtual torna-se um vetor de inteligência e criação coletivas.

Para Lévy (1999), há três categorias de dispositivos comunicacionais, a saber: um-um, um-todos e todos-todos. A comunicação um-todos conta um emissor que envia suas mensagens para receptores passivos (imprensa, rádio e televisão). A comunicação um-um trata-se das relações recíprocas entre emissor e receptor, mas apenas de um indivíduo para o outro (telefone). No ciberespaço, o modelo comunicacional todos-todos ganham ressignificação, pois todas as partes em contato podem ocupar concomitantemente as duas posições tanto de emissor quanto de receptor, estabelecendo uma nova forma de interação.

É nesse ponto que a EAD via *web* se sobressai: a rede integra e condensa nela todos os recursos de todas as formas de comunicação. A linguagem da *web* – a hipermídia – permite a incorporação de hipertextos, gráficos, sons, imagens e animações. Tudo isso torna a comunicação extremamente dinâmica (DIAS; LEITE, 2010, p.34).

Com as novas formas de comunicação, mudam também a produção dos saberes, por isso vivemos numa sociedade que convive com a oralidade, a escrita e a informática. Nesse sentido, uma tecnologia não exclui a outra. Assim, o conhecimento e o aprendizado estão diretamente associados às tecnologias disponíveis em determinado período histórico.

Desta forma, para Lévy (1993), o espírito humano passou e está passando por três polos na sua busca pelo conhecimento: o polo da oralidade,

o polo da escrita e o polo informático-mediático. No polo da oralidade primária, os homens partilhavam o mesmo contexto; no polo da escrita, surgia a possibilidade do distanciamento entre a produção e a recepção do texto em situações e épocas diferentes e, hoje, no polo informático-mediático, estamos todos conectados em rede dividindo o mesmo hipertexto com novos conceitos de espaço e tempo das mensagens.

No polo informático-mediático, encontramos o hipertexto que é algo que está numa posição superior à do texto, que vai além dele.

[...] Dentro do hipertexto existem vários links que permitem tecer o caminho para outras janelas, conectando algumas expressões com novos textos, fazendo com que estes se distanciem da linearidade da página e se pareçam mais com uma rede. Na internet, cada homepage é um hipertexto – clicando em certas palavras vamos para novos trechos, novas páginas e vamos construindo, nós mesmos uma espécie de texto. [...] (RAMAL, 2002, p.84).

Mesmo com o avanço das tecnologias, os polos ainda coexistem, pois ainda que usemos o computador, o celular, *tablet*, *klinde* e outros recursos e façamos deles nosso suporte de pesquisa, de relacionamento, de trabalho, de informação e de educação (polo Informático-mediático), compramos e lemos livros (polo da escrita); e contamos histórias (polo da oralidade primária). Assim, as tecnologias constituem novas formas de pensar e aprender. No entanto, elas não excluem a oralidade e a escrita, que estão presentes com maior ou menor intensidade em diferentes contextos.

Para Castels (2003, p.287), o fenômeno da internet pode ser expresso da seguinte forma:

Internet é sociedade, expressa em processos sociais, os interesses sociais, os valores sociais, as instituições sociais.[...] é a infra-estrutura tecnológica da sociedade e o meio organizativo que permitem o desenvolvimento de uma série de novas formas de relação social que não tem origem na internet, que são fruto de uma série de mudanças históricas, mas que não poderiam se desenvolver sem a internet.

A internet nos propicia uma nova reconfiguração de tempo e espaço, pois ao navegarmos pelo ciberespaço, potencializamos nossa rede de contatos, interagimos com as pessoas e com a informação em tempo real.

Essa nova dimensão da vida humana, está distribuída no ciberespaço, que é assim definido por Lévy (1999, p.17)

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

A internet utiliza do ciberespaço e de suas infovias, que transcendem o tempo e o espaço, e se tornam, potencialmente, um espaço de interação entre as pessoas que circulam em busca de diferentes saberes.

O ciberespaço tende a ser ampliado e acessível para todos ou para muitos, assim como hoje é o telefone, a televisão. Esse novo espaço aparece mais como uma opção e meio para o desenvolvimento de novos saberes, permitindo viver situações nômades, circulantes com limites transcendentais e movimentos diagonais (TAJRA, 2002, p.34).

Neste contexto, enquanto resultado do processo cultural dos homens o ciberespaço é sustentado pelo movimento humano e é capaz de gerar novas oportunidades, possibilitando agir e pensar coletivamente e realizar relações de forma interativa e em tempo real, oportunizando a criação de uma inteligência coletiva.

Ramal (2006) afirma que a cibercultura permite gerenciar novos processos de aprendizagem. As oportunidades de comunicação são múltiplas, pois haverá momentos em que alunos e professores estarão conectados ao mesmo tempo. Informa, ainda, que os cursos a distância são uma possibilidade de polifonia para reverter a relação monológica de salas de aula presencial onde o professor entra para ensinar e aos alunos cabe ouvir.

Para Lévy (1999, p.172), com o uso das tecnologias alteram-se as relações com os saber e os papéis de professor e aluno:

O uso crescente das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa acompanha e amplifica uma profunda mutação na relação com o saber. Ao prolongar determinadas capacidades cognitivas humanas (memória, imaginação, percepção), as tecnologias intelectuais com suporte digital redefinem seu alcance, seu significado. [...] As novas

possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração em rede oferecidas pelo ciberespaço colocam novamente em questão o funcionamento das instituições. [...] Como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses novos processos de transmissão de conhecimento? Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno.

Enquanto resultado do processo cultural dos homens, o ciberespaço é sustentado pelo movimento humano, sendo capaz de gerar novas oportunidades de agir e pensar coletivamente e realizar comunicações de forma interativa e em tempo real. Com relação à EAD, é preciso se atentar para esses novos enfoques de interação entre professor e aluno. Caso contrário, a EAD pode tornar-se, segundo as palavras de Menezes, (2011, p.7) "[...] a mera reprodução do ensino presencial mediado pelas tecnologias de informação e comunicação".

Essas breves considerações nos permitem compreender, em alguma medida, as formas de comunicação humana e seu registro por meio dos tempos. Cada período histórico possui seus códigos específicos, segundo sua evolução para transmitir aos pósteros seu pensamento e sua organização social. Das formas mais rústicas às mais desenvolvidas tecnologicamente o homem sempre deixou gravado sua concepção de mundo e de vida. O três polos da oralidade, da escrita e do informático-mediático ainda coexistem em maior ou menor grau dependendo das condições de desenvolvimento de uma sociedade.

Considerando as distâncias geográficas de nosso país e o entendimento de que as novas tecnologias não chegaram a todos os lugares, cabe a nós a seguinte pergunta: as primeiras gerações da EAD sustentadas pelo ensino por correspondência, a transmissão pelo rádio e a TV na segunda geração deixaram de existir por conta do desenvolvimento de novas tecnologias? Esse será o nosso próximo assunto que será abordado a partir dos dados do CensoEAD.Br 2009.

2.2.1 O uso das tecnologias na Educação a Distância

Conforme já anunciado no capítulo 2 desta dissertação, o CensoEAD.Br 2009 – Relatório Analítico da Educação a Distância no Brasil que é elaborado pela Associação Brasileira de Educação a Distância –ABED visa um estudo de dados estatísticos, assim como algumas interpretações e reflexões sobre essa modalidade de ensino no nosso país. Dentre o levantamento desse estudo está o uso das tecnologias e mídias utilizadas pelas Instituições da Educação a Distância em 2009.

Cabe informar, ainda, que o estudo elaborado pela ABED é realizado apenas com as Instituições credenciadas pelo Ministério da Educação - MEC e a compilação dos dados recolhidos depende da colaboração dessas entidades.

O CensoEAD.br não tem a pretensão de ser uma coletânea exhaustiva para registrar a situação ou a condição dessa modalidade educacional no país, devido à voluntária colaboração na coleta de dados. Não sendo uma entidade governamental, com o poder de exigir respostas e seus enquetes, a Abed depende da boa vontade, da seriedade, da transparência e do sentimento de responsabilidade social[...] de entidades públicas, privadas, acadêmicas e corporativas[...] (LITTO, 2009, prefácio).

Com relação ao uso das tecnologias, Campos (2009) apresentam algumas tecnologias em ordem descendente da mais utilizada para a menos utilizada pelas instituições que responderam o questionário: Internet de forma assíncrona, mix de tecnologias incluindo material impresso, internet de forma assíncrona, vídeo pré-gravado, CD-Rom, vídeo transmitido em tempo real e retorno com áudio, vídeo com interatividade, áudio em uma via. Com relação às mídias mais utilizadas, mantêm a mesma ordem descendente: *E-Learning*, material impresso, videoconferência, CD, satélite, vídeo, DVD, teleconferência, rádio, redes sociais, televisão e telefone celular.

Na atualidade, as novas tecnologias promovem a comunicação todos-todos, com base na aprendizagem colaborativa, na criação de comunidades virtuais com interação entre os participantes em tempos simultâneos conectados em rede e com a possibilidade de não serem apenas receptores,

mas coautores das mensagens. No entanto, na primeira e segunda gerações da EAD, o processo de aprendizagem se dava no modelo um-um. É o que veremos a seguir com o ensino por correspondência.

2.2.2 O Ensino por Correspondência

Para Moore e Kearsley (2008), no imaginário de algumas pessoas a Educação a Distância teve início com a invenção da internet, e só é possível ter clareza sobre ela na atualidade, conhecendo o seu fundo histórico. Para os autores, a Educação a Distância evoluiu ao longo de cinco gerações. A primeira geração seria o ensino por correspondência em casa ou no trabalho proporcionando uma educação individualizada a distância.

Para Palhares (2009), a evolução da EAD se dá por ondas, considerando que as suas fases não têm caráter estanque e são como ondas do mar, não sendo possível identificar o início ou fim delas. A onda por correspondência, segundo o autor, foi a mais longa até hoje; teve seu início em meados do século XIX e seu desaparecimento ocorreu por volta da década de 1990.

Na visão de Peters (2006), o ensino por correspondência tem longa tradição, começando por Platão, chegando até o Apóstolo Paulo quando escreveu suas epístolas aos romanos com o intuito de divulgar o cristianismo. Entre os europeus eruditos, a comunicação e a divulgação dos conhecimentos por meio de cartas era uma prática normal. Com a introdução do ensino obrigatório universal esse círculo se ampliou. No século XIX, com o sistema de tráfego de trens organizado, o modelo de correspondência fica ainda mais confiável e torna-se o meio de comunicação mais importante para vencer a distância entre docentes e discentes.

[...] Com isso se desenvolveu, pela primeira vez, um método específico para o ensino a distância, cujo objetivo era vencer o sentimento de isolamento dos discentes, aproximando-os dos docentes ao menos na imaginação (PETERS, 2006, p.50).

Reconsiderando o fundo histórico proposto por Moore e Kearsley (2007), a Educação a Distância teve início em 1880 com cursos de correspondência, também denominados de estudo em casa pelas primeiras escolas com fins lucrativos, e estudo independente pelas universidades. Isso só foi possível, em grande parte, pela expansão das redes ferroviárias e serviços postais baratos e confiáveis.

O motivo principal para os primeiros educadores por correspondência era a visão de usar a tecnologia para chegar até aqueles que de outro modo não poderiam se beneficiar dela. Naquele tempo isso incluía as mulheres, e, talvez por essa razão elas desempenharam um papel importante na história da educação a distância.[...] uma líder notável foi Anna Eliot Ticknor, que já em 1873, criou uma das primeiras escolas de estudo em casa [...] A finalidade dessa escola era ajudar as mulheres, a quem era negado em grande parte o acesso às instituições educacionais formais, a terem a oportunidade de estudar por meio de materiais entregues em suas residências[...] (MOORE E KEARSLEY, 2007, p.27)

Independentemente de não haver consenso entre os autores, com relação ao pano de fundo histórico que tenha impulsionado o surgimento da EAD, de modo geral, observamos que mudanças na vida social levaram o homem a buscar soluções para se adaptar às exigências que se encontravam em determinado período histórico. Por outro lado, os meios de transporte foram um dos responsáveis pela expansão dessa modalidade de ensino.

Para Kpnis (2009), a história da EAD no Brasil é um recente despertar datado no século XX com a oferta de cursos profissionalizantes pelas instituições privadas com base nos materiais impressos, distribuídos por correspondência. Esse modelo é consolidado na década de 1940 com a criação do Instituto Monitor (1939) e o Instituto Universal Brasileiro. Tanto no Instituto Monitor quanto no Instituto Universal Brasileiro o objetivo foi o mesmo, ou seja: a iniciação do profissional em áreas técnicas.

Nos EUA, em 1941, a educação por correspondência chegou às forças armadas. Em 1966, os States Armed Forces Institute (USAFI) ofereciam mais de 200 cursos por correspondência que abrangiam o Ensino Médio, Superior, Técnico e vocacional. Mais de 7 milhões de membros das forças Armadas fizeram cursos a distância antes do USAFI fechar em 1974: “[...] o USAFI foi o pioneiro na informatização das notas das tarefas, na disponibilização durante

24 horas por dia de um serviço de orientação e do uso de grupos de orientadores vinculados ao currículo do curso por correspondência” (MOORE E KEARSLEY, 2007, p.31).

Os cursos por correspondência eram econômicos tanto para o aluno quanto para as instituições; pois a forma de ensino e aprendizagem utilizava apenas o material impresso. Nesse sentido, esses cursos representavam uma alternativa para uma mudança de vida social e profissional, porém “[...] Os cursos por correspondência [...] não permitem interação, discussão ou trabalhos em equipe entre os alunos, porque toda a comunicação se dá diretamente entre o aprendiz e a instituição” (LITTO, 2010, p.27).

A falta de interação nos cursos por correspondência se dá pela impossibilidade de professor e aluno estarem em contato presencial. Os materiais impressos eram levados até o aprendiz pelo correio e depois esses eram devolvidos também pelo correio e a instituição fazia as correções não estabelecendo um elo entre professor e o aluno. Apresentaremos a seguir, algumas considerações sobre o rádio e a TV.

2.2.3 O Rádio

A segunda geração da Educação a Distância se deu no início do século XX e foi caracterizada pelo uso de mídias de comunicação, fitas de áudio, conferências por telefone, rádio e televisão. Fundações privadas e organizações não-governamentais iniciaram os cursos supletivos a distância. Essas iniciativas com recursos televisivos, conhecidos como Telecursos, foram desenvolvidos desde a década de 1960, com maior expressão nas décadas de 1970 e 1980 com material impresso e aulas transmitidas pela televisão. Nesse mesmo período, abrem-se caminhos para a teleconferência, via satélite (TORRES E FIALHO, 2009).

Quando o rádio surgiu como uma nova tecnologia no início do século XX, os educadores reagiram com otimismo diante da novidade que essa tecnologia apresentava. A primeira autorização para o funcionamento de uma emissora educacional foi concedida pelo governo federal em 1921 para a Universidade de Salt Lake City e, posteriormente, em 1925 para a State

University of Iowa, ambos nos Estados Unidos da América do Norte (MOORE E KEARSLEY, 2008).

Apesar do entusiasmo inicial dos professores, essa nova tecnologia não fez jus às expectativas. Tanto o corpo docente quanto a direção das Universidades demonstraram interesse restrito e passaram a ver o rádio como um recurso “mediocre” e que passou a ser “[...] exibido pelas emissoras comerciais que desejam os cursos como um meio para conseguir anúncios” (MOORE E KEARSLEY, 2008, p.32).

No Brasil, as experiências educativas pelo rádio foram desenvolvidas entre as décadas de 60 e 70 e tiveram caráter predominantemente instrucional com oferta de cursos destinados à alfabetização de adultos; cursos supletivos; cursos de saúde e higiene, moral e cívica e capacitação para o trabalho como técnicas agrícolas e organização sindical. Tratava-se de um modelo técnico-educativo oferecido pelas secretarias estaduais de ensino e pela igreja católica.

Nesse período, dois sistemas merecem destaque: o Movimento de Educação de Base- MEB idealizado pela igreja católica em 1961 e o Projeto Minerva idealizado pelo Ministério da Educação. O MEB combinava cursos formais instrucionais com conscientização, educação sindicalista voltados para a população rural. Eram formados em sintonia com a realidade da população a ser atendida. “[...] O MEB adotou a concepção pedagógica humanista baseada nos princípios filosóficos de da ação libertadora de Paulo Freire” (BIANCO, 2009, p.59)

O projeto Minerva, criado em 1970 pelo Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, seguiu direção oposta à filosofia da abordagem humanista. Utilizava-se do tempo gratuito que as emissoras comerciais têm a obrigação de destinar aos programas educativos. O Projeto Minerva oferecia ensino supletivo para adolescentes e adultos e ficava a cargo das Fundações Padre Anchieta (SP) e Padre Landell de Moura (RS). Essa regionalização impediu o sucesso do Projeto Minerva, pois não respondia à diversidade cultural e nem às necessidades e interesses de cada região do país.

De acordo com a síntese de Bianco (2009), o índice de evasão era alto, pois pouco se exploravam os recursos da linguagem radiofônica, além da abordagem do conteúdo estar acima das possibilidades de acompanhamento,

mas, sobretudo faltava o caráter pessoal da comunicação dessa nova tecnologia.

Para Litto (2010), os programas de radiodifusão têm grande importância em países em desenvolvimento porque atingem grande número de pessoas em dimensões geográficas dispersas, no entanto, promovem baixa interação entre professor e aluno. “[...] A segunda geração, de transmissão por rádio e televisão, teve pouca ou nenhuma interação de professores com alunos [...], porém agregou as dimensões oral e visual à apresentação de informações aos alunos a distância.” (MOORE E KEARSLEY, 2007, p.47).

Desde 1980, o rádio adquiriu um novo sentido no Brasil com as organizações populares e não-governamentais que passaram a manejar e a controlar essa tecnologia para transmitir suas mensagens de caráter libertador e mostravam novas formas de expressão e comunicação social. Nas décadas de 1990 e 2000 vários projetos foram desenvolvidos rompendo a tradição instrucional, e oferecendo elementos para reflexão dos cidadãos sobre seus direitos e deveres, a fim de possibilitar que esses sujeitos interferissem na realidade.

Entre esses programas, destacaram-se: Saúde no Ar (1994-2000) e a caminho da Escola (1997-2000). Além das experiências citadas, destacam-se o Sebrae, em parceria com a ABED no período entre 2001-2007 para disseminar a cultura empreendedora junto à população de baixa renda; escolarização por meio do programa *A gente sabe, a gente faz* (BIANCO, 2009).

Diante das considerações aqui relatadas, o rádio ainda continua a ser um meio para a Educação a Distância, sobretudo se considerarmos as distâncias geográficas de nosso país, onde o único meio de alcance de comunicação se dá pelo rádio. Nesse sentido, o rádio pode ser grande aliado para a produção do conhecimento, mas seu uso dependerá fundamentalmente da capacidade de criar programas criativos e na correta utilização dos recursos de linguagem dessa tecnologia para a apresentação de conteúdos significativos.

2.2.4 A Televisão

A televisão educativa, já em desenvolvimento em 1934, realizou transmissões direcionadas à higiene oral e astronomia pela State University of

Iowa. Em 1939, a estação dessa Universidade já havia transmitido quase 400 programas educacionais e, no mesmo ano uma escola de nível médio em Los Angeles fez experiências com a televisão em sala de aula (MOORE E KERASLEY, 2007).

Após a segunda Guerra Mundial, as frequências de televisão nos EUA foram distribuídas e dos 2.053 canais, foram concedidos 242 canais para uso não comercial “[...] a televisão educativa teve maior sucesso que a rádio educativa por causa das contribuições da Fundação Ford. Desde 1950, essa instituição doou centenas de milhões de dólares para a transmissão educativa”(MOORE E KEARSLEY, 2008,p.55).

Em 1972, houve um salto com a introdução das TVs a cabo. A FCC – Federal Communications Commission exigiu que todas as operadoras a cabo tivessem um canal educativo e esses programas por TV a cabo foram designados como telecurios (MOORE E KEARSLEY, 2007).

No Brasil, a primeira emissora de televisão, segundo dados históricos foi a TV Tupi, em 1950, na cidade de São Paulo. Nos anos 60 houve uma euforia no país e no mundo com relação à ideia de que a televisão impulsionaria a educação e a cultura, proporcionando conteúdo de qualidade e de longo alcance.

Diante desse cenário, em 1969, a TV Cultura, que era mantida pela Fundação Padre Anchieta inicia as suas transmissões no Estado de São Paulo. A TV Cultura inovou não só na preparação das aulas e dos programas educativos a serem transmitidos, como também reuniu grandes profissionais da televisão e contratou professores universitários.

Ainda em 1969, a TVE – Televisão Educativa do Maranhão passou a desenvolver o programa educativo de 5ª à 8ª série. Com a ajuda de orientadores de aprendizagem, produziu os materiais impressos que permitiam aprofundar os conteúdos e realizar pesquisas. Em 1974, a TVE do Ceará também desenvolveu o programa de ensino para 5ª à 8ª série prestando serviços para as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. Assim como a TVE do Maranhão, a TVE do Ceará produziu os materiais impressos, mas as salas de aula, os professores, os equipamentos, a reprodução e manutenção do material didático ficaram sob a responsabilidade da Secretaria de Estado da Educação (SARAIVA 1996).

Visando à formação para o mercado de trabalho, em 1978, foi criado o Telecurso 2º grau em parceria com a Fundação Padre Anchieta e a Fundação Roberto Marinho preparando os alunos para exames supletivos de 2ª Grau. Em 1979, foi criada a Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa- FCTVE que utilizou programas de televisão do projeto Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral. O público alvo dos programas educativos transmitidos pela televisão eram as pessoas que não tiveram a oportunidade de cursar o ensino regular.

Na década de 1990, surgiram novos programas educativos. Um desses programas é o Salto para o Futuro, cuja proposta era a formação continuada de professores da rede pública e o objetivo era proporcionar um diálogo relacionado à prática pedagógica, O programa ainda é apresentado pelo Canal TV Escola (MENDONÇA, 2011).

Em 2009, com 18 anos no ar, o programa investe em tecnologia incorporando as possibilidades interativas que as tecnologias oferecem. Esse programa dispõe de um link denominado interatividade com mural disponibilizado para os professores, enquete e fórum para os participantes.

Diante das contribuições teóricas aqui elencadas e com essa breve trajetória histórica da introdução da televisão a serviço da educação, podemos constatar que esse meio de comunicação contribuiu de forma significativa para a Educação a Distância. Todavia, na concepção de Litto (2010, p.27), o rádio e a televisão não permitem interação.

Da mesma forma que os cursos por correspondência, a aprendizagem radiofônica e televisiva não permitem interação, discussão ou trabalhos em equipe entre os alunos, porque toda a comunicação se dá diretamente entre o aprendiz e a instituição [...] Essas soluções utilizam um sistema de comunicação que, já instalado para outros fins (entretenimento, notícias), resulta econômico quando consideramos o grande número de ouvintes alcançados pela programação.

De fato, não podemos desconsiderar o apelo mercadológico que a televisão prioriza levando em conta o número de assinantes que investem nesse meio de comunicação de massa pelo seu alcance nacional, por isso, não podemos desconsiderar que, assim como o rádio, a televisão ainda é o único meio de comunicação de muitos brasileiros dispersos geograficamente. Outro

fator a ser considerado, ao menos no programa Salto para o Futuro e o Canal Futura, já possui ferramentas de comunicação para que os participantes desses programas possam interagir diretamente com a programação e com as discussões e debates ocorridos nos programas.

2.2.5 A Videoconferência

A videoconferência surgiu como meio de comunicação empresarial, possibilitando reuniões de negócios; no entanto, ela passou a ser utilizada com fins educativos pela EAD, isso porque é uma ferramenta de comunicação que aproxima as pessoas separadas geograficamente. Com essa nova ferramenta, a EAD ganha novas características com base na colaboração e na interação por meio de câmeras, microfones, CD-ROM, vídeo e o uso do computador.

Para Carneiro (2011, p.1), a videoconferência consiste em uma comunicação em grupo em tempo real:

Os sistemas interpessoais de videoconferência possibilitam a comunicação em tempo real entre grupos de pessoas, independente de suas localizações geográficas, em áudio e vídeo simultaneamente. Esses sistemas permitem que se trabalhe de forma cooperativa, compartilhando informações e materiais de trabalho sem a necessidade de locomoção geográfica.

O fato de a videoconferência se dar pela televisão coloca alguns desafios para o Ensino a Distância. Por acontecer ao vivo, ela exige participação e rompe com a passividade frente a TV. Novas exigências são colocadas tanto para o professor quanto para o aluno. Quanto ao professor, é preciso que esse ofereça dinâmicas que envolvam os alunos e os levem a uma interação não somente com o primeiro, mas, sobretudo, com outros alunos. Do aluno, exige-se mais independência e autonomia na aprendizagem, justamente porque esse ambiente midiático não pode mais ser considerado como uma sala de aula tradicional, mas como uma tecnologia que une pessoas distantes geograficamente.

A videoconferência inaugura uma nova forma de comunicação diferente das gerações anteriores. Essa comunicação rompe com a lógica unidirecional de pacote fechado a ser enviado por uma pessoa e ser recebido por outra,

característica essa própria do ensino por correspondência e também nas transmissões de rádio e TV.

Para Moore e Kearsley (2008), à medida que os anos 90 chegam ao fim, a videoconferência torna-se mais disponível. Deve-se ressaltar que essa nova forma de comunicação só foi possível pelo desenvolvimento das linhas telefônicas e a fibra ótica que possibilitou a transmissão de um maior número de dados propiciando que um número pequeno de alunos pudesse interagir com o professor.

No Brasil, em 1988, sob o governo de Fernando Henrique Cardoso ocorreu a privatização da Telebras e suas 12 empresas do sistema público de telecomunicações. Desde a privatização, abre-se a livre concorrência para as empresas atuarem no campo das Telecomunicações e o investimento em expansão das linhas telefônicas e cabeamento por fibra ótica que permitia um tráfego maior de informações e dados. Dá-se início para a expansão das linhas telefônicas de uso residencial e conseqüentemente, a venda de serviços de banda larga para esses usuários.

Assim como o rádio e a TV, a videoconferência ainda é utilizada pela EAD. É certo que com o avanço das redes telefônicas e o desenvolvimento da fibra ótica também em nosso país, as duas primeiras formas de transmissão na Educação a Distância cedem lugar para formas mais interativas de comunicação e aprendizagem. Ainda assim, os desafios tanto para professores quanto para alunos continuam. Do professor é exigido capacitação para a videoconferência para que esse possa desenvolver com segurança seu trabalho. Exige-se, também, a revisão de seus métodos de ensino centrando o foco nas interações com os alunos. Dos alunos, como já dito anteriormente, é exigido mais autonomia e responsabilidade por sua aprendizagem, considerando as distâncias geográficas.

2.2.6 A terceira e quarta gerações da EAD

A terceira e quarta gerações da EAD no Brasil foram impulsionadas pelo uso do computador e pelas novas TICs, que têm provocado grandes mudanças no processo de ensino aprendizagem. A partir das TICs e o uso

dessas tecnologias, tem início a terceira geração de EAD, que é caracterizada pelos ambientes virtuais de aprendizagem interativos que priorizam os processos de comunicação. Essa geração foi determinada pelo desenvolvimento da fibra óptica no final da década de 1980 e nos sistemas de telecomunicação que permitiram a transmissão em tempo real e de forma interativa possibilitando o aprendizado colaborativo online (TORRES E FIALHO, 2009).

Para Moore e Kearsley (2008), a terceira geração da EAD nos Estados Unidos se deu por novas modalidades de organização da tecnologia e o surgimento das universidades abertas norte-americanas, que integravam áudio e vídeo com orientação face-a-face. A quarta geração utilizou a teleconferência por áudio, vídeo e computador, o que proporcionou a primeira interação em tempo real de alunos-alunos e alunos-professores a distância. Já a quinta geração é constituída pelos ambientes virtuais de aprendizagem com métodos construtivistas de aprendizado e colaboração e na convergência entre áudio, vídeo e texto.

Para Romiszowski (2009), foi com o advento do computador interligado em rede que a EAD deu o seu salto mais significativo, pois diferente das tecnologias anteriores o computador interligado em rede é capaz de realizar funções simultâneas, isso é permite registrar não só palavras, mas imagens e sons e distribuí-los globalmente.

Os avanços tecnológicos dos últimos anos revolucionaram todos os processos de captura, armazenamento, distribuição e utilização de informações, bem como os processos de comunicação entre as pessoas. É muito difícil encontrar uma área de atuação humana não afetada pelas TICs. Na área de EAD, o impacto mais forte é a tendência ao uso de diversos métodos de ensino e aprendizagem on-line [...], ou seja, *e-learning* (ROMISZOWSKI, 2009, p.422).

Na definição de Litto (2010, p.35), *e-learning* significa:

O uso de um computador conectado a redes eletrônicas, para apresentar ou distribuir algum tipo de conteúdo e atividades ligados à aprendizagem; [...] é normalmente identificada por características de interatividade, métodos colaborativos de aprendizagem, acesso a recursos informacionais variados, e avaliação dos aprendizes; [...].

As características de interatividade e de aprendizagem colaborativa foram potencialmente ressignificadas com a Web 2.0 que representa o início de uma nova etapa das TICs oferecendo possibilidade para a interação entre professor e aluno. Para Litto (2009, p.16), “A Web 2.0 representa a segunda geração da Web, com interatividade aumentada, oferecimento de serviços de hospedagem on-line de conteúdos [...]”.

Na esteira das revoluções da TICs surge a utilização de dispositivos móveis para a educação. Esses dispositivos são denominados de *Mobile Learnig* ou *m-learning* que significa aprendizagem móvel, ou aprendizagem em móvel. Não faremos menção a todos os dispositivos móveis existentes, mas apenas ao celular que é um dispositivo utilizado na EAD como uma ferramenta de interação com os alunos a fim de lembrá-los das suas responsabilidades.

[...] várias instituições já estão migrando sua base de comunicação instantânea com os alunos do e-mail para o celular. Além de seguro e personalizado, o SMS permite a rápida verificação da recepção da mensagem. [...] Assim, os alunos não têm como dizer que não foram avisados de suas obrigações e de seus recados (BULCÃO, 2009, p.83).

De fato, o celular tem sido um dispositivo que complementa o trabalho da instituição como um todo no intuito de manter o aluno atento às suas responsabilidades. No entanto, cabe registrar que ele é um dispositivo que não substitui outras ferramentas de interação tais como o e-mail. O celular, embora acessível e parte integrante do dia-a-dia da maioria das pessoas, tem a característica de uso pessoal, de modo que alguns alunos alegam não ter recebido a mensagem, outros alegam estar com a bateria desligada e quando acessaram a mensagem o prazo para determinada atividade já havia se encerrado, ou então, que estavam em deslocamento e, por tanto, sem área de cobertura. Nesse sentido, o e-mail, o mural de avisos e as aulas ao vivo continuam sendo suportes de informação e comunicação e interação mais importante para contato com o aluno.

Uma das principais características dos dispositivos móveis é a possibilidade do usuário usá-lo em qualquer lugar. Considerando esse cenário

de mobilidade (DIAS, LEITE, 2010, p.113) elencam alguns fatores inovadores desses dispositivos móveis no processo educacional.

- Disponibiliza mais recursos para o estudante, que poderá contar com um dispositivo para execução de tarefas, anotação de idéias, consulta de informações via Web, registros digitais e outras funcionalidades;
- Prover acesso aos conteúdos em qualquer lugar e qualquer momento;
- Expandir as estratégias de aprendizado disponíveis, através de novas tecnologias que dão suporte tanto à aprendizagem formal quanto informal;
- Proporcionar meios para o desenvolvimento de métodos inovadores de ensino, utilizando os recursos de computação e de mobilidade.

Esses dispositivos também possuem, segundo os mesmos autores, limitações, a saber:

- Limitações tecnológicas: tela pequena, baixa resolução, processamento lento, baixa capacidade de armazenamento, incompatibilidade entre plataformas;
- Limitações pedagógicas: espaço de visualização restrito, dispersão da atenção, comprometimento da memória visual, baixa resolução dificultando a compreensão, fragmentação dos conteúdos.

Conforme nossa análise, esses dispositivos possuem mais pontos positivos do que negativos para o processo educacional do aluno. O ponto positivo, de fato, é a possibilidade de mobilidade e acesso a informações em qualquer lugar rompendo com o conceito de tempo e espaço fixos. Mas, será que os alunos realmente acessam esse dispositivo para execução de suas tarefas e compromisso escolares?

Em pesquisa recente, realizada pela Ipsos com o apoio da Intel nos Estados Unidos, 85% dos adultos possuem telefone celular, 52% deles possuem notebook, 4% já possuem *tablets* e apenas 9% dos americanos não possuem nenhum tipo dos dispositivos apresentados.

A intenção da pesquisa era saber de que forma as pessoas utilizam esses dispositivos. Os pesquisados informaram que utilizam os dispositivos móveis para maior aproximação da família, dos amigos e do trabalho. O uso para fins educativos não foi mencionado por nenhum dos pesquisados o que

indica que nossa hipótese está correta com relação ao uso desse dispositivo para a educação.

No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a quantidade de aparelhos celulares ultrapassa o número de habitantes do país que é de 190,73 milhões de pessoas. O Brasil contabilizou no ano de 2010, 202 milhões de celulares. De acordo com Agência Nacional de Telecomunicações - Anatel em 15 Estados e no Distrito Federal há mais de um celular por habitante. Os Estados são Rio grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Mato grosso do Sul, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Tocantins, Pernambuco, Rio grande do Norte. A pesquisa não tinha a intenção de verificar como é utilizado o celular pelos entrevistados, apenas quantificar e identificar os Estados de maior concentração desses aparelhos.

Na Instituição de Ensino Superior pesquisada por nós, o celular é a ferramenta muito utilizada. Essa função fica a cargo da Coordenadora dos mediadores no intuito de reforçar não só o cumprimento de prazos das atividades no ambiente virtual de aprendizagem, mas também é uma ferramenta que auxilia na prevenção da evasão que é mais acentuada para os alunos ingressantes no curso. Mediante relatório disponibilizado por meio da plataforma *Moodle*, é possível gerenciar quais foram os alunos que não acessaram o ambiente virtual de aprendizagem, e de posse de relatório é enviado SMS informando que é preciso que esses alunos façam o primeiro acesso ao curso e também que cumpram os prazos das atividades.

Com esse breve resgate histórico, concluímos que a Educação a Distância passou pelo ensino de correspondência, o rádio e a TV, até chegar ao estágio de desenvolvimento atual das tecnologias e o uso de dispositivos móveis, como o celular que auxiliam no desenvolvimento da comunicação entre a instituição pesquisada e os alunos. Abordaremos agora os Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

3. OS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

A palavra ambiente, segundo o dicionário Michaelis, significa: “o meio em que vivemos ou estamos”, ou ainda, “área extensa ou local com muitos usuários conectados por várias redes”.

Do latim, é composta do prefixo *amb* (que significa ao redor) e do verbo *ire* (ir à volta). Como substantivo a palavra *ambiente* representa uma realidade concreta fruto da interação entre o meio físico natural (toda a natureza que nos rodeia) e a ação humana sobre ele (nossa intervenção na realidade). Isto implica a idéia de movimento [...] e de interação [...] (MARTINS, 2011,p.2).

A palavra virtual também é originada do latim. O dicionário Michaelis a define como algo “que não existe como realidade, mas sim como potência ou realidade.” Usualmente, a palavra virtual é empregada para significar a ausência da existência, ou a ilusão. No entanto, o virtual segue a tendência de atualizar-se sem passar à concretização efetiva ou formal (LÉVY, 1996).

Para Costa e Oliveira (2004, p.118), Ambientes Virtuais de Aprendizagem são “como espaços das relações com o saber [...] ambientes que favorecem a construção do conhecimento”. Nesse sentido, entendemos que os espaços das relações com o saber não são mais físicos, mas existem virtualmente no ciberespaço separando alunos e professores no tempo e no espaço.

Nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem é preciso se habituar ao virtual e a sua complexidade. De acordo com Primo (1999, p.95).

Para a filosofia o virtual não é uma oposição ao real, mas sim ao atual. Virtualidade e atualidade seriam então duas maneiras diferentes de ser. O virtual seria um complexo problemático, um nó de tendências, e forças e coerções acompanhando situações, acontecimentos, objetos e entidades [...].

Dessa forma, entendemos que os Ambientes Virtuais de Aprendizagem são espaços desterritorializados que não existem fisicamente, mas que estão presentes enquanto potência. Trata-se de um ambiente habitado por pessoas conectadas e que estão em interação, proporcionando uma nova forma de ensinar e aprender.

Sob a ótica de Schlemmer (2002, 2005), Ambiente Virtual de Aprendizagem é a denominação utilizada para softwares desenvolvidos para o gerenciamento da aprendizagem via Web, e tanto instituições educacionais como empresas têm utilizado esses ambientes para suporte de aprendizagem em qualquer tempo e espaço.

De fato, como os AVAs não se restringem às instituições educacionais, considerando que alguns softwares são livres e gratuitos, muitas empresas têm feito uso deles para a formação continuada ou mesmo o treinamento de profissionais dentro do próprio local de trabalho.

Na sociedade da informação e do conhecimento, os AVAs proporcionam o redimensionamento do ensinar e do aprender. Esse redimensionamento está ligado às novas configurações de espaço e o tempo, assim o conceito de ensinar, por consequência, toma novas proporções. Os papéis de professores e alunos se ressignificam, ou seja: o aluno necessita de maior autonomia para aprender e o professor passa a ser um moderador e um facilitador no processo de ensino-aprendizagem (ARAUJO JR e MARQUESI, 2009). Os papéis dos professores e alunos no AVA serão abordados no capítulo 4 desta dissertação.

Nesse novo *locus* de ensino-aprendizagem, com os papéis ressignificados de professores e alunos, novos desafios se apresentam como promover o ensino e a aprendizagem em Ambientes Virtuais de Aprendizagem, assim como utilizar as ferramentas síncronas e assíncronas disponíveis nesse ambiente que possibilite a interação entre professor-aluno e aluno-aluno. As ferramentas síncronas permitem a interação em tempo real (chat) e as ferramentas assíncronas aquelas que produzem a interação em atraso (blog, lista de discussão, fórum, e-mail).

Sendo assim, os Ambientes Virtuais de Aprendizagem permitem novas e diferentes possibilidades que não devem ser menosprezadas pelos professores na busca de estratégias para que os alunos atinjam seus objetivos de aprendizagem. Uma dessas estratégias seria o uso das ferramentas síncronas e assíncronas disponíveis nesse ambiente. Nesse sentido, professores e alunos estão interligados, pois a dinâmica de interação nesses espaços depende da relação desses sujeitos. [...] “O professor precisa se desprender dos métodos tradicionais de ensino na busca de uma nova abordagem do

ensinar e do aprender no contexto virtual” (ARAÚJO JR. E MARQUESI, 2009, p.360).

Os métodos tradicionais, a que os autores se referem são os das aulas presenciais onde a interação se dá face-a-face. Os novos processos de ensinar e aprender requerem uma estratégica de interação que contemple a motivação e a sensação de pertencimento a um grupo que existe virtualmente. Quando professores e alunos estão inseridos no ambiente virtual de aprendizagem, o ensinar, o aprender e as interações ganham novo sentido.

Ainda de acordo com Araújo Jr e Marquesi (2009), na sociedade da informação e do conhecimento, a aprendizagem constitui um imperativo para o homem. Por questões que compreendem desde os interesses pessoais até atender às exigências da sociedade contemporânea, aprender tornou-se essencial. Os AVAs, potencializados pelas TICs permitem experiências de ensino e aprendizagem diferentes das experiências presenciais. Nesse sentido, a WEB constitui um espaço virtual que permite essa experiência de maneira intensa, valorizando as diferentes formas de aprendizagem.

A WEB, tal qual a conhecemos hoje, sofreu mudanças na forma de seu uso. Na primeira versão da WEB 1.0, o usuário era visto apenas como receptor de mensagem. Com o avanço da tecnologia, a WEB 2.0 possibilitou ao usuário ser também autor, incluindo e alterando opinião e conteúdos, permitindo colaboração e compartilhamento de conhecimento (LITTO, 2009).

A WEB passou por modificações até chegar ao estágio de possibilitar não apenas o armazenamento das informações, mas o intercâmbio de informações, a possibilidade de coautoria e coparticipação. “[...] trata de desenvolvimentos tecnológicos e sociais que levam a uma nova atitude diante da internet. O acento não está na tecnologia, mas na nova forma de utilização da internet” (VOIGHT, 2007, p.2).

Diante do exposto, a WEB 2.0 é caracterizada pela intensificação da participação e do efeito rede. É ainda uma plataforma que reúne serviços e dispositivos variados e os usuários passam de meros espectadores e depositários de informação a coautores das mensagens e informações compartilhadas por outras pessoas. O usuário passa a ser autor, incluindo e compartilhando opiniões e conteúdos. As fronteiras entre processamento-armazenamento da informação deixam de existir e podem ser acessados a

partir de qualquer lugar via internet. O privado torna-se cada vez mais público, pois arquivos, dados, textos, áudio, vídeos são compartilhados na rede e tornam-se acessíveis a todos.

Com a WEB 2.0 e o seu potencial interativo de armazenamento, de distribuição e compartilhamento da informação possibilitaram a construção do conhecimento pelo sujeito de forma mais colaborativa no processo de aprendizagem. Esse potencial interativo se expressa por meio das ferramentas síncronas e assíncronas o que levaria a uma inteligência coletiva.

Lévy denomina de inteligência um conjunto de aptidões, a saber: a capacidade de aprender, de lembrar, de raciocinar, de imaginar, de perceber. “[...] No entanto, o exercício de suas capacidades cognitivas implica uma parte coletiva ou social geralmente subestimada” (LÉVY, 1999, p.97).

Assim, partindo do princípio da coletividade, não aprendemos sozinhos, mas em constante diálogo e interação com outras pessoas com seus conflitos e experiências de vida herdadas ao longo da trajetória de vida. Outrossim, é impossível desenvolver nossa inteligência independentemente de tudo que herdamos por meio da cultura e do que outras pessoas compartilham conosco.

Nessa convivência social, também estabelecida nos ambientes virtuais de aprendizagem não podemos considerar apenas as capacidades cognitivas, mas também as relações afetivas e os laços que se estabelecem entre os participantes são extremamente importantes para o ensino e aprendizagem considerando que professor e aluno não têm uma interação face-a-face.

Nesse sentido, buscamos em Tassoni (2011, p.2) melhor explicação para a relação entre aprendizagem e os aspectos afetivos.

Na verdade, são as experiências vivenciadas com outras pessoas que irão marcar e conferir [...] um sentido afetivo [...] Nesse sentido, pode-se supor que, no processo de internalização, estão envolvidos não só os aspetos cognitivos, mas também os afetivos.

Outro fator não menos importante que a afetividade nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem é a comunicação e a motivação, que se desenvolvem entre professor e aluno. A comunicação evita a sensação de isolamento.

Outro dos problemas mais comuns dos programas de educação a distância é a escassa comunicação que tem existido entre alunos e professores, o que gera isolamento, empobrecimento do tratamento da informação, limitação no potencial de transferência dos conhecimentos a outras realidades ou problemas e uma escassa atenção à motivação que deve ser gerada para que os alunos abordem saberes complexos, que exijam um nível de dificuldade mais alto, e requeiram maior suporte por parte dos professores e monitores (MININNI-MEDINA, LUZZI e LUSWARGHI, 2001, p.03)

De fato, a comunicação na Educação a Distância ganha novos contornos uma vez que professores e aluno não têm o contato a face-a-face do ensino presencial e a separação no tempo e no espaço pode causar no aluno o sentimento de isolamento caso a comunicação não seja incentivada pelo professor. Nesse sentido, as ferramentas disponíveis no Ambiente Virtual de Aprendizagem seriam a ponte, o elo entre professor e aluno. Vale lembrar que as ferramentas síncronas e assíncronas disponíveis no AVA carregam o potencial de comunicação e de interação, mas quem são os professores e alunos que darão sentido a essa comunicação?

No entendimento de Schlemmer (2002), a maior contribuição dos ambientes virtuais de aprendizagem para o processo educacional se refere à mudança de paradigma, que tem como mola propulsora o poder de interação que esses ambientes proporcionam. A autora interage, atualmente, com meios de natureza muito diferenciados dos anteriores, de modo que as metodologias de ontem, adotadas pelo Ensino a Distância, não conseguem explorar ao máximo o potencial de interação que esse novo meio oferece. Afinal, ainda existem instituições em que a metodologia não privilegia o potencial de interativo.

Preti (2002, p.02) esclarece:

Na EaD há instituições que se utilizam de uma forma industrializada de ensino”, oferecendo “pacotes instrucionais”, fundamentados nas teorias comportamentalistas (neo-behavioristas e tecnicistas, de base estímulo-resposta, com materiais auto-instrucionais. Seu objetivo é treinar os cursistas (desenvolvendo habilidades técnicas) ou instruí-los (oferecendo um volume de informações). O estudante é considerado (no início do curso) a matéria-prima a ser trabalhada, “qualificada”, o professor (muitas vezes substituído pelo “tutor”) como trabalhador numa linha de montagem seguindo as orientações

recebidas (manuais, guias, monitoramento), as tecnologias como ferramentas, o currículo como plano de modelagem e o aluno “educado” (ao final do curso) como produto.

Essa concepção mecanicista de ensino e aprendizagem representa uma fase anterior aos atuais Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Todavia, a nova percepção não substitui de imediato as formas anteriores, mas com muita frequência ainda coexistem.

Os autores confirmam o potencial de interação já comunicado anteriormente por outros, assim como uma aprendizagem colaborativa e ampliam a ideia ao defenderem que essas ferramentas se destinam também para uma aprendizagem autônoma. Sendo assim, entendemos que a autonomia não exclui a aprendizagem colaborativa, mas as duas coexistem no ciberespaço.

Diante das contribuições teóricas elencadas até o momento, entendemos que os ambientes virtuais de aprendizagem alcançaram o estágio atual de interação e aprendizagem colaborativa pelo desenvolvimento da WEB, assim como esses ambientes compreendem várias dimensões que vão desde o reconhecimento de que se trata de um novo *locus* de ensino e aprendizagem mediatizado pelas TICs, até a ressignificação dos papéis históricos entre professores e alunos que não se faz pela presença física, mas são mediatizados pelas interfaces síncronas e assíncronas.

Enquanto no ensino presencial o aluno está inserido numa sala de aula em contato direto com professor e alunos, o mesmo não ocorre na EAD, em que o processo de ensino e aprendizagem se dá pela separação no tempo e no espaço entre professor e alunos permeados pela dinâmica do ciberespaço.

Pereira, Schmitt e Dias (2007) enfatizam que o processo educativo nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem dependerá da interação entre alunos e professores, mas também do envolvimento do aluno nesse processo e de toda a estrutura pedagógica da instituição. Nesse sentido, os AVAs consistem,

em mídia que utilizam o ciberespaço para veicular conteúdos e permitir interação entre os atores do processo educativo. Porém a qualidade do processo educativo depende do envolvimento do aprendiz, da proposta pedagógica, dos materiais veiculados, da estrutura e qualidade de professores, tutores, monitores e equipe técnica, assim como das

ferramentas e recursos tecnológicos utilizados no ambiente (PEREIRA, SCHMITT e DIAS, 2007, p.4).

Para Vasconcellos (2002), a revolução das TICs e o seu ritmo acelerado causam forte impacto nas organizações sociais, nas relações de trabalho, nas relações pessoais, exigindo mudanças na forma de atuar sobre o mundo, e de modo especial, na nova forma de aprender e ensinar. Considerando as mudanças aceleradas e as necessidades advindas dessas mudanças, a autora considera que novos paradigmas são imprescindíveis para acompanhar os desdobramentos e a complexidade do mundo atual com seus desafios e possibilidades.

Mas, apesar dessas novas visões, o tradicional na educação ainda está presente, direcionado, contudo, pelo novo. Isso é confirmando por Vasconcelos (2002) ao afirmar que diante das situações complexas e instáveis do nosso mundo atual, somadas às exigências de que reconheçamos a nossa participação no curso do nosso próprio desenvolvimento e de que a ciência tradicional não responde de forma adequada aos problemas existentes, torna-se urgente tratar de pensamento ecossistêmico.

Para Moraes (2008), o pensamento complexo e ecossistêmico combate o modelo instrucionista e vê o sujeito e o objeto como inseparáveis e relacionais.

O pensamento Eco-sistêmico nos fala da existência de interatividade energética, informacional e material alimentando os diferentes fluxos da vida. É uma nova maneira de perceber a realidade e que nos adverte que se temos os pés plantados na materialidade física, também estamos sujeitos aos princípios da física, ao princípio da incerteza de Heisenberg, incerteza esta que se apresenta tanto na realidade como no processo construção do conhecimento. Somos também influenciados pelo princípio da complementaridade de Bohr, que explica a existência de múltiplas realidades e ratifica a idéia de que o sujeito e objeto estão imersos numa rede de relações, envolvidos por dinâmicas relacionais, dialéticas solidárias e recursivas que revelam que ambos somente podem existir relacionalmente, já que integram um sistema indissociável revelador da intersubjetividade (MORAES, 2008, p.29).

Pensar complexamente não é tarefa fácil, principalmente por estarmos arraigados às nossas tradições, crenças e valores que constituíram o nosso ser

e a nossa visão de mundo até o momento presente. Entretanto, se nos propussermos a uma mudança de foco, podemos ver as coisas de outra forma. Mudar o foco não significa perder de vista, deixar em suspenso, mas recontextualizar o objeto, o elemento no contexto, isso implica em dizer que é preciso vê-lo existindo no sistema e interagindo com outros sistemas ou interligações. Trata-se, portanto, de um exercício de mudança de foco, ou seja, tirar a exclusividade do elemento ou do objeto e, ao mesmo tempo incluí-lo no foco das relações.

Nascimento, Oliveira, Rocha, et.al.(2010) observam que no Ambiente Virtual de Aprendizagem é possível identificar algumas características como a autonomia e a cooperação. Essas ações que não se dariam em separado ou em lados opostos, mas em dinâmica recursiva e consensual considerando que a autonomia se dá pela possibilidade de interagir com o conhecimento do outro, mesmo que haja confronto de perspectivas.

O confronto de perspectivas não faz do ambiente virtual de aprendizagem um espaço de lutas e disputas, ao contrário, ao não negar o outro dá a ele a possibilidade de aprendizagem colaborativa e interativa. Há também a possibilidade de equilíbrio nas trocas intelectuais com a aceitação de diferentes perspectivas: “[...] na medida em que vejo o outro como um legítimo outro, permito-me ser eu mesmo e, talvez, dar início a trocas que contribuam mais para a construção da autonomia e menos para a manutenção das relações de coerção”. (VALENTINI, 2010, p.6).

Num olhar atento aos Referenciais de Qualidade da EAD de cursos de graduação a distância, é possível constatar que tanto as recomendações quanto as orientações estão pautadas nos princípios do paradigma ecossistêmico. Em vários pontos do documento é possível identificar os princípios de não-fragmentação, mas de interdisciplinaridade, contextualização e colaboração, a saber:

[...] Daí a importância da educação superior ser baseada em um projeto pedagógico e em uma organização curricular inovadora, que favoreçam a integração entre os conteúdos e suas metodologias, bem como o diálogo do estudante consigo mesmo (e sua cultura), com os outros (e suas culturas) e com o conhecimento historicamente acumulado. Portanto a superação da visão fragmentada do conhecimento e dos processos

naturais e sociais ou seja a estruturação curricular por meio da **interdisciplinaridade** e **contextualização** (grifo do autor). Partindo da idéia de que a realidade só pode ser aprendida se for considerada em suas múltiplas dimensões, ao propor o estudo de um objeto, busca-se, não só levantar quais os conteúdos podem colaborar no processo de aprendizagem, mas também perceber como eles se combinam e se interpenetram (BRASIL, 2007, p.9).

Buscando maior entendimento das palavras encontradas no documento supracitado, tais como interdisciplinaridade e contextualização, observamos que a EAD está vinculada a um paradigma de educação que vê o homem na sua totalidade, levando em conta sua cultura e o seu contexto histórico.

Para Behar, Passerino e Bernardi (2007, p.11), a EAD representa um novo paradigma que não se dá apenas à introdução das TICs, mas por um novo espaço pedagógico que está em desenvolvimento:

Evidentemente que não é só por causa da introdução da Educação a Distância (EAD) que está ocorrendo uma crise paradigmática na Educação, mas com ela fica mais evidente e clara a necessidade de realizar mudanças significativas nas práticas educacionais e, conseqüentemente, no modelo pedagógico. Por tanto, pode-se dizer que um novo espaço pedagógico está em fase de gestação, cujas características são: o desenvolvimento das competências e das habilidades, o respeito ao ritmo individual, a formação de comunidades de aprendizagem e as redes de convivência, entre outras.

Considerando a síntese elaborada pelos autores citados, os ambientes virtuais de aprendizagem são potencialmente um espaço de interação e aprendizagem colaborativa. No entanto, os AVAs só serão de fato, ambientes interativos se as ferramentas síncronas e assíncronas disponíveis nesse ambiente adquirirem um significado tanto por parte do professor quanto do aluno para o processo de ensino e aprendizagem. As ferramentas apenas medeiam os processos de interação entre professor e aluno, mas o sentido e o significado dessas ferramentas para o processo de ensino e aprendizagem dar-se-á pelo uso intencional dos seus participantes.

Pelo exposto, acreditamos que o Ambiente Virtual de Aprendizagem e as interações entre professor e aluno se dá sob a perspectiva relacional, ou

seja, a ênfase não está somente na figura do professor ou do aluno, tampouco desconsideramos o potencial das ferramentas de interação.

Comentaremos, a seguir, alguns ambientes virtuais de aprendizagem utilizados pela Educação a Distância, segundo dados do CensoEAD.Br 2009.

3.1 Características dos Diferentes Ambientes Virtuais de Aprendizagem

A Educação a Distância, em linhas gerais, é uma modalidade de ensino com professores e alunos separados no tempo e espaço. Neste caso, a mediação didático-pedagógica se dá por meio das tecnologias disponíveis. Essas tecnologias encontram-se no ciberespaço e são disponibilizadas pelos ambientes virtuais de aprendizagem. Esses ambientes, por sua vez, são alimentados por softwares denominados de *Learning Management System* - LMS ou ambiente virtual de aprendizagem que oferece diversos recursos síncronos e assíncronos para gestão de cursos e gestão de aprendizagem.

Os diversos LMS existentes têm uma série de recursos em comum que podem ser usados, gerenciados e modificados à medida das necessidades das instituições que o utilizam. Alguns softwares são disponibilizados sem custo para download e são considerados códigos abertos, pois podem ser modificados de acordo com a necessidade da Instituição e dos cursos. Alguns LMS de código aberto e gratuito disponíveis são o AulaNet, LRN, *Moodle*, *Sakai Project*, TelEduc. Os LMS comerciais são *Angel Learning*, *Blackboard*, *Desire2Learn*, *Ecollege*, *Ensinamet*, Portal Educação, SumTotal, WebAula.

De acordo com o CensoEAD.br 2009, os LMS mais utilizados pelas instituições para a gestão de cursos e gestão de aprendizagem por ordem de utilização são *Moodle*, Doméstico, Teleduc, *Blackboard*, *Ecollege*, entre outros. Esses LMSs são utilizados tanto para os cursos presenciais quanto para os cursos a distância e podem ser tanto softwares comerciais quanto gratuitos, mas a predominância são para os softwares gratuitos, conforme discriminado no Quadro 3. O uso mais expressivo de LMS é o *Moodle*. Comentaremos apenas o LMS *Moodle*, Teleduc e o *Blackboard*.

O Quadro 3 foi elaborado por nós, pois originalmente os dados do gráfico estavam organizados para o uso dos LMS tanto para a educação

presencial quanto para a Educação a Distância. Organizamos apenas o uso dos LMS para a Educação a Distância.

LMS UTILIZADO NA EAD	Porcentagem de uso na EAD
<i>MOODLE</i>	58%
DOMÉSTICO	18%
TelEduc	5%
<i>BLACKBOARD</i>	1%
<i>ECOLLEGE</i>	2%
OUTRO	16%

QUADRO 3: Principal LMS utilizado nas Instituições nos cursos a distância.

No Quadro 3, apresentaremos uma breve descrição dos ambientes TelEduc, *Blackboard* e *Moodle*. O recorte e a priorização destes ambientes dar-se-á em função do *Moodle* ser o LMS utilizado pela instituição pesquisada, o TelEduc por ser um LMS desenvolvido no Brasil e o *Blackboard* por termos encontrado informações em pesquisas feitas pela internet. Quanto ao LMD doméstico e Outro não encontramos informações. O *Ecollege* é utilizado pela Pearson Education do Brasil, e não encontramos outras instituições que fazem uso do mesmo.

3.1.2 TelEduc

O TelEduc é um software livre e gratuito com a possibilidade de ser utilizado e modificado sob os termos da General Public Licence - GNU. O ambiente é utilizado por mais de 4 mil instituições cadastradas e é traduzido para três línguas.

O TelEduc é um ambiente que foi desenvolvido no Núcleo de Informática Aplicada à Educação- NiED, sob a orientação da Profª Drª Heloisa Vieira da Rocha, do Instituto de Comunicação- IC da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. A criação desse ambiente surgiu a partir de experiências presenciais realizadas pelos profissionais do núcleo e é parte integrante da dissertação apresentada por Alessandra de Dutra e Cerceau, intitulada “Formação a Distância de Recursos Humanos para Informática Educativa”.

As ferramentas disponíveis na última versão do TelEduc de acordo com Gardenal (20110) são: dinâmica do curso, agenda, atividades, material de

apoio, leituras, enquetes, parada obrigatória, mural, fórum, correio, grupos, perfil, diário de bordo, portfólio, acessos, busca, configurar e administração.

Rocha (2010, p.198) sintetiza quando foi criado o TelEduc e as necessidades que levaram à criação desse ambiente.

O TelEduc é um dos ambientes desenvolvidos tendo como meta a formação de professores para a Informática da Educação. Seu desenvolvimento teve início em 1997 quando no NIED começou a ser desenvolvido o conceito de formação centrada na construção contextualizada do conhecimento. Este processo de formação envolve a formação do professor em seu contexto escolar de trabalho, acarretando problemas operacionais pelo fato de haver necessidade de se ter o professor-formador disponível na escola. Eis a razão pela qual o desenvolvimento de ferramentas que propiciassem a formação a distância adquiriu relevância, dando início ao Projeto TelEduc.

O ambiente TelEduc está organizado em três categorias, a saber: ferramentas de coordenação, ferramentas de administração e ferramentas de comunicação. O que mais nos interessa, dentre essas três categorias, são as ferramentas de comunicação que são o correio eletrônico, os fóruns de discussões e o chat, pois essas são algumas das ferramentas que possibilitam a interação entre os participantes. “Em qualquer situação de aprendizagem, a interação entre os participantes (formadores e alunos) é de extrema importância. É por meio da interação que se torna possível a troca de experiências, o estabelecimento de parcerias a cooperação” (ROCHA, 2010, p.203).

Com relação ao fórum é prevista a interação, no entanto não fica especificado se a participação nesse fórum se dá pelo professor formador ou professor tutor. Quanto ao bate-papo, fica especificado que a ferramenta é utilizada apenas com horários agendados pelo professor formador, não menciona a participação do professor tutor e inclui a possibilidade de ser solicitada pelos alunos em outros horários, de modo que não é possível identificar se está ou não vinculada à metodologia dos cursos ou se resume a um bate-papo aberto atendendo aos interesses dos grupos de acordo com as necessidades apresentadas ao longo do curso.

3.1.3 *Blackboard*

O *Blackboard* foi criado em 1997, sendo cofundadores Matthew Pittinsky, Michael Chasen e Daniel Cane e foi desenvolvido em parceria com os professores da Universidade Cornell-USA. Tem como característica o baixo custo, sendo que qualquer usuário, sem conhecimento prévio ou específico de computação, pode utilizá-lo desde que se utilize do manual.

A Universidade Anhembí Morumbi, apoiada no Decreto 4.059, de 10 de dezembro de 2004, permite que os cursos de graduação sejam oferecidos na modalidade a distância em até 20%, com o uso da plataforma *Blackboard*. Foi criado pela instituição um projeto piloto denominado de Sexta-Free. Nesse projeto, os alunos do ensino presencial teriam aulas a distância todas as sextas-feiras. Esse foi o ponto de partida para a expansão dos cursos a distância na Instituição que ainda se utiliza dessa plataforma.

A escolha do *Blackboard*, pela Universidade Anhembí Morumbi, se deu em função da possibilidade de administrar um número elevado de acessos com segurança, potencial para expansão, confiabilidade e estabilidade do sistema. A plataforma oferece ainda possibilidade de interação com os professores mantendo a flexibilidade dos horários. Embora os alunos não tenham experiências com a plataforma, a facilidade da sua utilização permite rápida adaptação (ALPERSTEDT, 2010)

A plataforma oferece recursos para a criação e gestão de cursos, sistema de avaliação, assim como dispõe de ferramentas síncronas e assíncronas para comunicação. A plataforma também tem sido utilizada para oferecer treinamentos aos professores da instituição.

De acordo com Fragoso (2009), o LMS *Blackboard* é utilizado em mais de 2.600 instituições, em cerca de 72 países. Além da Universidade Anhembí Morumbi, esse ambiente é utilizado pelo Senac (SP), Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP) Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB), entre outras.

3.1.4 *Moodle*

O *Moodle* começou a ser idealizado na década de 90, na Austrália, por Martin Dougiamas, o Webmaster da Curtin University of Technology da

Austrália. Martin conhecia várias instituições grandes e pequenas e várias pessoas que gostariam de fazer melhor uso da internet, mas não sabiam como, pela grande quantidade de ferramentas tecnológicas e pedagógicas que existiam na época.

[...] As crenças de Martin nas inúmeras possibilidades da Educação baseada na Internet o levaram a fazer mestrado e doutorado na área da Educação, combinando sua experiência em ciência da computação com teorias sobre construção do conhecimento e natureza da aprendizagem e da colaboração. [...] (ROCHA, 2007, p.1).

O *Moodle* é uma plataforma de gerenciamento baseada em software de código aberto, livre e gratuito. Dessa forma, os usuários podem baixá-lo, modificá-lo e usá-lo. Para isso, é necessário seguir os termos de uso desse software. O *Moodle* é um *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environemnt* (Ambiente Modular de Aprendizagem dinâmica orientada a objetos). O *Moodle* é também um LMS de gestão de ensino e aprendizagem para ajudar professores a criar cursos online, assim como suportes online para cursos presenciais com qualidade e variedade de recursos (SABBATINI, 2011).

O ambiente *Moodle* foi criado por Martin, baseado na metodologia do construtivismo social. Nas palavras de Pulino (2008, p.06):

O Construtivismo Social baseia-se na idéia de que pessoas aprendem melhor quando engajadas em um processo social de construção do conhecimento pelo ato de construir alguma coisa para outros. Este é um conceito tanto sintético que pode ser melhor detalhado. [...] Deste ponto de vista, aprendizagem é um processo de negociação de significados em uma cultura de símbolos e artefatos compartilhados. O processo de negociação de significados e utilização de recursos compartilhados é o processo de construção do conhecimento [...].

Para Sabbatini (2011), a filosofia educacional do *Moodle* está baseada no Construtivismo, mas a filosofia pedagógica fortalece que o aprendizado ocorre em ambientes colaborativos.

A filosofia educacional sobre a qual se baseia o Moodle é a do construtivismo [...] Deste ponto de vista os cursos desenvolvidos no Moodle são criados em um ambiente

centrado no estudante e não no professor. O professor ajuda o aluno a construir este conhecimento com base nas suas habilidades e conhecimentos próprios, ao invés de simplesmente publicar e transmitir esse conhecimento. Por esta razão o Moodle dá uma grande ênfase nas ferramentas de interação entre os protagonistas e participantes do curso. A filosofia pedagógica do Moodle também fortalece a noção de que o aprendizado ocorre particularmente bem em ambientes colaborativos. Nesse sentido, o Moodle inclui ferramentas que apóiam o compartilhamento de papéis dos participantes [...] diários, fóruns, batepapos (SABBATINI, 2011, p.2).

Com base na teoria dos autores citados, observamos que o ambiente *Moodle* não está estruturado apenas para a transmissão de conteúdos e de materiais, mas a principal característica desse ambiente se dá pela possibilidade de interação dos professores e alunos mediatizados pelas ferramentas síncronas e assíncronas que propiciam a construção de uma aprendizagem colaborativa entre os participantes.

O *Moodle* não é utilizado apenas pelos Centros Universitários, faculdades ou Universidades, mas a sua expansão se dá também nos ambientes corporativos tanto para treinamentos, capacitação quanto para atualização como exigência do mercado de trabalho. Essa qualificação profissional muitas vezes é oferecida no próprio ambiente de trabalho. De acordo com a necessidade das instituições pode-se optar por aquelas oferecidas pelo *Moodle*, a saber: social, semanal e modular.

O curso social está baseado nos recursos de interação entre os participantes e não em um conteúdo estruturado. No curso semanal, informa-se o período em que o curso será ministrado. No curso modular, as disciplinas são oferecidas por módulos. A instituição pesquisada se utiliza do curso modular, sendo que a cada módulo são oferecidas duas disciplinas.

Os três ambientes virtuais de aprendizagem descritos evidenciam as possibilidades que as instituições possuem para oferecer seus cursos, seja a distância ou presencial. Cada um desses ambientes tem suas características próprias o que faz com que as instituições optem por determinado ambiente. O ponto comum entre esses ambientes é que eles oferecem a possibilidade de alteração para a gestão dos cursos de aprendizagem atendendo às exigências de cada instituição.

Conforme anunciado, a Instituição pesquisada por nós utiliza a plataforma *Moodle*, pela dinamicidade, de informação e gerenciamento dos cursos, atendendo às necessidades da instituição, quanto uma arquitetura que permite ao aluno e ao professor navegarem por esse ambiente de aprendizagem atendendo também às necessidades dos alunos a fim de se localizarem de forma rápida e com as informações necessárias para a interação de professor e alunos. Nesse sentido, na instituição o Departamento de Tecnologia da Informação – TI tem profissionais que atuam diretamente nesse ambiente atendendo às exigências e necessidades da instituição, professores e alunos.

Quando há a necessidade de alterações, seja no curso ou na metodologia, elas são pensadas em parceria com coordenadores de cursos, com o TI e também com a colaboração dos professores mediadores. Nem todas as mudanças propostas são atendidas, mas na parceria tem privilegiado o diálogo.

Com o intuito de aproximarmos do AVA da disciplina de Metodologia do Ensino de História e ligá-lo à nossa pesquisa, optamos por comentar algumas ferramentas e recursos disponíveis nesse ambiente, que fazem parte do dia-a-dia da professora mediadora e dos alunos.

3.2 Ambiente Virtual de Aprendizagem da disciplina de Metodologia do Ensino de História

Como já anunciado anteriormente, faremos uma aproximação do Ambiente Virtual de Aprendizagem da disciplina de Metodologia do Ensino de História, apresentando a configuração desse espaço virtual, assim como a arquitetura das ferramentas e recursos que estão disponíveis nesse ambiente para o professor e alunos da Instituição pesquisada, e para além de descrever as ferramentas e recursos disponíveis, o nosso propósito maior é de estabelecer uma relação entre a arquitetura desse ambiente e as análises da nossa pesquisa.

Parece-nos insuficiente, somente no capítulo 5 desta dissertação, apresentar ao leitor as ferramentas síncronas e assíncronas pesquisadas por nós, a fim de analisarmos as interações do professor e alunos, assim como nos

parece insuficiente apenas conceituar o ambiente virtual de aprendizagem conforme seção 3 desta dissertação. Pensando nessa arquitetura e, ao mesmo tempo, numa aproximação do leitor com esse ambiente, apresentaremos como ele está estruturado a partir do visão do aluno no momento em que ele acessa esse ambiente com seu RA e Senha.

A disciplina de Metodologia do Ensino de História teve início em 09.09.2010 e término em 30.09.2010. Ela é ofertada no segundo ano do curso e está contemplada no módulo 7, de acordo com a matriz curricular do curso de Pedagogia. O curso tem duração de três anos e meio e contempla um total de 3.200h, sendo que 2.900h são para conteúdo da disciplina, assim como distribuídos entre realização de atividades, participação em fóruns, autoestudo e aulas ao vivo, 300h são destinadas ao estágio supervisionado e 200h para atividades complementares obrigatórias, não-inclusas na matriz curricular.

A matriz curricular do Curso de Pedagogia, assim como os demais cursos de graduação e pós-graduação da instituição está estruturada por módulos obedecendo a estruturação e organização da plataforma *Moodle*.

Sendo assim, apresentamos a matriz curricular do curso de Pedagogia com a intenção de uma breve visualização da estruturação das disciplinas, assim como a distribuição da carga horária das mesmas. Todas as disciplinas estão contempladas com carga horária de 100h, exceto o Estágio Supervisionado que começa a ser ofertado no módulo 9, no terceiro ano, com carga horário de 50h.

MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE PEDAGOGIA	
1º MÓDULO – PRIMEIRO ANO	
• FUNDAMENTOS SOCIOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO	-100h
• LÍNGUA PORTUGUESA: LEITURA PRODUÇÃO DE TEXTO E LITERATURA INFANTIL	-100h
2º MÓDULO	
• POLÍTICAS EDUCACIONAIS E ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA	-100h

• GESTÃO ESCOLAR E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA -100h
3º MÓDULO
• DIDÁTICA -100h
• PRÁTICA DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA -100h
4º MÓDULO
• FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO -100h
• PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO -100h
5º MÓDULO - 2º ANO
• METODOLOGIA DA ALFABETIZAÇÃO -100h
• METODOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA -100h
6º MÓDULO
• METODOLOGIA DA MATEMÁTICA -100h
• ESTATÍSTICA APLICADA À EDUCAÇÃO BÁSICA -100h
7º MÓDULO
• METODOLOGIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS -100h
• METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA -100h
8º MÓDULO
• METODOLOGIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA -100h
• ARTE E MUSICALIZAÇÃO APLICADAS À EDUCAÇÃO -100h
9º MÓDULO – 3º ANO
• ESTÁGIO SUPERVISIONADO I - 50h
• TEORIA E PRÁTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS -100h
• PSICOLOGIA DAS REAÇÕES HUMANAS -100h
10º MÓDULO
• ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA -100h
• PRÁTICA DE ENSINO DAS MATÉRIAS PEDAGÓGICAS DO ENSINO MÉDIO -10h
• ESTÁGIO SUPERVISIONADO I - 150h
11º MÓDULO
• ESTÁGIO SUPERVISIONADO II - 150h

• PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA -100h
• TEORIA E PRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL-100h
12º MÓDULO – 3º ANO E MEIO
• PROBLEMAS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA INFÂNCIA -100h
• DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR NA INFÂNCIA -100h
• ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV -50h
13º MÓDULO
• ESTÁGIO SUPERVISIONADO V
• SAÚDE E EDUCAÇÃO -100h
• NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO -100h
14º MÓDULO
• POLÍTICAS E O PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA -100h
• LIBRAS: LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS -100h
• TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO -100h
• ESTÁGIO SUPERVISIONADO VI - 50h

QUADRO 4: Matriz curricular do curso de Pedagogia

3.2.1 Recursos e Ferramentas da Disciplina de Metodologia do Ensino de História

Para Pereira, Schimitt e Dias (2007), os recursos e ferramentas anteriormente anunciados e que compõem os Ambientes Virtuais de Aprendizagem podem ser agrupados em quatro eixos. No entendimento das autoras, não é a quantidade desses recursos e ferramentas ou a ausência de alguns que vai conceituar o ambiente virtual de aprendizagem, mas o uso que se fizer dessas ferramentas e recursos. Os quatro eixos são: a) informação e documentação; b) comunicação síncrona e assíncrona; c) gerenciamento pedagógico e administrativo; d) produção.

A seguir, apresentamos um resumo desses quatro eixos elaborado por nós:

Eixo (A): informação e documentação: apresentação das informações institucionais do curso tais como: plano de ensino, matriz curricular, catálogos de cursos e inserção de novos cursos, assim como materiais didáticos, vídeos,

áudios, biblioteca, textos enviados por alunos e professores, arquivos e documentos, calendário para acompanhar as atividades.

Eixo (B): comunicação síncrona e assíncrona: ferramentas que proporcionam interação dos professores e alunos (chat e fórum).

Eixo (C): gerenciamento pedagógico: acesso às avaliações dos alunos, notas, históricos das disciplinas, controle e desenvolvimento do aluno no curso. Controle de acesso, participação nos chats, participação nas aulas e gerenciamento administrativo: controle de notas e avaliações e controle do financeiro.

Eixo (D): produção: realização de acesso de atividades permite acessar e realizar atividades coletivas e individuais no ambiente. Ex: editor wiki, diário de resoluções de atividades.

Com relação ao eixo (A) informação e documentação, os seis primeiros estão disponíveis tanto para professor e aluno, assim como na homepage da instituição para qualquer pessoa que queira saber mais sobre os cursos oferecidos. Os eixos (B, C) estão disponíveis somente para professor e aluno no AVA. O eixo (D) não é utilizado pela Instituição pesquisada.

Um ambiente virtual de aprendizagem para além da apresentação dos recursos e ferramentas precisa ser convidativo e colaborar para a navegação dos professores e alunos. Para isto, é importante destacar a estética desses ambientes, que de acordo com Scherer (2005, p.51) contribui para que “[...] os espaços sejam habitados e não apenas visitados [...]”. Além disso, esse ambiente deve apresentar algumas características:

A estética de um ambiente virtual de aprendizagem é caracterizada pela linguagem visual, pelas interfaces. Essas precisam ser convidativas, desafiadoras, coerentes, questionadoras. Devem caracterizar as particularidades e singularidades de cada grupo e momento. Da mesma forma que sala de aula presencial, espaços físicos de convivência, o ambiente virtual pode ter a cor, os quadros, os espaços que precisamos de acordo com a necessidade e objetivo a que nos propomos. As suas arquiteturas devem caracterizar um movimento de aprendizagem, os educandos e educadores devem gostar de estar lá, precisam se sentir “em casa”, precisam querer habitar o ambiente (2005, p.56).

Diante do exposto, destacaremos os eixos e a arquitetura do ambiente virtual de aprendizagem da disciplina de Metodologia do Ensino de História. Comentaremos, a partir dos eixos propostos por Pereira, Schmitt e Dias (2007) com relação aos recursos e ferramentas disponíveis no Ambiente Virtual de Aprendizagem considerando, ao mesmo tempo, a estética proposta por Scherer (2005) e, também, as particularidades e singularidades dessas ferramentas e a disposição das mesmas no ambiente virtual de aprendizagem no momento do acesso do aluno a esse ambiente com o seu RA e SENHA.

No momento em que o aluno faz seu acesso, ele visualiza o AVA de acordo com a arquitetura apresentada no Quadro 5, no entanto, ele tem a liberdade de navegar por esse ambiente e priorizar o seu contato com os recursos e ferramentas de acordo com as suas necessidades e prioridades.

	E-MAIL
	ACESSO RÁPIDO/ NOVIDADES /PUBLICIDADES
	MURAL DE AVISOS/ FÓRUM/ MATERIAL EXTRA/SALA DO CAFÉ
	CALENDÁRIO
	AULAS AO VIVO
	AULAS POR DEMANDA
	ATIVIDADES DE ESTUDO
	MATERIAL DE ESTUDO (APOSTILA)

QUADRO 5: Arquitetura do AVA da disciplina de Metodologia do Ensino de História

3.2.2 E-mail



FIGURA 2: e-mail

O e-mail é uma ferramenta assíncrona de extrema importância no ambiente virtual de aprendizagem, sobretudo para a interação da professora mediadora e os alunos. Por meio dessa ferramenta são enviados recados da professora tanto para o grupo quanto individualmente. Da mesma forma, o aluno utiliza essa ferramenta para tirar dúvidas em relação ao curso ou, até mesmo comunicar assuntos pessoais. Além dessa ferramenta, a Instituição agregou o serviço de mensagens do live@edu. Essa é uma ferramenta que visa ao contato direto do aluno com o professor mediador. Nesse sentido, é preciso apenas que o aluno se cadastre e mande uma mensagem para a professora mediadora pedindo a inclusão de seu perfil. Dessa forma, ele ficará incluído na rede de amigos da professora mediadora e poderão interagir a qualquer momento.

3.2.3 Acesso rápido/Novidades/Publicidades



FIGURA 3: Acesso Rápido/ Novidades /Publicidades

A Figura 3 reúne uma série de recursos que estão disponíveis para o aluno no ambiente virtual de aprendizagem, no sentido de mantê-lo não só atualizado com o seu curso, mas também para consultar informações e solicitar serviços. A estética dessa figura já contempla uma breve explicação de cada recurso, o que leva o aluno a identificar brevemente a sua necessidade.

- Aluno online: reúne serviços e documentos, ex: solicitação do boleto da prova substitutiva (que será comentada na análise dos e-mails,); assim como xerox da prova e comprovante de matrícula).
- Calendário: programação para o ano letivo.
- Amigo Indica Amigo: campanha da instituição.
- Biblioteca Digital: biblioteca do campus presencial da instituição que está disponível para todos os alunos da graduação e pós-graduação da Educação a Distância.
- Certificado online: certificados referentes aos cursos oferecidos pela instituição e que estão disponíveis para impressão.
- Biblioteca Pearson: essa biblioteca está ligada à nossa pesquisa, conforme verificaremos na análise dos e-mails sendo que ela servirá de apoio para responder uma atividade que foi disponibilizada na última aula ao vivo da disciplina.
- Dúvidas e perguntas frequentes: lista de perguntas mais frequentes com relação ao curso.
- Cartão Visa: pagamento por cartão de crédito das mensalidades.
- *WebClass*: esse recurso também está diretamente ligado à nossa pesquisa, uma vez que essa ferramenta permite ao aluno verificar se a sua conexão atende às exigências mínimas de velocidade para receber imagens e sons das aulas transmitidas ao vivo.
- Central de Ajuda: mais um recurso para o aluno com relação à transmissão das aulas ao vivo.
- Novo Modelo Pedagógico: entrou em vigor no ano de 2011. Fizemos um breve comentário dessa nova metodologia com relação à atividade presencial obrigatória - APO que é uma exigência do MEC atendendo ao Decreto 5.622, comentada no capítulo 1 desta dissertação.
- SAE: (Sistema de Atendimento Eletrônico) uma ferramenta para reclamação.
- Carteirinha Provisória: (carteirinha de estudante do aluno).

Com a breve exposição desses recursos, é nosso objetivo evidenciar que o aluno disponha de um único local para reunir informações sobre o seu curso proporcionando total autonomia e um agrupamento de recursos em um único eixo.

3.2.4 Mural de Avisos/Fórum/Material Extra/Sala do Café



FIGURA 4: Mural de Avisos/Fórum/ Material Extra/Sala do Café

Na Figura 4, estão reunidos o mural de avisos, os fóruns, o material extra e a sala do café. Com exceção do material extra, todas as ferramentas fazem parte da nossa pesquisa. Vamos comentar cada um deles, na ordem em que se apresentam no AVA.

No Mural de Avisos, o professor mediador disponibiliza informações pertinentes ao curso e à disciplina. Em específico, na disciplina de Metodologia do Ensino de História, foram disponibilizadas as seguintes mensagens: horário das aulas, matriz curricular do curso de Pedagogia, os horários da professora mediadora na Instituição, textos complementares para as aulas, acesso à biblioteca virtual, prazo de matrícula para o próximo módulo, informações sobre a semana de formação geral e semana pedagógica. O mural de avisos é uma importante ferramenta no ambiente virtual de aprendizagem, pois é nesse espaço que a professora mediadora disponibiliza as informações mais importantes sobre o curso, assim como os recados urgentes. Assim, é importante que o aluno visite esse espaço regularmente, a fim de se manter atualizado com a disciplina.

No Fórum, são disponibilizados quatro temas para discussão para cada disciplina do curso. Essa ferramenta não será comentada aqui, pois será detalhada no capítulo 5 desta dissertação.

No Material Extra, são postados pela professora mediadora os slides que serão apresentados e comentados pelo professor formador⁴ na aula ao vivo, assim como artigos e textos que servirão de material pedagógico para as discussões nas aulas ao vivo, para a realização das atividades de estudo e para as participações dos fóruns.

A Sala do Café é o espaço onde são disponibilizadas reportagens atuais publicadas na internet, de preferência relacionadas ao curso e, também, mensagens de descontração e de motivação que possam promover interação de professor e alunos. Esse espaço é destinado, também, para apresentação pessoal dos alunos e suas expectativas com relação ao curso. O aluno não tem a autonomia para postar mensagens, mas poderá enviar textos para a professora mediadora e solicitar que as poste na sala do café. Assim como o fórum, a sala do café será detalhada no item 5 desta dissertação.

Com essa breve exposição, verificamos mais um agrupamento de ferramentas, atendendo ao eixo (b) proposto pelas autoras. Analisaremos, no item 3.2.5, o calendário da disciplina de Metodologia do Ensino de História.

3.2.5 Calendário Acadêmico

O calendário acadêmico tem o objetivo de organizar a vida acadêmica do aluno, assim como lembrá-lo das atividades e prazos de entrega que ocorreram na disciplina de Metodologia do Ensino de História. Comentando o calendário, a seguir, as aulas (01, 02, 03) referem-se às aulas que são ministradas ao vivo pelo professor formador. O calendário apresenta, também, a data da prova presencial e a prova substitutiva que devem ser realizadas, obrigatoriamente, no polo presencial em conformidade ao Decreto 5.622 relatado na seção 1 desta dissertação. Com relação à prova substitutiva cabe esclarecer que ela é destinada aos alunos que não atingiram a média final

⁴ Na Instituição pesquisada há três professores com funções distintas. 1. Professor mediador (que está em contato com o aluno no AVA); 2. Professor formador (ministra as aulas ao vivo); 3. Professor autor (que elabora o conteúdo da disciplina). Em algumas disciplinas, a aula é ministrada pelo professor autor.

(6,0), sendo essa mais uma oportunidade. No período da pesquisa, as provas eram contempladas com cinco questões objetivas e cinco dissertativas.

Atendendo à exigência do MEC para o ano de 2011, essas provas passam a ter sete questões dissertativas e três objetivas de nível fácil, médio e difícil com notas equivalentes a esses níveis. Por último, observa-se que o calendário contempla atividades a serem cumpridas na disciplina que são: a participação nos fóruns, atividades de estudo online, para as quais faremos um breve comentário no Quadro 6. Vale lembrar que a aula interdisciplinar que ocorreu no dia 26.08.2010 não está contemplada nesse calendário, estando disponibilizada apenas na disciplina ministrada anteriormente. Nessa aula, os dois professores da disciplina discutem um assunto que seja comum às duas disciplinas. Todas essas aulas serão analisadas no capítulo 5.

09/09/2010	AULA 01
16/09/2010	ENTREGA DA ATIVIDADE DE ESTUDO 01 (VALOR INTEGRAL DA NOTA)
16/09/2010	PRAZO FINAL PARA PARTICIPAÇÃO NO FÓRUM 01 (VALOR INTEGRAL DA NOTA)
16/09/2010	AULA 02
23/09/2010	ENTREGA DA ATIVIDADE DE ESTUDO 02 (VALOR INTEGRAL DA NOTA)
23/09/2010	PRAZO FINAL PARA PARTICIPAÇÃO NO FÓRUM 02 (VALOR INTEGRAL DA NOTA)
23/09/2010	AULA 03
24/09/2010	PRAZO FINAL PARA ENTREGA DE ATIVIDADES E FÓRUNS ATRASADOS (50% VALOR DA NOTA)
30/09/2010	PROVAS DAS DISCIPLINAS DO MÓDULO
30/09/2010	ENTREGA DA ATIVIDADE DE ESTUDO 03 (VALOR INTEGRAL DA NOTA)
30/09/2010	PRAZO FINAL PARA PARTICIPAÇÃO NO FÓRUM 03 (VALOR INTEGRAL DA NOTA)
18/11/2010	PROVAS SUBSTITUTIVAS

QUADRO 6: Calendário Acadêmico da disciplina de Metodologia do Ensino de História (fonte: homepage da Instituição)

3.2.6 Aulas por Demanda

26/08/2010	09/09/2010	16/09/2010	23/09/2010
			
Disponível	Disponível	Disponível	Disponível
Demanda	Demanda	Demanda	Demanda

FIGURA 5: Aulas por Demanda

As aulas ao vivo da disciplina de Metodologia do Ensino de História foram ministradas conforme a ordem apresentada acima. Ao término de cada aula, o conteúdo ministrado e o chat dessa aula ficam disponíveis por demanda para que o aluno possa assisti-las quantas vezes forem necessárias de acordo com a sua disponibilidade de tempo e horário. Nem todas as instituições de ensino possuem aulas ao vivo transmitidas via satélite e com chat interativo. Esse é um diferencial da Instituição para a participação ao vivo do aluno e interação com o professor formador, professor mediador e com os colegas do curso. Serão comentadas no capítulo 5 outras informações sobre a aula ao vivo e o chat.

3.2.7 Atividades de Estudo

Atividade(s) de Estudo/Interdisciplinar/Projeto/Prova			
(AI)	-	(AE1)	-
Atividade		Atividade 1	- Atividade 2
Interdisciplinar		(Pedagogia	(Pedagogia
(Pedagogia		2010C2)	2010C2)
2010C2)			
			
			

FIGURA 6: Atividades de Estudo/Interdisciplinar/Projeto/Prova)

As atividades de estudo são questionários online com dez questões objetivas referentes ao conteúdo da aula ministrado ao vivo. Essas atividades são postadas no dia da aula ao vivo, estabelecido um prazo para serem respondidas, de acordo com o calendário que consta na Figura 6. Essas atividades ficam disponíveis no AVA para o aluno como material de estudo para a prova e o gabarito das mesmas é liberado alguns dias antes da prova. A sigla (AE) significa Atividade de Estudo e a sigla (AI) Atividade de Estudo Interdisciplinar.

3.2.8 Material de Estudo (APOSTILA)

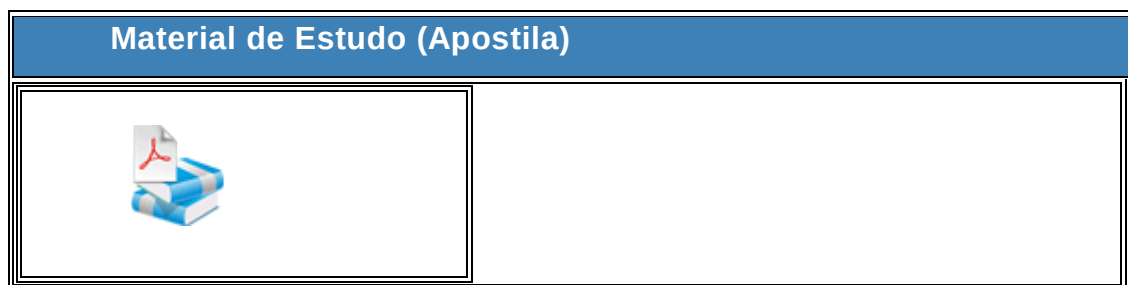


FIGURA 7: Material de Estudo (Apostila)

No material de estudo está disponibiliza, em PDF, a apostila da disciplina a ser cursada. No início de cada módulo, o aluno recebe a mesma apostila em material impresso que deve ser retirada no seu polo de atendimento. Embora o aluno tenha o material disponível no AVA, o material impresso é muito utilizado pelo aluno, pois ele tem a possibilidade de manuseá-lo e fazer anotações da forma que lhe convier atendendo às suas necessidades.

3.2.9. Gerenciamento

O último eixo proposto por Pereira, Schmitt e Dias (2010) é o que se refere ao gerenciamento. Uma das principais características do *Moodle* é a possibilidade de gerenciamento que esse software oferece para o acompanhamento da vida acadêmica do aluno. A Figura 8 (Detalhes do Aluno) tem como base de gerenciamento desde a coordenação de ensino da instituição até o professor mediador.

Essa ferramenta permite um gerenciamento pedagógico e administrativo que subsidia informações, tais como: informações gerais do aluno, histórico de disciplinas e notas, controle de acesso e permanência no AVA, participação nas aulas e se elas foram assistidas ao vivo ou por demanda, participação na semana de formação geral, assim como o gerenciamento financeiro, empréstimo de livros na biblioteca, controle de entrega da apostila no polo, entre outros. A partir da Figura 8 (detalhes do aluno), é possível ao professor mediador resgatar todo o percurso do aluno no AVA. Faremos um breve comentário sobre essa Figura.

Código	Data Aula	Assistiu	Aula	Tipo	Início	Fim	Tempo
3648	19/08/2010	23/08/2010	19/08/2010 - PED 3	Demanda	10:03	13:23	03:20
3673	26/08/2010	29/08/2010	26/08/2010 - PED 2	Demanda	19:59	19:59	00:00
3673	26/08/2010	31/08/2010	26/08/2010 - PED 2	Demanda	11:14	12:04	00:50
3673	26/08/2010	31/08/2010	26/08/2010 - PED 2	Demanda	13:10	14:50	01:40
3674	26/08/2010	26/08/2010	26/08/2010 - PED 3	Ao Vivo	19:14	20:04	00:50
3674	26/08/2010	26/08/2010	26/08/2010 - PED 3	Ao Vivo	20:10	21:00	00:50
3674	26/08/2010	29/08/2010	26/08/2010 - PED 3	Demanda	07:23	08:23	01:00
3674	26/08/2010	29/08/2010	26/08/2010 - PED 3	Demanda	17:47	18:38	00:51
3674	26/08/2010	29/08/2010	26/08/2010 - PED 3	Demanda	18:40	18:50	00:10
3674	26/08/2010	29/08/2010	26/08/2010 - PED 3	Demanda	19:01	19:51	00:50
3685	30/08/2010	30/08/2010	30/08/2010 - Semana de Formação	Ao Vivo	19:04	22:06	03:02
3686	31/08/2010	31/08/2010	31/08/2010 - Semana de Formação	Ao Vivo	20:28	21:10	00:42

FIGURA 8: Detalhe do aluno

Com essa breve exposição do gerenciamento, pode-se verificar que o professor mediador tem outras funções no ambiente virtual de aprendizagem que vão além do acompanhamento pedagógico do aluno. Por isso, esperamos ter alcançado nosso objetivo inicial que era o de apresentar os eixos propostos por Pereira, Schmitt e Dias (2010), que compõem o ambiente virtual de aprendizagem, assim como a estética e arquitetura proposta por Scherer (2005), que enfatiza que, assim como a sala de aula presencial tem seus espaços de convivência, o mesmo ocorre nos ambientes virtuais de

aprendizagem, com a caracterização das interfaces, com suas cores e designers a fim de que sejam convidativos para que o aluno possa habitar esse ambiente.

Na próxima seção, comentaremos a interação no ambiente virtual de aprendizagem, assim como o papel do professor e do aluno nesse ambiente.

4 A INTERAÇÃO NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Nesse capítulo, abordaremos os conceitos de aprendizagem colaborativa, interação e interatividade que ajudarão a compor o quadro de análises que apresentaremos no capítulo 5. Além desses conceitos, elaboramos um quadro teórico que nos auxiliará na compreensão dos papéis ressignificados do professor e do aluno na EAD, sobretudo nos ambientes virtuais de aprendizagem.

Os conceitos de aprendizagem colaborativa, interação, interatividade ganharam destaque na EAD em função da revolução das TICs, sobretudo pelas ferramentas disponíveis no ciberespaço que potencializam os contextos colaborativos e interativos entre professores e alunos no ambiente virtual de aprendizagem. À medida que nos aproximamos de tais terminologias, percebemos que a ênfase está na interação dos sujeitos envolvidos e não propriamente nas ferramentas que medeiam essas interações, pois essas são só instrumentos.

É importante ressaltar que a utilização dos recursos midiáticos ou as interfaces síncronas e assíncronas de comunicação disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem, por si só não garantem colaboração e a interação. É preciso que essas ferramentas sejam utilizadas com intencionalidade e ação conjunta entre professores e alunos para que ocorra tal colaboração e interação.

Para Belloni (2003, p.54),

Na EaD, a interação com o professor é indireta e tem de ser mediatizada por uma combinação dos mais adequados suportes técnicos de comunicação, o que torna essa modalidade de educação bem mais dependente da mediatização que a educação convencional[...].

Considerando que professores e alunos estão separados geograficamente, as ferramentas disponíveis têm a função de mediar as interações ocorridas no ambiente virtual de aprendizagem. Sendo assim, essa modalidade de ensino apresenta-se com características distintas do ensino presencial onde o contato se dá face-a-face.

Na síntese de Penteado (1997), desde a interconexão dos computadores uma nova forma dinâmica é estabelecida e a comunicação passa a ser realizada por meio das “infovias”.

A comunicação estabelecida por meio de computadores interconectados ou por “infovias” permite que o usuário seja ora receptor, ora emissor de mensagens; não se estabelece uma diferença rígida entre ambos, como é o caso da comunicação realizada via tevê, rádio, jornal impresso, etc. Os novos meios de comunicação, como as redes, são interativos por excelência (PENTEADO, 1997, p. 97).

De fato, por meio do rádio e da TV, usados em grande escala, anteriormente ao advento dos computadores interligados em rede, a comunicação ficava restrita ao emissor, não sendo possível o receptor atuar sobre a mesma. Tratava-se de um modelo comunicacional de unidirecionalidade e de mão única. No contexto dos ambientes virtuais de aprendizagem, essas “infovias” ganham ressignificação por meio das ferramentas síncronas e assíncronas em coparticipação com professores e alunos que são os sujeitos envolvidos nesse processo de diálogo. A comunicação deixa de ser unidirecional e passa a ser multidirecional.

Para iniciar a discussão sobre o modelo de comunicação que deixa de ser unidirecional e passa a ser correlacional e multidirecional, apresentaremos o fundamento da aprendizagem colaborativa que tem como maior expoente Palloff e Pratt (2002, 2004).

Na perspectiva de Palloff e Pratt (2002), a aprendizagem não é de mão única, ou seja, não depende única ou exclusivamente do professor ou do aluno, mas trata-se de uma aprendizagem baseada na interação entre todos. O termo aprendizagem colaborativa visa à construção de uma comunidade quando se tem como principal veículo as interações e a colaboração entre seus participantes com ênfase não apenas nas interações entre alunos e professores, mas, sobretudo, na interação entre os próprios estudantes:

Fundamentais aos processos de aprendizagem são as interações entre os próprios estudantes, as interações entre os professores e os estudantes e a colaboração na aprendizagem que resulta de tais interações (PALLOFF E PRATT, 2002, p.27)

De acordo com Preto, Riccio, Pereira (2009), os ambientes virtuais de aprendizagem oferecem várias interfaces, mas se elas não estiverem embasadas nos princípios de interatividade e nos pressupostos da aprendizagem colaborativa não haverá mudanças significativas na aprendizagem.

O ponto comum entre os autores supracitados é a constatação de que só haverá uma mudança na aprendizagem se forem observados os princípios de interação entre todos os participantes. Niquini (1996) amplia a discussão e nos faz refletir sobre o uso das interfaces no AVA que, em tese, tem o potencial de interatividade, no entanto são as ações de professores e alunos que trarão significado para essas ferramentas e a consequente mudança no processo de aprendizagem.

No dizer de Paloff e Pratt deve-se prestar atenção ao desenvolvimento da sensação de comunidade entre os participantes do grupo a fim de que o processo seja bem-sucedido, e os resultados exigidos pelo curso sejam alcançados. A construção de comunidade, é o veículo pelo qual ocorre a aprendizagem online. “[...] Sem o apoio e a participação de uma comunidade que aprende, não há curso on-line [...]” (PALOFF & PRATT, 2002, p.53).

Ao falar em comunidade virtual, as autoras fazem referência aos professores e alunos. O desenvolvimento da comunidade, como parte do processo de aprendizagem, ajuda a criar uma experiência que promove autonomia. Esse processo deve ser conhecido pelo professor a fim de que o uso das ferramentas seja maximizado. Sem isso, afirmam as autoras, estaremos chamando de inovadora a recriação do testado modelo educacional, sem que tenham sido exploradas todas as possibilidades que o meio eletrônico oferece.

Assim, um novo paradigma educacional se instaura na busca pelo conhecimento e significado da sala de aula online e na formação da comunidade virtual. Colaboração, objetivos comuns, orientação, interação, trabalho de equipe são extremamente importantes no processo de aprendizagem.

Objetivos comuns a professores e alunos devem estar intimamente relacionados no novo paradigma educacional. É importante começar o curso pelas apresentações pessoais para que os alunos tenham a oportunidade de

se conhecerem e serem reconhecidos pelo grupo. Um desses objetivos seria a criação de equipes com o propósito de participarem da discussão, da execução de tarefas nesses grupos; embora as autoras considerem que a formação de equipes pode ser algo difícil no ambiente online assíncrono, porque seus membros conectam-se em momentos diferentes.

Quando os alunos discutem entre si e não apenas com o professor, a colaboração cresce significativamente. O professor tem papel importante nesse novo paradigma como agente facilitador do diálogo, a fim de que ocorram vários pontos-de-vista. O trabalho colaborativo facilita tanto o desenvolvimento da aprendizagem de um grupo, quanto é importante, também, na obtenção dos resultados desejados no curso que é ministrado.

[...] Quando os alunos trabalham em conjunto, isto é, colaborativamente, produzem um conhecimento mais profundo e, ao mesmo tempo, deixam de ser independentes para se tornarem interdependentes [...] (PALLOFF & PRATT, 2002, p. 141).

Com relação à formação de equipes no ambiente virtual de aprendizagem informado pelas autoras, essa esbarra na própria dinâmica da vida pessoal e de trabalho dos alunos, pois muitos alegam não ter tempo para acessar o ambiente virtual de aprendizagem e quando o fazem é para acessar as mensagens da professora AVA ou para consultar o mural de avisos a fim de verificar as mensagens postadas que se referem à disciplina do curso.

Para Niquini (1996), é preciso ter interdependência entre os integrantes do grupo. Na Educação a Distância, os alunos são responsáveis não só pelo seu aprendizado como pelo aprendizado dos demais. Por outro lado, é preciso ter objetivos claros nas atividades e interação entre os alunos e professores. A intervenção do professor, ao longo do processo, é imprescindível e deve ocorrer por meio de feedbacks aos alunos. Para o autor, tanto a participação dos alunos quanto o retorno do professor são imprescindíveis para o processo de aprendizado.

Diante do exposto, os AVAs só atenderão aos princípios de colaboração e de interação se as interfaces disponíveis forem usadas adequadamente para esse fim e se, as relações entre professor-aluno e, sobretudo, aluno-aluno se intensificarem.

Nesse sentido, o grande desafio para o professor é utilizar essas interfaces estimulando os alunos a deixarem de ser emissores da mensagem direcionada apenas para os professores, mas que estabeleçam relações entre alunos-alunos para a construção de uma comunidade virtual de aprendizagem.

Moore, Kearsley (2007) consideram que a EAD depende de uma compreensão da natureza da interação e de como facilitá-la por meio de comunicações transmitidas com base nas tecnologias. Os autores abordam três tipos distintos de interação, a saber: interação Aluno-Conteúdo, interação Aluno-Instrutor e Interação Aluno-Aluno.

A interação Aluno-Conteúdo deve ser a primeira interação do professor em relação ao aluno, pois se trata da apresentação do conteúdo para o aluno. É na interação com esse conteúdo que o aluno vai elaborar o seu próprio conhecimento.

O segundo tipo de interação é que é considerado como essencial pela maioria dos alunos e desejável por parte dos educadores, é a interação do aluno com o instrutor. Os professores proporcionam conselhos, apoio e incentivo a cada aluno. Essa interação ocorre por correspondência ou nos ambientes virtuais de aprendizagem.

A terceira forma de interação deve acontecer entre aluno-aluno. Os grupos estão incluídos nesse caso: interação de alunos em grupos e interação de aluno para aluno. Em ambos os casos, os alunos consideram essa interação positiva, pois é o momento de se apresentarem ao grupo e também refletir sobre o conteúdo.

Para além das interações comentadas por Moore, Kearsley, temos a participação por parte do aluno, de acordo com Silva (2010).

[...] A participação do aluno se inscreve nos estados potenciais de conhecimento arquitetado pelo professor de modo que evoluam em torno do núcleo preconcebido com coerência e continuidade. O aluno não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas. Ele cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se co-autor. Exatamente como no parangolé, em vez de se ter obra acabada, têm-se apenas seus elementos dispostos à manipulação. O professor disponibiliza um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos alunos (SILVA, 2010,p.1).

Nessa perspectiva, o aluno deixa de ser passivo e torna-se coautor e o professor disponibiliza as possibilidades para que o conhecimento aconteça, pois o conhecimento não está mais centrado na emissão, mas na participação. A perspectiva do falar-ditar é rompida pela perspectiva ativa dos sujeitos.

Em entrevista concedida à Revista Paidei@ - Revista Científica de Educação a Distância, SILVA (2010) foi questionado sobre as mudanças que a interatividade pode proporcionar para melhorar o aprendizado.

Silva começa por conceituar que o termo interatividade não é um termo da informática, mas advém da comunicação. Interatividade é uma via em que os polos da transmissão e da recepção se encontram. Não há interatividade com pacotes fechados onde só o emissor fala. Na modalidade a distância baseada na TV, não há interatividade, pois as mensagens são dirigidas a um interlocutor sem a possibilidade de interação. As interfaces disponíveis tais como chat, fórum, blog disponíveis do ambiente virtual de aprendizagem podem se tornar interativas desde que usadas adequadamente.

Assim, a interatividade é marcada pela comunicação e participação ativa dos envolvidos no processo. Trata-se da mudança da distribuição em pacotes fechados para a comunicação onde todos contribuem para o aprendizado, pois todos são coautores no processo de comunicação. Silva (2006, p.158) reflete sobre os fundamentos da interatividade, em

O emissor pressupõe a participação; intervenção do receptor: participar é muito mais do que responder 'sim' ou 'não', é muito mais do que escolher uma opção dada; participar é modificar, é interferir na mensagem.

Comunicar pressupõe recursão da emissão e recepção: a comunicação é produção conjunta da emissão e da recepção; o emissor é receptor potencial e o receptor é emissor potencial; os dois pólos codificam e decodificam.

O emissor disponibiliza a possibilidade de múltiplas redes articulatórias: não propõe uma mensagem fechada, ao contrário, oferece informações em rede de conexões permitindo ao receptor ampla liberdade de associações e de significações.

Estamos diante de um desafio proposto pela cibercultura e, ao mesmo tempo, diante de possibilidades comunicativas em que o emissor não transmite a mensagem no sentido que se entende habitualmente. Os polos da emissão e da recepção estão interligados. Ao comunicar, o emissor não faz mais no

modelo para um-um, mas oferece possibilidades de manejo no modelo todos-todos.

Lemos (2010) utiliza o termo para interatividade como forma de designar a ação dialógica que ocorre entre o homem e máquina e afirma que essa relação que é de ordem técnica e social acontece todos os dias.

Um exemplo cotidiano, quando falamos em interação tecno-social, é o trânsito. O fluxo de automóveis depende de um sistema interativo, auto-organizante e participativo. No trânsito o motorista participa de um processo duplamente interativo: de um lado uma interação com a máquina [...] e de outro, uma interação com os carros (motoristas) [...] Nesse exemplo, a interatividade é, ao mesmo tempo, uma interação técnica e “social”.(LEMOS, 2010, p.1).

Para Mattar (2009, p. 112), a interatividade é um conceito complexo,

Especialmente quando pensamos em educação. A complexidade é ainda maior em EAD, já que diversos agentes interagem de diferentes maneiras, utilizando inúmeras ferramentas e com expectativas e objetivos bastante distintos. [...] com o progresso constante da tecnologia, novas formas de interação são criadas a todo momento, obrigando-nos a revisitar o conceito com frequência.

A palavra interatividade surgiu nas décadas de 1960 e 1970 como crítica à mídia unidirecional e disseminou nos anos 80 com a chegada dos computadores interligados em rede, permitindo ao usuário postar e alterar conteúdos.

Para Silva (2006), a palavra sofre banalização quando utilizada pelos domínios da publicidade e do marketing e é usada como argumentos de venda para ressaltar as potencialidades das TICs.

[...] o termo interatividade [...] precisa ser tomado para além do sentido meramente mercadológico bastante disseminado, no sentido do argumento de venda que mascara, fabrica adesão, produz opinião pública a partir do objeto-publicidade (p.ex.: tênis interativo, *shampoo* interativo, escola interativa, *game* interativo etc.) [...] (SILVA, 2006, p.58).

Concordamos com essa afirmativa com base em Silva (2000, p.11) porque a interatividade para além do sentido mercadológico sofre mudança significativa que é permitida pelas novas tecnologias.

[...] Na modalidade comunicacional interativa permitida pelas novas tecnologias informáticas, há uma mudança significativa na natureza da mensagem, no papel do emissor e no estatuto do receptor. A mensagem torna-se modificada na medida em que responde as solicitações daquele que a consulta, que a explora, que a manipula.[...]

Primo (2008) prefere falar em interação mediada por computador ao invés de interatividade. Para o autor, a interatividade é uma palavra da moda e fica banalizada, uma vez que ela passa a ser utilizada em slogans publicitários, nos programas de TV e rádio e jogos eletrônicos, assumindo um enfoque mercadológico. Ademais, segundo o autor a palavra interação já é utilizada há muito tempo no campo da comunicação e não há a necessidade de se usar outro termo. “[...] Entendendo que interação é “ação entre” e comunicação é “ação compartilhada”, quer-se estudar o que se passa entre os participantes da interação, aqui chamados de interagentes” (PRIMO, 2008, p. 56).

De acordo com Primo (2008), as interações no ciberespaço e a relação entre os agentes é sempre uma visão relacional. É preciso levar em conta que com as tecnologias atuais abrem-se muitos espaços para debates e conversações. Nesse sentido, amplia-se o espaço de tráfego de informações, mas também de conversações. Ao falar da interação não consideramos apenas os equipamentos, mas sim as relações entre os interagentes⁵. Assim, é preciso saber o que se passa entre esses, sem que o foco recaia sobre o canal, a produção ou a recepção.

Ainda no dizer do mesmo autor, (2005) há dois grupos de interação mediada por computador, a saber: a interação mútua e a interação reativa. Quanto à interação mútua, assim se manifesta o autor:

Na interação mútua os interagentes se reúnem em torno de contínuas problematizações. As soluções inventadas são

⁵ Trata-se de uma tradução livre do conceito interactant, utilizado em pesquisas de comunicação interpessoal. [...] “interagente” é utilizado no sentido de evitar termos reducionistas, como “usuário”, “emissor” e “receptor”.

apenas momentâneas, podendo participar de futuras problematizações. A própria relação entre os interagentes é um problema que motiva uma constante negociação. Cada ação expressa tem um impacto recursivo sobre a relação e sobre o comportamento dos interagentes. Isto é, o relacionamento entre os participantes vai definindo-se ao mesmo tempo em que acontecem os eventos interativos (nunca isentos dos impactos contextuais) (PRIMO, 2005, p 13)

A interação mútua se dá numa abordagem relacional do processo. Trata-se de uma constante negociação e as interações podem ocorrer de forma simultânea. A palavra mútua foi escolhida pelo autor para salientar as modificações dos interagentes durante o processo.

Quanto à interação reativa, informa o autor: “[...] a interação reativa depende da previsibilidade e da automatização das trocas. Uma interação reativa pode repetir-se infinitamente numa mesma troca” (PRIMO, 2005, p.14).

Pela interação com outras pessoas, estamos sempre em processo de ressignificação e de impacto recursivo sobre a ação e o comportamento do outro, ou seja, estamos sempre em negociação dialógica e nunca isentos de impactos. Sendo assim, durante essa dinâmica, a interação é um constante vir a ser, que sempre se mantém atualizada pelas ações desses interagentes.

Quando nos referimos aos ambientes de aprendizagem e suas características de aprendizagem colaborativa, interatividade e interação, é importante ressaltar o caráter de potencialidade. Tal potencialidade se dá pelo entendimento de que o centro da discussão não está nas tecnologias disponíveis, tampouco no atual estágio em que elas se encontram, mas na relação entre professores e alunos diante das mesmas. Pensar as tecnologias para além da relação de passividade entre professores e alunos é fazer uso delas adequadamente. Sendo assim, é preciso explorar o potencial dessas ferramentas e pensá-las para além de um mero espaço para a distribuição de conteúdos.

4.1 O Professor no Ambiente Virtual de Aprendizagem

No ensino presencial, a função docente é assegurada por um único professor em sala de aula, já na Educação a Distância essa função não é conferida a um único professor, levando em consideração os desdobramentos

dessa modalidade de ensino que exige uma equipe pedagógica para atender às necessidades e especificidades da EAD com relação ao elevado número de alunos, assim como a sua abrangência não tem limite geográfico.

Faremos um breve comentário dos demais professores nessa modalidade de ensino, antes de abordarmos o papel do professor no ambiente virtual de aprendizagem.

Esses desdobramentos, assim como as diferentes funções do professor na Educação a Distância são comentadas por Santos (2006, p.219) que critica as abordagens que separam burocraticamente a ação do professor em compartimentos:

- Professor/autor – elabora conteúdos para materiais didáticos de EAD.
- Professor/instrutor ministra aulas complementares ao material didático, síncrona ou assincronamente, intermediadas por tecnologias (chats, fóruns, videoconferência, televisão etc
- Professor/tutor - auxilia os autores e instrutores e, principalmente aos alunos, a serem bem-sucedidos no processo de ensino/aprendizagem. Não tem permissão para modificar os conteúdos e linhas pedagógicas propostas pelos autores/coordenadores do curso.

Para a autora, não existe apenas uma separação burocrática, mas de fato uma dicotomia entre a teoria e prática, entre fazer e saber. O professor autor que elabora os conteúdos a serem transmitidos o faz como pacotes fechados sem possibilidade de alteração restringindo o processo de interação, ficando, assim, uma comunicação um-um. Complementa, ainda, que a produção e a distribuição dos conteúdos e materiais, uma vez separados do processo de aprendizagem, não permitem a intervenção ativa e reflexiva dos sujeitos envolvidos nesse processo.

De fato, a produção do material didático, nas Instituições de Ensino Superior - IES, está concentrada no professor conteudista. Cerca de 70% das IES concentram as funções de produção do material didático no professor conteudista, o que coincide com a responsabilidade de ter em suas mãos todo o “saber” do curso (PIZZO, CARDOSO, MORAES, 2011, p.7).

Ainda com relação à produção do material didático, gostaríamos de acrescentar os responsáveis pela elaboração dos conteúdos da EAD de acordo com PIZZO, CARDOSO, MORAES (2011, p 19):.

Educador pertencente à instituição que exerce a função entre outras	73%
Educador pertencente à instituição, contratado especificamente para a criação do conteúdo	31%
Serviço terceirizado para empresas ou professores temporários	19%
Educadores pertencentes a outras IES	2%
Etc.	2%

QUADRO 7: Responsável pela elaboração do conteúdo de EAD

De acordo com os dados apresentados, observamos que grande parte do conteúdo é produzido pelo professor na própria instituição o que nos leva a crer que seja um trabalho organizado em parceria com os demais profissionais envolvidos nessa modalidade de ensino. Por outro lado, 19% desses materiais são terceirizados para empresas ou para professores temporários o que poderia levar a uma maior separação entre teoria e prática.

Para Arnold (2003), a Educação a Distância é produto de um trabalho compartilhado entre diversos especialistas e profissionais, de competências diversas e multidisciplinares. Sendo assim, na Educação a Distância, nem sempre é possível ao professor autor acumular as funções de professor tutor uma vez que esse primeiro ao ser convidado para elaborar os conteúdos, considerando que esses têm outros compromissos profissionais que não lhe permitem assumir atividades extras. Argumenta, ainda, a autora que a Educação a Distância é marcada pela inexistência de limites espaciais; isto significa alunos em maior número, o que requer quantidade maior de professores.

Mas, o que significa a palavra tutor? Etimologicamente esta palavra origina-se do verbo latino “tutor” que em sentido próprio significa proteger, guardar, defender, socorrer. Para Souza (2004, p.6)

A etimologia dessa palavra traz implícito o termo tutela, proteção tão comum no campo jurídico. A defesa de uma pessoa menor ou necessitada. Apropriada pelo sistema de Educação a Distância [...] o tutor passou a ser visto como orientador da aprendizagem do aluno solitário e isolado que,

frequentemente necessita do docente ou de um orientador para indicar o que mais lhe convém em cada circunstância.

A citação nos dá o primeiro indício de que o tutor na Educação a Distância é aquele que acompanhará e guiará o aluno na medida de suas necessidades.

Oliveira (2006) faz um resgate histórico sobre os diferentes sistemas de ensino e a atuação do tutor nas várias experiências da EAD, a saber: a concepção fordista, o autodidatismo, a conversação dialógica, a mediação.

Na concepção fordista, o processo de ensino é centrado no aluno e o professor fica em plano secundário. Os materiais didáticos são os principais meios para que os alunos aprendam. O trabalho do tutor se limita a ver se os alunos estão realizando as atividades, as leituras e se tem dúvidas sobre o material.

Na proposta de ensino baseada no autodidatismo, a tutoria ainda continua centrada nos alunos considerando que esses são adultos e trabalhadores, portanto o autodidatismo é incentivado, pois ele decide o que estudar e como estudar. Nesse modelo, o tutor aparece como “facilitador” da aprendizagem. Cabe a ele o papel de apontar meios para facilitar a aprendizagem indicando leituras e sites e disponibilizar materiais para a execução das atividades.

A tutoria como conversação dialógica aponta para um equilíbrio a partir das teorias da interação e da comunicação:

Um equilíbrio, no sentido da equalização da responsabilidade no processo de ensino, entre instituição e estudante.[...]. Essa equalização se dá a partir da teoria da interação e comunicação. Essas teorias permitem um olhar humanizador para a EAD, pautado na dialogicidade e a função do tutor passa a ser de mediador do conhecimento (OLIVEIRA, 2006, p.4).

A comunicação se daria, neste caso, como um equilíbrio entre professores e alunos. Nos processos dialógicos, o professor não trabalha para o aluno, mas junto com o aluno, o que permite compreender que essa comunicação não está mais baseada na verticalidade mas está distribuída horizontalmente.

Por último, Oliveira (2006, p.5) vê a tutoria como mediação.

O conceito de mediação permite vislumbrar um processo de ensino e aprendizagem, em que o conhecimento pode ser construído por meio não somente na interação entre o sujeito e o objeto do conhecimento, mas principalmente, por meio da interação sujeito-objeto, sujeito-sujeito.

A mediação pedagógica, nessa concepção ultrapassaria a função de tirar as dúvidas do aluno, ou mesmo ser apenas o motivador da aprendizagem. Nesse momento, o tutor passaria a ser aquele que auxilia o aluno no processo de ensino-aprendizagem e que promove a interação do sujeito com o conhecimento, mas também aquele que promove a interação entre os mesmos.

Para Peters (2006, p.58), a função original do tutor teve sua origem na Inglaterra que é o país de origem da tradição da tutoria.

[...] No caso de um tutor não se tratava tipicamente de alguém que era responsável pelo ensino, mas, sim, de um fellow apenas agregado à universidade, com função de assessorar estudantes individualmente em questões gerais relacionadas com o estudo, de integrá-los na vida do college e de dar assistência em geral. Não raro, estabelecia-se aí uma relação pessoal. Portanto, tutores não eram, propriamente, docentes, mas, sim, conselheiros e, na melhor das hipóteses algo como amigos mais velhos. Significativamente, no latim um dos significados originais da palavra “tutor” é protetor.

O ponto comum entre os dois autores supracitados é que a palavra tutoria remete a alguém que auxilia e orienta outrem no decorrer da sua trajetória acadêmica. O professor tutor não é aquele que detém todo o conhecimento, também não é o transmissor de um conteúdo, mas é aquele que orienta o aluno quando necessário.

No entendimento de Souza, Spanhol, Lima, Cassol (2010, p.10), a tutoria pode ser assim entendida:

Como uma ação orientadora global, chave para articular a instrução e o educativo. O sistema tutorial compreende desta forma, um conjunto de ações educativas que contribuem para desenvolver e potencializar as capacidades básicas dos alunos, orientando-os a obterem crescimento intelectual e autonomia, e para ajudá-los a tomar decisões em vista de seus

desempenhos e suas circunstâncias de participação como aluno.

Para os autores, a tarefa do tutor é de articulador e potencializar o crescimento intelectual e a autonomia do aluno. Essa visão amplia o conceito de tutoria que tem por função o acompanhamento do aluno e de levá-lo pela mão. Para promover a autonomia de alguém é preciso ensinar a ser gestor do seu próprio conhecimento, ou seja: a autonomia implica a responsabilidade em assumir para si o comando de sua vida, de suas escolhas e de seu aprendizado.

Para Moore e Kearsley (2008, p.149), os professores instrutores desempenham, primordialmente, o papel de facilitadores, mediadores ou mentores do processo de aprendizagem dos estudantes. Grande parte do trabalho desses instrutores consiste em orientar a realização das tarefas, e responder às mensagens, bem como corrigir trabalhos, o que os leva, pois, a exercer não apenas funções pedagógicas, mas também sociais administrativas e técnicas. O instrutor, na Educação a Distância, tem como tarefa a responsabilidade de assumir funções para além do pedagógico, uma vez que é ele o contato direto do aluno com a instituição. Nesse sentido, todas as dificuldades, reclamações, sugestões são direcionadas para o instrutor.

Algumas funções específicas são atribuídas ao instrutor na Educação a Distância. Essas funções são distribuídas em 12 atividades que foram sintetizadas por nós no Quadro 2.

1	Elaborar o conteúdo do curso
2	Supervisionar e ser o moderador das discussões
3	Supervisionar os projetos individuais e em grupo
4	Dar notas às tarefas e proporcionar feedback sobre o progresso
5	Manter registros dos alunos
6	Ajudar os alunos a gerenciar seu estudo
7	Motivar os alunos
8	Responder ou encaminhar questões administrativas
9	Responder ou encaminhar questões técnicas
10	Responder ou encaminhar questões de aconselhamento
11	Representar os alunos perante à administração
12	Avaliar a eficácia do curso

QUADRO 8: Funções dos instrutores na Educação a Distância

Com base nas funções dos instrutores, resumimos que essas atividades são classificadas em quatro diferentes tipos, a saber:

- Os três primeiros itens representam as funções de ensino. Não significa que o professor instrutor elabore o conteúdo, mas ele ressalta alguns aspectos do conteúdo do curso para, por exemplo, observar a discussão dos alunos, intervir nas discussões e interagir com alunos e grupos.
- Do quarto até o sétimo item de atividades, há referência ao progresso do aluno, à avaliação do aluno em relação aos seus estudos e ao curso e também feedbacks.
- Do oitavo ao décimo primeiro item, é formado por perguntas de ordem administrativa, técnica ou de aconselhamento que podem ou não ser respondidas pelo professor instrutor. Seriam as funções de apoio ao aluno, em que o professor é a ponte entre os demais especialistas do curso.
- O último item é realizado em nome da instituição em seu esforço para aperfeiçoar a qualidade de seus programas.

Diante do exposto, fica evidenciado que o professor instrutor tem várias atribuições que consistem desde a observação até a intervenção no que se refere às discussões entre os alunos ressaltando alguns aspectos do conteúdo. Essa atribuição se dá pelo posicionamento do professor diante da Educação a Distância, considerando que ele é a ponte entre o aluno e as demais instâncias da instituição.

O professor instrutor é a pessoa que vê e ouve todas as necessidades dos alunos, pois os demais profissionais e especialistas do curso não têm contato direto com os mesmos, cabendo a ele, também a função de reencaminhar dúvidas que fossem para além do pedagógico. O instrutor seria uma fonte de informação confiável e uma ligação entre os demais profissionais envolvidos na criação e manutenção dos cursos a distância.

No caso específico da instituição especializada e conforme já anunciado na Introdução desta dissertação, o professor que atua no ambiente virtual de aprendizagem é denominado de “mediador”, a nomenclatura de “tutor” é designada para o profissional que atua no polo auxiliando os alunos nas suas dificuldades administrativas.

Exercer as atividades do Professor Mediador é uma tarefa complexa por abranger múltiplas funções, uma delas é o desafio de construir novas maneiras de ensinar e aprender, utilizando todo potencial que as tecnologias atuais podem oferecer.

De acordo com o PPC do curso de Pedagogia, o Professor Mediador tem a função de ser “facilitador” da aprendizagem, motivando, orientando e avaliando. Cabe a ele várias atividades que seguem abaixo:

Organizar a sala de aula virtual informando o calendário e os objetivos do curso, expondo ao aluno a expectativa esperada em relação à interação dele com o curso, promovendo contato inicial com a turma, bem como estimulando o aluno a interagir uns com os outros, gerando um senso de comunidade social.

- Interpretar o material visual e multimídia, quando o aluno tiver dúvidas, melhorando, assim, o andamento do curso.
- Incentivar a pesquisa, fazer perguntas, avaliar respostas, relacionar comentários, coordenar as discussões, sintetizar seus pontos principais e desenvolver o clima intelectual geral do curso, encorajando a construção do conhecimento.
- Acompanhar os comentários lançados no fórum de cada disciplina, participar, incentivar os alunos, motivá-los e avaliá-los.
- Orientar o acadêmico em suas atividades, fazendo o intercâmbio da aprendizagem e proporcionando atendimento individual e personalizado por meio do AVA e/ou telefone.
- Dar feedback constante e rápido ao aluno, enfatizar ao aluno a real importância que a formação tem para sua vida pessoal e profissional.
- Expor ao acadêmico às habilidades de estudo autônomo e compreender as relações do estudo com seus interesses particulares e profissionais.
- Identificar as capacidades e limitações dos alunos, atentando-se às dificuldades deles e buscando reintegrá-los ao grupo, utilizando estratégias diversificadas para intervir no processo de ensino e aprendizagem, ajudando-o a progredir em seus estudos e minimizando as desistências.

- Verificar a ausência do aluno no AVA e manter contato com ele, utilizando de mensagens pelo Ambiente Virtual, e-mail e telefone, mostrando a importância de cada aluno na Instituição.
- Manter contato direto com o corpo docente, trazendo as informações com fontes concretas ao aluno.
- Corrigir as atividades e avaliações.
- Estimular o estudante ao hábito da leitura e a busca constante do conhecimento, indicando material bibliográfico e sites, conforme orientação do Professor Formador/Autor da disciplina.
- Controlar o acesso de seus alunos, mostrando a ele como estudar e a importância de ficar sempre ativo em suas atividades.

Os itens elencados demonstram o quão importante é o professor mediador para o aprendizado do aluno, para a orientação nas atividades e para a integração à turma.

Mesmo não havendo unanimidade entre os autores no decorrer dessa seção com a relação às nomenclaturas do professor que atua no ambiente virtual de aprendizagem, um mínimo de consenso fica estabelecido com relação à sua ação didático-pedagógica. Esse professor não é aquele que produz os materiais didáticos e que ministra as aulas, mas é o guia, o incentivador e o motivador que auxiliam nas atividades e medeiam os processos de comunicação e interação.

Ao analisar os desdobramentos das funções do professor mediador, no ambiente virtual de aprendizagem, foi possível constatar quão importante é o seu papel para a realização dos cursos a distância, assim como ainda existe um longo caminhar para que seu papel seja, de fato, reconhecido não só na literatura disponível, assim como na prática cotidiana de suas atividades.

Se o professor atua como um guia e um incentivador, isso implica em dizer que os alunos precisam assumir a responsabilidade pelo seu próprio processo de aprendizagem. É o que trataremos a seguir.

4.2 O Aluno no Ambiente Virtual de Aprendizagem

Os desafios atuais da educação com a oferta de formação inicial e continuada ao longo da vida, somados às exigências de preparar profissionais com flexibilidade, dinamicidade, responsabilidade, autonomia, trabalho em equipe, a busca por informações e resolução de problemas associadas à disseminação do acesso às TICs, ampliaram a oferta de cursos em EAD e abriram a discussão sobre o aprendizado e o perfil do aluno para essa modalidade de ensino.

Para compreender a natureza do aprendizado do aluno no ambiente virtual de aprendizagem é fundamental entendê-lo na sua relação e atuação na Educação a Distância. Esse aluno se enquadraria na teoria da educação de adultos, denominada de andragogia.

O termo andragogia (do grego andros- adulto – e agogos – guiar, conduzir, educar) foi utilizado pela primeira vez em 1833, pelo professor alemão Alexander Kapp, com o objetivo de descrever os elementos da teoria de educação de Platão, que exercitava a indagação, a interação e a dialética com pequenos grupos de alunos. Mas esse esforço caiu no esquecimento e, apenas após a Primeira Guerra Mundial, começaram a surgir nos Estados Unidos e na Europa os conceitos educacionais que levaram em conta as características do aprendiz adulto (ALMEIDA, 2009, p.106).

Litto (2010) apresenta a diferença entre pedagogia e andragogia. Enquanto a pedagogia refere-se à aprendizagem de crianças e jovens, a andragogia refere-se à aprendizagem de adultos. Destaca a interação entre professor e aluno e aluno-aluno nesse processo de aprendizagem:

Pedagogia é o termo usado para se referir à aprendizagem entre jovens; a maneira de se comunicar com o aluno e a correspondente internalização do conteúdo, incluindo a interação entre os próprios alunos e entre estes o facilitador ou tutor. Andragogia é o termo reservado para a aprendizagem de adultos, cujas formas de interagir com conhecimento são distintas. Adultos gostam de sentir que estão no controle de suas vidas, suas ações. Eles não se abrem para aprender sem antes se sentirem dispostos e motivados para isso[...] (LITTO, 2010, P.54)

Ademais, com o advento das TICs ocorreram mudanças significativas nas dimensões do pensar e fazer humano e, por consequência, na dimensão educacional. Diante desse contexto, Para Polak (2009), inaugura-se um novo paradigma:

Nesse novo paradigma, o aluno é o sujeito que se faz presente durante todo o processo de construção e reconstrução do conhecimento, processo esse vivenciado no ambiente interativo e colaborativo de aprendizagem, mediado pelas tecnologias e pela presença do professor tutor (POLAK, 2009, p.153).

O aluno não recebe a informação passivamente, pois ele interage diretamente com o conhecimento, e ele não está sozinho nesse processo, ele é intermediado pelas tecnologias disponíveis e pelo professor tutor; tanto professor quanto alunos devem estar em interação mediatizados pelas interfaces disponíveis e que viabilizam uma comunicação interativa e colaborativa.

Na síntese elaborada por Rossini (2007), o aluno é sempre o foco de um programa educacional e um dos pilares para garantir a qualidade da Educação a Distância é a comunicação entre professores-alunos e alunos-alunos facilitada pelo avanço das TICs.

A comunicação ou interação entre professor-aluno, aluno-aluno na Educação a Distância é uma prática que contribui para evitar o isolamento e manter um processo instigante e motivador de aprendizagem, facilitador de interdisciplinaridade, adoção de atitudes de respeito e de solidariedade em relação ao outro.

Os alunos, geralmente, ingressam em cursos online acreditando que este estará em consonância com as suas necessidades, mas independentemente do que leve o aluno ao ambiente virtual de aprendizagem, o fato é que ele pouco sabe das exigências que o ensino online apresentará. É possível, então prever se um aluno terá ou não sucesso online?]

[...] É certo que identificamos características que parecem aplicar-se, mas não há critérios absolutamente certos para o sucesso ou quaisquer instrumentos de classificação confiáveis

que possam ser usados para medir a possibilidade de sucesso. Consequentemente, a precisão do sucesso é algo que fica a critério de quem faz o curso (PALLOFF & PRATT, P. 88, 2004).

De fato, não podemos garantir com precisão o sucesso do aluno, tendo em vista que não existe um único fator para esse sucesso. Podemos contar como já informamos na seção anterior, com recursos e ferramentas disponíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem que disponibilizam relatórios de acesso, de participação nas atividades e nas aulas. De posse dessas informações, é possível manter um contato com o aluno por e-mail ou por SMS incentivando-o a participar do curso, no entanto o resultado dessa ação preventiva e motivadora não está no total controle por parte do professor e nem dos recursos utilizados, pois depende do feedback do aluno e sua expectativa com relação ao curso.

Para Ferreira e Mendonça (2010), a Educação a Distância traz algumas vantagens e desvantagens para o aluno. Uma das vantagens seria a flexibilidade tanto para iniciar os seus estudos quanto para estudar. O aluno tem a possibilidade de dar ritmo próprio para a sua aprendizagem. Quanto às desvantagens, o aluno pode se sentir solitário e gerar desmotivação.

Moore e Kearsley (2008, p.185) identificam algumas características do curso ou do programa que afetam positiva ou negativamente o sucesso.

A relevância do conteúdo percebida para a carreira ou para interesses pessoais;

- A dificuldade do curso e do programa (isto é, quantidade de tempo e esforço necessária);
- O grau de apoio ao aluno;
- A natureza da tecnologia usada para a transmissão do curso e a interação;
- A extensão das etapas ou da programação envolvida;
- A quantidade e a natureza do feedback recebido dos instrutores e orientadores relativamente às tarefas e ao avanço no curso;
- A quantidade e a natureza da interação com instrutores,, orientadores e outros alunos.

Em resumo, como já comentando anteriormente o sucesso do aluno a distância não está relacionado a um único fator, mas a uma série deles que agora foram exploradas por Moore e Kearsley. Um desses fatores estaria

relacionado ao imediatismo de suas necessidades de trabalho e também pessoais. Outro fator seria o desconhecimento dessa modalidade de ensino que difere totalmente da sala de aula presencial. Nesse sentido, gerenciar tempo e esforço são condições imprescindíveis para o alcance do sucesso do aluno na EAD. Não menos importante é o apoio que esse aluno receberá por parte do professor, assim as interações que ocorrerão por meios das tecnologias disponíveis e também das interações ocorridas entre os próprios alunos.

Outro requisito para o sucesso do aluno na Educação a Distância é que ele tenha acesso a um computador e à conexão de alta velocidade. Muitas instituições divulgam um mínimo de exigências tecnológicas necessárias para que os alunos participem de forma efetiva do curso com todos os recursos disponíveis. A instituição pesquisada divulga em seu ambiente de aprendizagem informações com um mínimo de exigências de acesso à banda larga que são necessárias para que o aluno participe das aulas ao vivo e do chat em tempo síncrono além de fazer download de programas e materiais disponíveis por demanda.

Diante da colocação das autoras acima referidas e do o reconhecimento de que nem todos os alunos possuem acesso à banda larga fica evidenciado que isso poderia prejudicar o sucesso do aluno. No Brasil, podemos observar a exigência da Portaria Normativa 2, de 10 de janeiro de 2007, que regulamenta a criação de polos para atendimento aos alunos da Educação a Distância, conforme relatado no capítulo 2 desta dissertação.

No entendimento de Paloff e Pratt (2004), outro fator causador de insucesso é a falta de organização do aluno que, muitas vezes, o leva a perder o tempo estabelecido para entrega de suas atividades ou participações, discussões e sentir dificuldade em acompanhar o ritmo do curso. O fator desorganização, segundo as autoras interfere não só a motivação como também a sua aprendizagem.

Os cursos que se limitam à transmissão do conteúdo, mesmo os de excelente qualidade, correm o risco de ter um aluno desmotivado caso esses não estejam envolvidos em processos participativos, afetivos e que inspirem confiança. Por outro lado, a autonomia e a organização pessoal são

indispensáveis para o sucesso do aluno que pertence à modalidade de Educação a Distância (MORAN, 2006).

Sob a ótica de Litto (2010), o perfil do aluno da Educação a Distância deve ser de disciplina e de independência, e essa modalidade de ensino não é para todos. Se o aluno precisa ser constantemente elogiado ou cobrado pelo professor, não é um bom aluno para a Educação a Distância, pois essa modalidade necessita de alguém mais autônomo e que cumpra os prazos pré-estabelecidos.

Podemos observar que a liberdade e flexibilidade, por parte do aluno da EAD, proporcionam-lhe certa liberdade, mas esta liberdade estará intrinsecamente ligada à sua disciplina e o gerenciamento do seu tempo.

Para Arcúrio (2008, p.1), é preciso ter autonomia na aprendizagem e essa requer algumas exigências por parte do aluno:

A autonomia na aprendizagem é algo peculiarmente democrático e requer disciplina, decisão, organização, persistência, motivação, avaliação e responsabilidade. No que tange a educação a distância, ser um aprendiz autônomo é saber utilizar-se dos recursos tecnológicos que esta modalidade disponibiliza, adequando-os às reais necessidades individuais, o que significa dizer: flexibilidade de horário para o estudo, atendimento personalizado, inovação das metodologias de ensino, aperfeiçoamento e novas possibilidades de avaliação da aprendizagem, sem denegrir suas normatizações legais, assim como a ampliação de relacionamentos interpessoais.

Considerando que o aluno da Educação a Distância está separado geograficamente do professor no tempo e no espaço ele necessita reunir uma série de características que promovam a sua autonomia no AVA. Por outro lado, a tecnologia seria uma aliada considerando a flexibilização de horários, atendimento personalizado e formas diferenciadas de avaliação.

Com relação à flexibilidade de horário para estudo, é preciso que o aluno organize seu tempo em momentos que lhe são possíveis considerando os seus horários de trabalho, seu horário de lazer e seu horário dedicado aos estudos. Essa flexibilidade de tempo e espaço também foi contemplada por Toffler (1980) ao informar que a sociedade atual impulsionada pela revolução

tecnológica altera, radicalmente, a forma como as pessoas organizam sua vida para o trabalho, o lazer e os estudos.

Com a autonomia e a flexibilidade no AVA, espera-se que ao aluno virtual tenha a responsabilidade de comunicar ao professor os problemas que surgirem, pois ao contrário da sala de aula presencial onde é possível o professor identificar mudanças comportamentais ou pedagógicas, seja por contato visual, movimentos ou falta de participação, no ambiente virtual de aprendizagem isso não ocorre.

Por outro lado, de acordo com Pallof e Pratt (2004, p.27), os professores precisam prestar atenção a alguns indicadores de mudanças:

- a) mudança no nível de participação;
- b) dificuldade em começar o curso;
- c) expressão inadequada de emoções para com outros alunos e professores;
- d) dominar a discussão de maneira ...

Todos os indicadores acima relacionados podem ser acompanhados e trabalhados pelo professor tutor ou mediador, visto que é ele quem acompanha, diariamente e durante todo o curso o aluno no ambiente virtual de aprendizagem. Os dois primeiros indicadores podem ser gerenciados e acompanhados por meio de relatórios que permitem monitorar o acesso do aluno no AVA. Esses relatórios informam dia, hora e duração da conexão do aluno, assim como saber se ele assistiu às aulas ao vivo ou por demanda e possibilita, ainda saber os caminhos por onde o aluno navegou no AVA.

A interface de comunicação mais adequada para resolver os dois primeiros indicadores é o e-mail que é uma ferramenta assíncrona, visto que esse é um canal de interação exclusivo entre o professor e o aluno sem expô-lo diante do grupo.

O terceiro indicador pode ser observado e trabalhado, também, por meio de ferramentas assíncronas como o e-mail, fórum ou lista de discussão. O último indicador pode ser observado pela ferramenta síncrona como o chat que acontece em tempo real e que, muitas vezes, o aluno, por ansiedade ou na expectativa de ter sua resposta atendida tenta dominar a discussão. Todo gerenciamento e acompanhamento do aluno no AVA, descrito acima, é

possível de ser acompanhado conforme informado na seção 3 desta dissertação.

Diante do exposto, concluímos que o aluno é responsável em grande medida pelo seu aprendizado, o que implica em autonomia que a Educação a Distância exige, sobretudo porque o aluno não terá a presença física do professor, diariamente, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem ocorrerá em tempos e espaços descontínuos. Nesses espaços e tempos descontínuos, o aluno tem a responsabilidade de organizar e realizar as atividades solicitadas durante o curso e participar de forma ativa nos momentos de interação.

5. A INTERAÇÃO DO PROFESSOR E ALUNOS NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Nesta seção, comunicaremos os resultados da nossa pesquisa empírica. Porém, antes de fazê-la, apresentaremos os 30 sujeitos do estudo que concordaram em participar voluntariamente da pesquisa, autorizando o resgate de suas mensagens, via e-mail, trocadas com a professora mediadora, assim como a participação nos chats das quatro aulas ao vivo, nos temas dos quatro fóruns e sala de café no ambiente virtual de aprendizagem da disciplina de Metodologia do Ensino de História de uma Instituição de Ensino Superior do Norte do Paraná que teve início em 09.09.2010 e término em 30.09.2010.

Tendo em vista que os sujeitos da pesquisa estão separados geograficamente do pesquisador, a carta de autorização da pesquisadora foi enviada e devolvida pelos alunos pelo AVA.

No Quadro 9, apresentamos o quadro situacional dos alunos da disciplina de Metodologia do Ensino de História que tem por objetivo mensurar os sujeitos da pesquisa, indicando o sexo, o polo ao qual o aluno está vinculado, a cidade onde reside o aluno e a faixa etária dos acadêmicos. Neste Quadro, é possível observar que apenas dois acadêmicos são do sexo masculino assim como podemos verificar a heterogeneidade etária dos participantes, considerando que a acadêmica A7 é a mais nova (com 19 anos completos) e a aluna A7 é a mais velha (com 67 anos completos).

A partir do polo de origem dos 30 sujeitos da pesquisa, observamos que os mesmos estão distribuídos em cinco Estados do Brasil, a seguir:

- Distrito Federal (1 aluno);
- Minas Gerais (3 alunos);
- Paraná (24 alunos);
- Santa Catarina e (1 aluno);
- São Paulo (1 aluno).

Essa dispersão geográfica demonstra a amplitude da Educação a Distância no contexto geográfico de nosso país. A instituição pesquisada possui 58 polos cadastrados.

QUADRO SITUACIONAL DOS ALUNOS DA DISCIPLINA DE METODOLOGIA DE ENSINO DE HISTÓRIA				
ALUNO	SEXO	POLO	CIDADE	DT NASC.
A14	M	Apucarana	Mandaguari - PR	29/08/1973
A20	F	Arapongas	Arapongas -PR	10/01/1970
A11	F	Astorga	São Jorge do Ivaí - PR	17/03/1980
A16	F	Astorga	Santa Fé - PR	21/04/1965
A18	F	Betim	Betim - MG	25/01/1973
A27	F	Betim	Betim - MG	10/03/1973
A25	F	Brasília	Ceilandia - DF	23/08/1977
A8	F	Campo Mourão	Campo Mourão - PR	18/11/1988
A28	F	Campo Mourão	Campo Mourão - PR	03/06/1979
A19	F	Curitiba -Pinheirinho	Curitiba - PR	02/01/1973
A21	F	Guarapuava	Guarapuava -PR	08/07/1976
A10	F	Londrina	Londrina - PR	10/11/1965
A7	F	Londrina	Londrina - PR	30/05/1943
A9	F	Londrina	Londrina - PR	28/11/1970
A26	F	Londrina	Londrina - PR	19/03/1960
A4	F	Maringá	São Jorge do Ivaí - PR	02/07/1965
A5	F	Maringá	Maringá - PR	17/02/1982
A6	F	Maringá	Marialva - PR	28/12/1974
A13	F	Maringá	Marialva - PR	18/12/1964
A17	F	Maringá	Sarandi - PR	30/09/1977
A23	F	Maringá	Maringá - PR	03/07/1969
A1	F	Maringá	São Jorge do Ivaí - PR	03/05/1979
A2	F	Maringá	São Jorge do Ivaí - PR	05/02/1969
A3	F	Maringá	Maringá - PR	27/11/1956
A24	F	Maringá	Altamira do Paraná - PR	20/05/1990
A30	M	Maringá	Maringá - PR	13/12/1965
A12	F	Pará de Minas	Pará de Minas - MG	21/11/1982
A22	F	Porecatu	Nantes - SP	11/05/1983
A29	F	Porecatu	Porecatu - PR	21/01/1973
A15	F	São Bento do Sul	São Bento do Sul - SC	26/06/1991

QUADRO 9; Situacional dos Alunos da Disciplina de Metodologia de História

5.1 Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

Para análise dos dados obtidos no AVA entre o professor mediador e os alunos da disciplina de Metodologia do Ensino de História do curso de Pedagogia a distância, optamos pela pesquisa qualitativa, por entendermos que essa possibilita analisar questões de cunho subjetivo e interpretações dos sujeitos participantes na pesquisa.

Para Bogdan e Bilklen (1994), a investigação qualitativa em educação assume variadas formas e é conduzida por múltiplos contextos. Os autores utilizam a expressão investigação qualitativa como um termo que agrupa estratégias diversificadas de investigação que compartilham de determinadas características. Os dados recolhidos são ricos em pormenores descritivos a pessoas, locais e conversas. As questões a investigar são formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural.

Ainda, segundo Bogdan e Bilklen (1994), a investigação qualitativa é descritiva e os dados recolhidos são em forma de palavras e não de números. Os dados incluem em outros, as transcrições de entrevistas a fim de analisar os dados em toda a sua riqueza e procurando respeitar, sempre que possível, a forma como esses foram registrados ou transcritos. Sendo assim, a palavra escrita tem grande importância na pesquisa qualitativa, tanto para o registro dos dados como para a disseminação dos resultados. Podemos abrir um parêntese e afirmar que no AVA, a palavra escrita é substituída pela troca de mensagens síncronas e assíncronas (no caso do e-mail, fórum, chat).

Os investigadores qualitativos têm mais interesse pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos e as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que forem recolhidos se agrupam com base em muitas peças individuais de informações recolhidas que estão inter-relacionadas. "Os planos evoluem à medida que se familiarizam com o ambiente, pessoas e outras fontes de dados, os quais são adquiridos através da observação direta." (BOGDAN, 1994, p.83).

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), os investigadores qualitativos em educação questionam de forma contínua os sujeitos da investigação com o objetivo de perceber o que eles experimentam, o modo como eles interpretam

as suas experiências e o modo como eles estruturam o mundo social em que vivem. O processo de condução de investigação qualitativa reflete um diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos.

No entendimento de ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, (1999, p.158), “A adoção prévia de uma direção teórica, não impede que outras categorias teóricas sejam posteriormente acrescentadas, desde que estas não sejam incompatíveis com a posição anterior”.

Nosso entendimento de pesquisa condiz com o pensamento de Ludke e André (1986, p.02). Nas palavras das autoras, uma pesquisa trata

[...] de uma ocasião privilegiada reunindo o pensamento e a ação de uma pessoa, ou de um grupo, no esforço de elaborar o conhecimento de aspectos da realidade que deverão servir para a composição de soluções propostas aos seus problemas.

Para as autoras, as mudanças ocorridas na sociedade agregaram novos modelos e métodos nas pesquisas das Ciências Humanas e Sociais, sobretudo nos estudos relacionados aos fenômenos educacionais. Essas mudanças promoveram aproximação do pesquisador com o objeto pesquisado.

Conforme Ludke e André (1986), as pesquisas na área de Ciências Humanas e Sociais sofreram mudanças, sendo assim agregaram novos modelos e métodos, especialmente aos estudos educacionais. A proximidade do pesquisador com o objeto pesquisado é uma dessas características que merecem destaque.

Para Ludke e André (1986, p.04) “[...] os dados não se revelam gratuita e diretamente aos olhos do pesquisador”. A visão de mundo do pesquisador, assim como sua experiência de vida e a convivência com determinado grupo social poderão influenciar na sua pesquisa.

O papel do pesquisador é justamente o de servir como veículo inteligente e ativo entre esse conhecimento acumulado na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa. É pelo seu trabalho como pesquisador que o conhecimento específico do assunto vai crescer, mas esse trabalho vem carregado e comprometido com todas as peculiaridades do pesquisador, inclusive e principalmente com as suas definições políticas (Ludke e André, 1986, p.05).

Nesse sentido, assumimos essa pesquisa pelo viés etnográfico, atendendo aos pressupostos qualitativo-fenomenológicos, assim como a

necessidade de compreender um grupo cultural nas suas particularidades. Justificamos essa viés porque houve aproximação da pesquisadora com o seu objeto de pesquisa.

Ainda de acordo com Ludke e André (1986), a pesquisa etnográfica tem por finalidade compreender o significado das ações, assim como o comportamento dos indivíduos no seu ambiente e, ao mesmo tempo procura manter a visão objetiva do fenômeno a ser pesquisado.

Para Bogdan (1994, p. 59), a etnografia consiste

[...] numa descrição profunda [...] o etnógrafo depara-se com uma série de interpretações da vida, interpretações do senso comum, que se torna difícil separar umas das outras. Os objetivos do etnógrafo são os de apreender os significados que os membros da cultura têm como dados adquiridos e posteriormente, apresentar o novo significado às pessoas exteriores à cultura. O etnógrafo preocupa-se essencialmente com as representações.

Ludke e André (1986) apresentam algumas características acerca da abordagem etnográfica na educação, que se aproximam aos métodos utilizados nessa pesquisa, a saber:

O problema é redescoberto no campo: o pesquisador, em primeiro lugar se insere na situação e, a partir dela, aprofunda o problema inicial da pesquisa.

O trabalho de campo: de extrema importância para o pesquisador, pois esse é constituído na experiência direta com a situação a ser estudada e pesquisada.

O método: dentre as abordagens, algumas merecem destaque, tais como: a observação direta das atividades realizadas pelo grupo pesquisado, a fim de captar o que ocorre nesse grupo.

Diante do exposto, acreditamos que a abordagem etnográfica se enquadraria no nosso objeto de pesquisa, tendo em vista que acompanhamos uma disciplina como observadores dentro do ambiente virtual de aprendizagem. Considerando, ainda, que na pesquisa etnográfica o pesquisador busca estudar a vivência de povos e culturas, podemos fazer analogia com o ciberespaço. De acordo com Siqueira (2003, p.29),

[...] o ciberespaço pode ser encarado como uma nova terra, recém descoberta a nos desafiar. À semelhança de uma “terra ignara”, o virtual abre para os que nele navegam e se

aventuram, a partir de meados dos anos 90, uma nova perspectiva, que inclui tribos, nova temporalidade, novos cenários, novas formas de interação social, nova linguagem, etc.

Nosso objetivo ao analisar a disciplina de Metodologia do Ensino de História não foi analisar a disciplina, mas utilizamos esse ambiente para a investigação das interações de professor e alunos, bem como coletar e analisar os dados construídos pelos próprios sujeitos da pesquisa sem a prévia intervenção da pesquisadora.

5.2 A Interação Professor e Alunos na Ferramenta Assíncrona E-mail

A análise descrita abaixo foi construída com os dados obtidos com a professora mediadora e os alunos participantes da disciplina de Metodologia do Ensino de História. Considerando a distância geográfica da pesquisadora com o grupo pesquisado, encaminhamos pelo ambiente virtual de aprendizagem a carta de autorização para os alunos. O envio da carta de autorização, assim como a coleta de dados só ocorreu após o término da disciplina. Propusemos a analisar na sequência em que se apresenta: o e-mail, o fórum, a sala do café, o chat.

O E-mail é uma importante ferramenta de interação na instituição pesquisada, pois ele é o primeiro canal de comunicação entre os alunos e a professora mediadora. A fim de verificar as interações que ocorreram nessa ferramenta assíncrona, resgatamos tanto os e-mails enviados da professora para o grupo, quanto os e-mails dos alunos para a professora que ocorreram na disciplina de Metodologia do Ensino de História. Após o levantamento dessas mensagens, verificamos que os mesmos apresentavam assuntos em comum. Aqui, agrupamos para uma pequena análise separando-os em quatro categorias. Em primeiro lugar, abordaremos os e-mails da professora para o grupo. Essa prioridade se deu considerando, justamente, a interação da professora com o grupo e também, verificar quais os alunos que retornaram a mensagem.

1. E-mail da professora mediadora direcionadas para o grupo.

2. E-mail dos alunos para a professora com relação à atividade relâmpago.
3. E-mail dos alunos com dificuldades no AVA.
4. E-mail dos alunos com dúvidas pedagógicas.

Nas interações por e-mail, diversos assuntos são abordados entre professor-aluno, desde pedagógicos, financeiros, administrativos, dúvidas com relação ao conteúdo e atividades da disciplina e questões pessoais. Essa é a única ferramenta em que o aluno pode falar de assuntos pessoais sem que seja exposto ao grupo. A possibilidade em tratar de tais assuntos sem divulgá-los para o grupo é uma característica única da ferramenta e-mail, algo que não acontece com as ferramentas chat e fórum. A desvantagem é que essa ferramenta deve ser respondida de imediato para não causar a sensação de desmotivação e desinteresse pelos assuntos abordados pelos alunos.

5.3 E-mail da professora mediadora para o grupo

A professora mediadora na disciplina de Metodologia do Ensino de História enviou sete e-mails para o grupo de alunos nas seguintes datas:

- 25 de agosto de 2010;
- 27 de agosto de 2010;
- 28 de agosto de 2010;
- 30 de agosto de 2010;
- 15 de setembro de 2010;
- 22 de setembro de 2010;
- 29 de setembro de 2010.

O primeiro e-mail da professora mediadora para o grupo ocorreu em 25 de agosto, convidando os alunos para a aula interdisciplinar que ocorre entre as duas disciplinas do módulo. A aula interdisciplinar é o momento em que os dois professores formadores discutem um assunto comum para ambas as disciplinas. A palavra interação é utilizada pela professora no sentido de que o aluno se aproprie do conteúdo para interagir com os professores. A professora estimula também a leitura de um texto para melhor compreensão da aula. Três alunos responderam a mensagem da professora, apenas com agradecimentos.

Quarta feira , 25 agosto 2010⁶

Profa: [07:34] “Olá, Amanhã (26/8/10), teremos a nossa aula interdisciplinar, envolvendo os professores das duas disciplinas. Portanto, para que haja uma boa interação entre os alunos e professores, disponibilizei no Material Extra alguns textos que serão utilizados no decorrer da nossa aula. Procurem ter os respectivos textos em mãos no momento da aula, principalmente o texto intitulado Biopirataria, e faça também a leitura. Qualquer dúvida estou à disposição.”

A3: “Ok professora L. Obrigada”

A14: “Eu e a C. estaremos atento a aula de amanhã, obrigado”

A17: “obrigada”

QUADRO 10: E-mail da professora mediadora para o grupo 25/08/2010

No segundo e-mail, enviado em 27 de agosto de 2010, a professora mediadora direciona a participação dos alunos com relação ao fórum interdisciplinar. Por parte dos alunos, observamos a mesma regularidade de retorno das mensagens com três alunos agradecendo o aviso.

sexta, 27 agosto 2010

Profa. [10:40]: “Olá, Nesse módulo, você deverá participar somente em uma disciplina no que se refere ao tema interdisciplinar, do grupo de discussão. Caso você participe do fórum interdisciplinar na disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências, não há necessidade de participar na disciplina de Metodologia do Ensino de História, pois o tema é o mesmo. Qualquer dúvida entre em contato. Att, Prof^a. L.”

A9: “Obrigada professora”

A19: “ok grata”

A26: “ ok.grt.”

QUADRO 11: E- mail da professora mediadora para o grupo 27/08/2010

No terceiro e-mail, enviado em 28 de agosto de 2010, a mensagem da professora se refere à SEMANA DE FORMAÇÃO GERAL. Essa semana é organizada com palestras para todos os alunos dos cursos de graduação da instituição. A participação nessa semana permite que o aluno receba certificados que o ajudarão a cumprir as horas complementares obrigatórias

⁶ Todas as conversas no e-mail, assim como nos chats foram mantidos na forma como foram extraídas do AVA da disciplina de Metodologia do Ensino de História, portanto sem correção ortográfica ou gramatical.

de acordo com a carga horária de cada curso. O aluno pode assistir a essas palestras tanto de casa quanto do polo; no entanto, o que vai validar as horas complementares é o acesso que o aluno fez até o prazo estipulado pela instituição. Esse acesso é controlado pela ferramenta de gerenciamento, conforme comentado no capítulo 3 desta dissertação. A professora direcionou o aluno para o mural de avisos o que indica que o aluno deve buscar mais informações sobre o conteúdo. Cinco alunos responderam para a professora apenas como mensagem de agradecimento, seguindo a mesma regularidade das duas mensagens anteriores.

Sábado, 28 de agosto 2010

Profa: [11:19] “Olá pessoal, Durante essa semana, do dia 30/8 ao dia 03/9, acontecerá a SEMANA DE FORMAÇÃO GERAL, que consiste em palestras durante todos os dias com variados temas. Ao assistir às palestras, você receberá certificado, conforme postei no Mural de Avisos. Também postei, no Mural de Avisos, o cronograma da respectiva semana. Na quinta-feira, dia 02/9, será abordado um tema referente ao curso de Pedagogia, sendo assim, após a palestra estará disponível um questionário com 10 questões, que valerá 1,0 na média. Qualquer dúvida estou à disposição. Bons estudos!!

A7: “Obrigada professora, abraços”

A23: “ok! Obrigada”

A25: “ok. Boa tarde”

A26: “obrigada professora”

A28: “*obrigada professora*”

QUADRO 12: E-mail da professora mediadora para o grupo 28/08/2010

No quarto e-mail, do dia 30 de agosto de 2010, a professora mediadora informa sobre os exercícios postados na sala de café para a prova de estatística que ocorreu no módulo passado. A prova substitutiva é a segunda oportunidade que o aluno tem para atingir a média final (6,0) para a aprovação na disciplina. Cinco alunas agradeceram a mensagem, sendo que duas delas fizeram comentários positivos e duas delas com comentários positivos com relação ao tratamento dispensado pela professora mediadora.

segunda, 30 agosto 2010

Profa. [08:56]: “Pessoal, Postei, na sala do café, a resolução da lista de exercícios referente à prova substitutiva de Estatística. Para os alunos que ficaram para a substitutiva na disciplina de Estatística, verifique, pois os exercícios estão resolvidos passo a passo. Boa prova!!”

A29: “Ok professora, obrigada pela ajuda”

A19: “Ok obrigada valeu”

A20: “obrigada professora,estarei lá”

A26;”grata professora, sempre nos lembrando das atividades”

A4:”Professora é muito bom saber que a senhora pensa na gente!!!!

QUADRO 13: E-mail da professora mediadora para o grupo 30/08/2010

No quinto e-mail, ocorrido em 15 de setembro de 2010, a professora convida os alunos para participarem da segunda aula de disciplina de História e os incentiva a lerem o material de estudo, assim como os slides e, também, a participarem do fórum e da atividade de estudo. Cabe lembrar que a professora mediadora não enviou mensagem para os alunos com relação à primeira aula da disciplina de Metodologia do Ensino de História. A mesma regularidade das respostas dos alunos ocorrida nas quatro mensagens anteriores ocorreu, sendo que cinco alunas responderam agradecendo as mensagens.

Quarta, 15 setembro 2010

Profa. [11:48]: Caros acadêmicos,Nessa quinta-feira, dia 16/9/10, acontecerá nossa segunda aula da disciplina de Metodologia do Ensino de História, com a professora P..

Nossos horários de Aula (horário de Brasília):

19h20min até 20h50min – primeiro momento de aula

20h50min até 21h10min – intervalo

21h10min até 22h40min – segundo momento de aula

É muito importante que vocês leiam as unidades 3 e 5 da apostila para participarem da aula com as dúvidas e comentários. Os Slides dessa aula estarão disponíveis no ícone Material Extra, bem como a atividade, no ícone Atividade de Estudo e o segundo fórum, no ícone Grupo de discussão, tema 2. Bons estudos a todos!!

A2: “ obrigada pelo recado,V.”

A4: “Obrigada professora”

A7: “ Obrigada professora L. Bom final de semana!”

A25; “obrigada, valeu”

A27: “ Ok flor estou na expectativa bjka!!!!!!”

QUADRO 14: Email da professora mediadora para o grupo 15/09/2010

No sexto e-mail, do dia 22 de setembro de 2010, a professora mediadora comunica sobre a terceira aula e sobre a participação no fórum e nas atividades de estudo. Nesse e-mail, tivemos sete alunos que responderam a mensagem da professora com a mesma regularidade de respostas, ou seja, apenas agradecendo.

quarta, 22 setembro 2010

Profa L: “Olá, Pessoal, Nessa quinta-feira (23/9), teremos a nossa terceira aula referente à disciplina de Metodologia do Ensino de História, com a professora P. A aula será ao vivo, tendo início às 19h20min e término às 22h40min, horário de Brasília. Logo após a aula, o grupo de discussão - tema 3 e a atividade de estudo 3 já estarão disponíveis. Participe!!! Bons estudos a todos.”

A1: “Olá professora L., boa tarde”

A3: Professora Obrigada. Estarei lá”

A4: “Obrigada professora, pela atenção dispensada. Valeu”.

A7: “Boa noite professora L!”

A23: “ok.Valeu”

A25: “obrigada”

A26: “grata professora”

A27: “ok...muito obrigada estarei atenta, abraço!!!!!!”

QUADRO 15: Email da professora mediadora para o grupo 22/09/2010

O último e-mail, enviado no dia 29 de setembro de 2010, fechando o ciclo de mensagens direcionadas ao grupo de alunos da disciplina de Metodologia do Ensino de História. A mensagem refere-se às provas do módulo. Observa-se pelas respostas dos seis alunos agradecimento e ansiedade.

Quarta-feira, 29 setembro 2010

Profª. [11:40]: “Olá pessoal, Nesta quinta-feira (30/9/10),teremos as provas referentes ao módulo C, ou seja, referentes às disciplinas de Metodologia do Ensino de Ciências e Metodologia do Ensino de História. Quero desejar a todos uma ótima prova. Caso tenham dúvidas encaminhem mensagem. Boa prova!! Profª. Lilian”

A21: “Obrigada professora. Eu vou estudar”

A22: “ ok professora, muito obrigada”

A29: “obrigada, estou ansiosa”

A30:”Valeu Prof.!”

A4: “obrigada pelo lembrete professora”

A28: Prof. É muito bom contar com a sua ajuda”

QUADRO 16: E-mail professora mediadora para o grupo 29/09/2010

Diante dos sete e-mails enviados pela professora mediadora ao grupo de alunos, observamos a preocupação da professora mediadora com relação

às aulas ao vivo, às atividades de estudo, aos horários das aulas, aos materiais disponíveis para estudo, à participação nos fóruns. Os materiais de estudo auxiliam na construção do conhecimento por parte do aluno, mas devem servir também para interação entre aluno e professor.

Com relação aos materiais de estudo, entendemos que houve preocupação da professora mediadora em incentivar o uso desses materiais com intencionalidade.

Como educadores temos a responsabilidade de fazer com que a informações e os materiais sejam usados de modo intencional, não aleatório e [...] orientados nas atividades de ensino-aprendizagem [...] (FIORENTINI, 2003, p.28).

A professora mediadora incentivou, por meio de seus e-mails, o uso intencional dos materiais para a interação entre aluno e professores e também com o conteúdo. Os materiais de estudo dos alunos, nas disciplinas, estão em apostila impressa e também disponível em PDF no ambiente virtual de aprendizagem e pelos textos extras, conforme informado nos e-mails pela professora.

Nem todos os alunos têm a mesma facilidade de navegar pelo AVA em busca de informações, assim os e-mails da professora reforçam a ideia de que alguns alunos podem se sentir “perdidos no AVA”, sendo assim, precisam de informações detalhadas sobre a dinâmica do curso:

Muitas vezes o aluno se sente “perdido” no ambiente, necessitando da presença de um tutor ou de um professor que o conduza. Ou o ambiente pode deixá-lo inseguro [...]. Essas e outras dificuldades [...] em termos de comunicação e de estímulo, podem dificultar o envolvimento do aluno da proposta pedagógica (LUCIANO;BOFF;CHIARAMONTE, 2005, p.182).

Entendemos que a professora mediadora conduziu os alunos para as participações nas aulas ao vivo, na semana de formação geral, nas participações nos fóruns e atividades de estudo. As mensagens com referência aos textos disponibilizados no material extra e a indicação do exercício da disciplina de estatística na sala do café indicam uma preocupação com relação à localização dos alunos no AVA. Observamos, ainda, o estímulo da professora ao desejar boa prova.

Para Loyolla (2008, p.148), é preciso um suporte ao aprendiz:

De maneira geral, percebe-se que, para o sucesso de um curso a distância, é de vital importância que se estabeleça um planejamento detalhado das atividades e dos mecanismos de comunicação que serão usados. Após esse detalhamento é preciso estabelecer claramente as regras, de modo que os alunos compreendam os prazos e as formas de comunicação e não se sintam frustrados ou ansiosos, já que os intervalos de tempo foram bem determinados. Com a clareza de regras é possível não só evitar as ansiedades como também determinar os limites da individualidade dos participantes, embora todos estejam trabalhando para um mesmo propósito.

O mecanismo de comunicação utilizado pela professora mediadora se dá por meio de e-mail, o que possibilitou um planejamento das atividades por parte dos alunos. Verificamos, também, que foram estabelecidas algumas regras como horário de participação nas aulas e prazo para a participação na semana de formação geral, o que possibilitou aos alunos a sensação de confiança confirmada por algumas respostas postadas no e-mail. Embora os e-mails foram dirigidos ao grupo, os limites de individualidade dos alunos, com relação aos seus estudos fica delimitada.

Com relação às respostas dos alunos que tiveram regularidade de agradecimentos, podemos inferir que os mesmos possuem as características de alunos adultos, ou seja, que são responsáveis pela sua educação.

A andragogia vem sendo considerada como um novo conceito educacional voltado à educação de adultos que tomam a decisão de aprender algo que seja importante para sua vida e trabalho, passando a ter um papel ativo em seu processo de aprendizagem e na realização de atividades nas mesmas condições que os demais participantes (professor e alunos) (ALMEIDA, 2009, p.105).

Entendemos que os alunos que agradeceram à professora mediadora, ao lembrar-se das atividades, prazos, aulas ao vivo e demais assuntos abordados no e-mail, estavam atentos ao AVA. Embora não tenhamos disponibilizadas as datas em que os alunos responderam as mensagens, todas aconteceram no dia seguinte. Podemos, ainda, considerar que os alunos que não responderam às mensagens também estavam atentos aos recados e, sendo assim, responsáveis pelas suas atividades e participação nas aulas, pois

alguns desses alunos estiveram presentes nas aulas ao vivo e participaram do fórum e da sala do café.

Sobre o correio eletrônico, Chaves (2006, p.3) informa:

Na verdade, o chamado correio eletrônico é um correio virtual, pelo qual circulam correspondências eletrônicas. Contudo, seria um erro considerar o correio eletrônico apenas uma recriação do correio e das correspondências convencionais. A virtualização do correio acrescentou-lhe dimensões importantes, não existentes antes. Muitas dessas dimensões representam nítidas vantagens. Em primeiro lugar, a transmissão das mensagens e, portanto, a comunicação, é muito mais rápida – virtualmente instantânea. Em segundo lugar, uma mensagem pode ser enviada para vários destinatários simultaneamente. Em terceiro lugar, e mais importante, uma mensagem pode, hoje, em muitos casos, incluir som,[...] a voz humana[...] imagens[...] vídeo(CHAVES, 2003, p.3)

De fato, a velocidade do tráfego de informações virtuais, nas infovias do ciberespaço, facilita e aproxima professores e alunos que estão separados geograficamente. Portanto, o e-mail ou correio eletrônico é uma ferramenta assíncrona que facilita a colaboração e interação entre os usuários.

Com relação à interação entre o professor e alunos, Moore e Kearslaey (2008, p.195) informam:

A maioria dos alunos gosta da interação com seus instrutores [...] não somente por relações relacionadas à instrução, mas também pelo apoio emocional que surge desse contato social. [...] Para muitos alunos, isso é um modo valioso de reduzir sua sensação de isolamento.

Constatamos que a interação social, mesmo a distância, é um fator importante para a construção do conhecimento do aluno e o seu envolvimento com o curso. Alunos que se sentem motivados e em constante contato com o professor no AVA se sentem encorajados a expor suas dificuldades e anseios.

Não podemos dizer que houve interação do professor com os alunos ao longo dos sete e-mails trocados apesar da rapidez nas respostas enviadas para a professora, já comentadas anteriormente,.

Nas palavras de Primo (2008), para interagir é preciso engajamento.

Não é demais repetir que interagir não é algo que alguém faz sozinho, em um vácuo. Comunicar não é sinônimo de transmitir. Aprender não é receber. Em sentido contrário, quer se insistir que interação é um processo no qual o sujeito se engaja. Essa dinâmica desenvolvida entre os interagentes tem como característica transformada a recursividade [...] (PRIMO, 2008, p.71-72)

Os e-mails indicam que não houve engajamento por parte dos alunos, assim como não houve a recursividade, entendida aqui como o interagir do professor e aluno para dar continuidade aos assuntos anunciados pela professora mediadora.

5.4 E-mail dos alunos para a professora, referente à atividade relâmpago

A atividade relâmpago, conforme Quadro 17 é uma atividade avaliativa, na qual o aluno deve responder a uma pergunta formulada pela professora mediadora, lançada durante a aula ao vivo. Essa atividade tem o prazo de 24h para ser respondida, pela ferramenta síncrona e-mail. O objetivo dessa atividade é incentivar o uso da biblioteca virtual Pearson. A atividade relâmpago pode ser lançada em qualquer aula da disciplina e sem aviso prévio. Sendo assim, para que o aluno seja avaliado nessa atividade, o mesmo teria que assistir todas as aulas da disciplina. Os textos dos alunos foram suprimidos, pois o que nos interessava era o feedback dos alunos para a professora com relação à atividade relâmpago.

A1:. “Olá Professora L. Atividade Relâmpago O professor de história [...] e a desenvolver o espírito crítico, e a perceber-se como sujeito histórico. [...]”
Profa: “Olá J. recebi sua atividade relâmpago. Qualquer coisa estou à disposição”
A2: O professor de história deve estar sempre motivado a dar boas aulas, tentando levar o conhecimento, a cultura aos seus alunos. Ele precisa estar bem informado, ser um bom leitor, incentivar seus alunos a lerem história em busca de novos conhecimentos [...]
Profa: “Olá V. recebi sua atividade relâmpago. Qualquer coisa estou à disposição”
A4: “É preciso que o Ensino de história seja valorizado e que os professores se conscientizem da sua responsabilidade perante os alunos, para que os mesmos compreendam e assim melhorem o mundo em que vivem. [...]”
Profa: “Olá J. recebi sua atividade relâmpago. Qualquer coisa estou à disposição”
A7: “O professor de História deve ser consciente de sua responsabilidade de ensinar. Por isso ele deve ser uma pessoa que lê muito, procure conhecimento, cultura e saber que conhecimento não é apenas [...]

Profª: “ Olá E. recebi sua atividade relâmpago. Qualquer coisa estou à disposição”

A11: “O ensino de História é um fator preponderante para a formação integral de um cidadão. A História é referência ensinada, numa prática que apresente os conteúdos, com responsabilidade social e com criticidade para a nossa [...]”

Profª: “ Olá D. recebi sua atividade relâmpago. Qualquer coisa estou à disposição”

A13: “Diante da rapidez das mudanças tecnológicas, sociais e econômicas que vivemos e a gama de informações que os alunos estão sujeitos hoje, o professor de história, necessita urgente despertar e não se prostrar diante dessa situação, assumir uma postura que transforme [...]”

Profª: “ Olá G. recebi sua atividade relâmpago. Qualquer coisa estou à disposição”

A16: “O professor de história deve trabalhar o conteúdo em sala de aula de forma dinâmica, partindo do conhecimento prévio do aluno, estabelecendo relações de temporalidade, levando o aluno a investigar interagindo com o fato histórico, identificando a história do presente e do passado, estabelecendo as relações com os vários tempos e espaços.”

Profª: “ Olá J. recebi sua atividade relâmpago. Qualquer coisa estou à disposição”

A25: “O professor de história não pode se esquecer qual é seu papel como educador. Para isso ele tem que ter responsabilidades para com seus alunos e, sempre utilizar linguagem de fácil compreensão [...]”

Profª: “ Olá R. recebi sua atividade relâmpago. Qualquer coisa estou à disposição”

A30: “Os autores destacam o papel de mediador do professor entre o patrimônio cultural da humanidade e a cultura do aluno. O professor deve perceber a linguagem adequada para interagir com o aluno, mas deve ser um ser cultural, um devorador de [...]”

Profª: “ Olá R. recebi sua atividade relâmpago. Qualquer coisa estou à disposição”

QUADRO 17: Atividades relâmpago enviadas pelos alunos

Moore e Kearsley (2007, p.208) nos apresentam a realidade de instituições de nível universitário com relação às bibliotecas:

Grande parte da educação, certamente em nível universitário, exige que os alunos façam alguma pesquisa que utilize materiais adicionais aos que são fornecidos [...]. Um grande desafio para os administradores da educação a distância tem sido proporcionar uma biblioteca que pode ser comparada com a que estava disponível para os alunos do campus.

A instituição pesquisada tem à dispor dos alunos da Educação a Distância a biblioteca do campus do ensino presencial. Os alunos podem fazer o empréstimo virtual dos livros a qualquer momento, respeitando as regras de empréstimo da instituição. O aluno da Educação a Distância retira os livros solicitados no seu polo regional.

Outra biblioteca disponível na qual os alunos devem se apoiar para responder a atividade relâmpago é a Pearson que disponibiliza uma coletânea

de 1.225 livros distribuídos em diferentes áreas, assim bastaria ao aluno acessar a biblioteca virtual e procurar pelo livro indicado para a sua pesquisa e responder a atividade.

Essa atividade foi lançada na última aula, que ocorreu no dia 23.09.2010 quando constavam 21 alunos participantes na aula ao vivo. Essa foi a aula com mais participantes; apenas nove alunos responderam a atividade por e-mail para a professora mediadora.

De acordo com Maia (2009, p.203), o aluno é

[...] o principal responsável por sua aprendizagem. Nesse sentido ele não é mais um mero (tele)espectador, pois precisa interagir constantemente com os docentes para que possa desenvolver ainda mais a sua aprendizagem. [...] A participação e a interatividade do aluno são fundamentais nesse processo, já que dependem dele a tomada de iniciativa [...].

Ao analisar o baixo retorno da atividade relâmpago, podemos concluir que não houve responsabilidade de alguns alunos com relação ao cumprimento de suas atividades acadêmicas e sua aprendizagem, tampouco interação com a professora.

5.5 E-mail dos alunos com dificuldades no AVA

O ambiente virtual de aprendizagem, enquanto espaço de ensino e aprendizagem, pode ocasionar, em algumas situações, dúvidas e questionamentos por parte dos alunos. Essas dúvidas compreendem desde acesso, dificuldades técnicas e pedagógicas. Mesmo se tratando de alunos que estão cursando o segundo ano do curso, alguns ainda sentem dificuldades em acessar e visualizar todas as informações desse ambiente.

As mensagens que compõem o Quadro 18 indicam que apenas quatro alunos apresentaram algumas dificuldades com relação ao AVA, e um aluno com relação à sua impressora. Podemos considerar pelo restrito número de mensagens que os alunos do curso estão bem ambientados com o AVA e a professora respondeu a todas as dúvidas, o que demonstra um ato de suporte social que é uma das funções do professor mediador.

A6: “Professora, como eu faço para imprimir os certificados disponíveis no AVA, com qualidade?”

Profa L: “ Olá A. Você deve verificar se a sua impressora está configurada de forma precisa para imprimir os certificados. Qualquer dúvida estou à disposição. Att.”

A6:” Obrigada Professora,o problema era na impressora, meu irmão ajudou”

A14: “ Bom dia Professora, hoje estaremos assistindo a AULA todos juntos; G. C. e A., pois a mesma está com teu aparelho em manutenção, estou lhe avisando por motivo das presenças, desde já um muito obrigado.”

Profa. L. “Olá G. Tudo bem, mas é preciso que a C. e a A. também acessem com a senha e o RA delas para obterem presença, elas podem acessar após o intervalo. Qualquer dúvida entre em contato. Att,”

A15: “Olá.. Professora. Gostaria de saber se não pode mais assistir a semana de palestra em casa, pois no meu AVA não está disponível... ? ATT Abrãço...”

Profa. L.: “Olá J. A semana de conhecimentos gerais ainda não começou, por isso você não a visualiza. A partir de segunda-feira é que você começará a visualizá-la. Qualquer dúvida estou à disposição. Bom final de semana”

A26: não abre o questionario

Profa. L. Olá. Você deve clicar na Atividade de estudo 1, clicar no quadrado com o número 1, clicar na resposta e, em seguida, clicar em responder. Você deve seguir esse passo em todas as questões, ao final deve clicar em finalizar questionário. Qualquer dúvida, estou à disposição. Bom final de semana.

A6: “ Professora, entrei em pânico, minha página diz que não estou matriculada em nenhuma disciplina e ainda não consigo acessar as aulas e nem visualizar as disciplinas já cursadas... Me responda por favor.”

Profa. L.: “Olá Eu estou visualizando a sua página normalmente, com as disciplinas de Metodologia do Ensino de Ciências, que já encerrou, e Metodologia do Ensino de História, que iniciará na próxima quinta-feira. Hoje teremos a palestra da Semana de Formação Geral, é um link separado das disciplinas. Qualquer dúvida, estou à disposição. Att,”

QUADRO 18: E-mails dos alunos com dúvidas no AVA

O ato de suporte social é explicitado por Collins e Berge (1996, apud Teles, 2009, p.77).

Inclui tentativas de fazer o estudante sentir-se confortável na sala de aula virtual, bem como promover sua inclusão no ambiente on-line.

a) Empatia: expressões de compreensão em relação às colocações do estudante, de sua posição ou perspectiva. Inclui a empatia relacionada com tarefas tediosas ou difíceis, assim como empatia em relação à frustração com problemas técnicos.

Observamos que a professora mediadora teve empatia quando demonstrou compreensão em relação ao problema técnico da aluna e com relação às colocações dos estudantes e suas dúvidas no AVA retratando, neste episódio, a interação entre professor e aluno com relação aos problemas apresentados.

5.6 E-mail dos alunos com dúvidas pedagógicas

Com relação às dúvidas pedagógicas, 14 alunos enviaram mensagens para a professora mediadora. Em algumas mensagens, a professora não responde às dúvidas dos alunos, apenas indica o caminho para que eles busquem as respostas. Essa situação pode ser observada quando esses alunos fazem perguntas sobre as atividades complementares, os cursos gratuitos disponibilizados no mural de avisos e a nota da disciplina, conforme abaixo:

A18: “olá, por favor olhe com urgencia as minhas atividades complementares, pois tem alguma coisa errada nelas, não tenho as horas que foi colocada lá, imprimi todos os certificados e falta muitas horas que foram completadas e não foi colocada lá, de uma olhadinha, aguardo resposta”

Profa. L.: “Olá S. Com relação às horas complementares você deve encaminhar um e-mail para [...] explicando sobre as horas complementares que faltam. Qualquer dúvida entre em contato. Att,”

A25: “obrigada. Professora L. Sobre as 200H atividades complementares, essas horas pode ser de curso de operador de micro avançado? Que são 80 horas aula.”

Profa. L.: “Olá R. Tem que ser cursos voltados para a Educação. Você pode encaminhar o certificado, mas passará por uma análise pode ser que as horas não sejam validadas. Qualquer dúvida estou à disposição. Att”

A12: “Bom dia professora L. eu não tenho quase nada de horas complementares de curso pois meu tempo é muito currido, onde posso consultar as que tenho? e se ao final do curso se eu não tiver as 200 horas como faço? Obrigada uma abraço!”

Profa. L.: “ Olá S. Você deve completar essas horas até o final do curso, caso contrário não colará grau. Postei no Mural de Avisos, alguns cursos online que você pode fazer, está com o título Atividades Complementares. Para verificar quantas horas você tem, clique em aluno online, tem um campo chamado atividades complementares é só clicar nesse campo que aparecerá as horas que você entregou certificados. Qualquer dúvida estou à disposição.”

A6: “Professora, conferindo as minhas horas complementares, percebi que não foram lançadas as horas de 2009 e nem do curso de reforma ortográfica, por favor verifique para mim. Obrigada”

Profa. L.: “ Olá A. Verifiquei com a secretaria e me informaram que você deve encaminhar um e-mail para [...] informado a questão das horas que não foram lançadas. Com relação à atividade de estudo a questão está correta, você se deveria ter se atentado ao assunto referente à História como componente curricular. Qualquer dúvida estou à disposição. Att”

A12: “Boa tarde.... Desculpe mas eu não entendi sobre os cursos eu posso fazer cursos mesmo não sendo sobre pedagogia? o saite que vc passou como faço para acessar um curso? e a tabela eu não entendi... Obrigada.....”

Profa. L.: “ Olá S. Na tabela coloquei os cursos que estão disponíveis, você deve acessar o link que está no mural de avisos e se inscrever em dos cursos. Você deve acessar o link e verificar o ícone da inscrição. Qualquer dúvida estou à disposição. Att”

A27: “ professora como vou saber se passei na sub de politicas? obrigada!!!!!!!!!!”

Profa. L.: “Olá . Você deve acessar o ambiente aluno online, clicar em acadêmico, histórico. Acredito que as notas serão lançadas na semana que vem. Qualquer dúvida estou à disposição. Att”

QUADRO 19: E-mail dos alunos com dúvidas pedagógicas

Para Moore e Kearsley (2008, p.149):

Na maioria das instituições, as perguntas de ordem administrativa, técnica ou de aconselhamento serão respondidas por especialistas de um serviço de apoio aos alunos. Na prática, no entanto, constatamos que a grande maioria dos alunos não contata diretamente os especialistas, mas formula inicialmente as suas perguntas aos instrutores que podem dar uma resposta ou encaminhar a questão para outro profissional.

Com relação à atividade complementar, a professora indica o mural de avisos para obter maiores informações acerca de cursos gratuitos, assim como informa o e-mail para que as alunas busquem as informações sobre o lançamento de suas atividades complementares no AVA e orienta que uma aluna acesse o aluno online para verificar as suas notas.

A iniciativa da professora promove uma nova postura. “O aluno é o grande agente transformador. A partir de suas colocações, de suas dúvidas, de seus questionamentos e de suas ações cotidianas [...] é que sua aprendizagem se desenvolve Maia” (2009, p.204):

As demais mensagens se referem a dúvidas gerais, participação nas aulas, acesso, solicitação de provas e viagem.

A2: “Eu havia optado por não fazer a disciplina nesse período,não assisti as aulas para poder fazê-la no próximo ano.”

Profa L: “ Olá, Você pode deixar para fazê-la no próximo ano”.

A4: “Professora. Estou com uma dúvida. As matérias de História e Psicologia estão como "Adaptação". A de minhas colegas de curso é somente História que é de Adaptação, hoje estou solicitando a prova para ser feita quinta-feira (30). Gostaria de saber se a de psicologia eu irei fazer também com elas na quinta feira? Vou ter que solicitar também? Fico aguardando sua resposta.Obrigada. J”

Profa L: “ Você deverá solicitar adaptação de Metodologia do Ensino de História, Didática e Psicologia do Desenvolvimento. Qualquer dúvida estou à disposição. “

A8: “Professora L. eu entendi que devo fazer uma avaliação de cada uma das avaliações e por o ponto positivo e o ponto negativo de cada uma dessas. Estou certa por favor responder o mais rápido possível até as 18:15”

Profa. L.: “Olá A. Não entendi muito bem a sua pergunta. Você se refere à enquete? Com relação à aula interdisciplinar que aconteceu ontem, é a junção das duas disciplinas do módulo. A aula é ao vivo, logo após, você terá que

responder ao tema interdisciplinar do grupo de discussão e responder à atividade de estudo. Você tem o prazo de uma semana para realizar essas atividades. Qualquer dúvida estou à disposição. Bom final de semana”

A10: “Obrigada professora L. vou fazer uma viagem na sexta de madrugada. Vou ficar trabalhando até mais tarde, caso não assista a aula de quinta, poderei assisti-la por demanda depois? Agradeço.”

Profa. L.: “Olá H. A aula estará disponível por demanda sim. Qualquer dúvida estou à disposição. Att,”

A15: “ Professora. Gostaria de saber como é somada as notas das atividades interdisciplinar e a nota da atividade da semana de conhecimentos gerais? É dividida entre as duas matéria(ciências e história) ou não? Como funciona? Abraço”

Profa. L.: “Olá J.A nota se repete nas duas disciplinas, ou seja, você tirou 0,5 na interdisciplinar, essa nota aparecerá nas duas disciplinas do módulo. Qualquer dúvida estou à disposição. Att,”

A24: “olá profª, quando serão disponibilizados os slides da aula 3?”

Profa. L.: “Olá J. Eu já disponibilizei, mas vou verificar o que aconteceu, pois você não é a única que não visualizou. Qualquer dúvida entre em contato.Att”

A25: “ professora L. a semana de formação geral não tem fórum, só a atividade né?”

Profa. L.: “Olá R. Isso mesmo, somente a atividade de estudo, com o prazo de uma semana para realizá-la. Qualquer dúvida entre em contato novamente.”

A27: “ Ok professora tudo tranquilo, acredito que estou pronta pra prova, nem estou tão nervosa como de costume abraço!!!!!!! torça pra nós fica com Deus, e que ele nos abençoe”

Profa. L. “Olá E. Ele estará com vocês na hora da prova, mas você também deve fazer a sua parte, não é mesmo? Boa prova. Abraços”

A10: “Professora L. Gostaria de avisá-la que amanhã teremos uma missa de despedida da diretora às 18 h, por isso devo me atrasar um pouco para chegar em casa. Posso acessar a aula com um pouco de atraso?”

Profa L: “ Olá H. Pode sim, você pode acessar quando chegar. Ela ficará disponível por demanda também, você poderá acessá-la em um outro dia para assistir a parte que perder. Qualquer dúvida estou á disposição. Att”

QUADRO 20: Dúvidas Gerais

Podemos concluir, por meio dos e-mails com dúvidas pedagógicas, que a professora mediadora promoveu uma nova postura para o aluno:

Quando se exige do aluno uma postura proativa na aprendizagem, é preciso orientá-lo e ambientá-lo nesse novo cenário.[...] O aluno terá de desenvolver um novo foco de atenção, o despertar para sinais que podem ser importantes para a sua aprendizagem[...] (MAIA, 2009, P.204).

Quanto mais a professora estimula o aluno para que esse busque suas próprias respostas, mais ele se tornará independente no seu processo de aprendizagem.

5.7 A Interação Professor e Aluno na Ferramenta Assíncrona Fórum

Na disciplina de Metodologia do Ensino de História da instituição pesquisada, foram disponibilizados no ambiente virtual de aprendizagem quatro temas de fóruns. Os temas estavam relacionados com os conteúdos abordados nas aulas ministradas ao vivo pelo professor formador. Assim, foram disponibilizados os seguintes temas nas respectivas datas, como é mostrado no Quadro 21.

FÓRUM	TEMA	AULA AO VIVO
Fórum Interdisciplinar	Biopiratia no Brasil	26.08.2010
Fórum 1	O Ensino de História	09.09.2010
Fórum 2	Análise documental em sala de aula	16.09.2010
Fórum 3	Noções temporais	23.09.2010

QUADRO 21: Temas dos Quatro Fóruns

Os fóruns tinham objetivo de aprofundar a discussão acerca de um conteúdo específico ministrado nas aulas ao vivo. Além desse objetivo, o fórum tinha como característica ser uma ferramenta de avaliação para compor a média final do aluno em cada disciplina. Para cada tema postado, o aluno tinha o prazo de uma semana a contar da data de postagem do tema, para participar validando sua nota em até (0,25), ao total é validado um ponto na média final. Após essa data, o aluno poderia ainda participar, mas sua nota seria validada em até 50% conforme calendário acadêmico.

Com relação ao fórum interdisciplinar, cabe esclarecer que cada módulo do curso foi composto por duas disciplinas. No módulo em questão, foram ofertadas, em primeiro lugar, as disciplinas de Metodologia do Ensino de Ciências e, em seguida, a disciplina de Metodologia do Ensino de História, que foi objeto de nossa pesquisa. O fórum interdisciplinar resultou do encontro dos

dois professores formadores dessas disciplinas que elegeram e debateram um tema comum para ambas.

O Gráfico 1, apresentado a seguir, foi resultado da participação dos 30 alunos participantes da pesquisa.

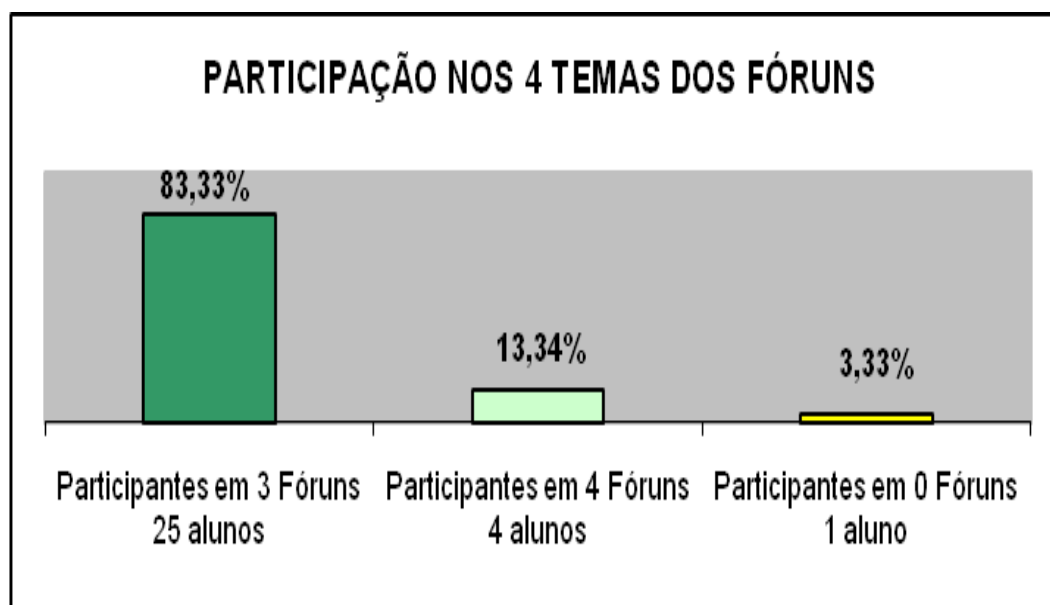


GRÁFICO 1: Participação dos alunos nos quatro temas de fóruns

O Gráfico 1 apresenta as participações dos 30 alunos nos quatro fóruns. Nos dados representados no gráfico, observamos que 25 alunos participaram de três de fóruns o que é um número expressivo. Constatamos também, que apenas quatro alunos participaram dos quatro temas de fóruns. O percentual de participação nos quatro temas totalizou mais de 90% de participações, sendo que apenas uma aluna não participou de nenhum fórum.

Ainda que as participações tenham sido expressivas, não verificamos nenhuma interação entre aluno-professor e aluno-aluno. As postagens das mensagens resumiram-se em respostas isoladas, atendendo apenas ao enunciado do tema. Esse tipo de participação sugere, ao menos, duas hipóteses. A primeira delas está relacionada à falta de incentivo para a interação entre os participantes; e a segunda está sustentada pelas próprias regras de participação no fórum disponibilizadas pela instituição de ensino.

No AVA, uma entre muitas das funções do professor mediador, uma delas é a de motivar os alunos a participarem do curso e a interagir com outros colegas. É certo que na Educação a Distância, a autonomia do aluno é

imprescindível para o sucesso do seu curso, não excluindo momentos de interação entre seus pares. Por outro lado, entendemos que a autonomia do aluno se deu no fórum, quando ele foi à busca de outros materiais conforme descrito no fechamento do fórum da professora mediadora, enquanto um ato de responsabilidade para si e para seu aprendizado, assim como uma espécie de laço social entre os colegas do curso.

Para Barbot e Camatarri (2001), a autonomia não aparece como uma liberdade sem limites, mas como responsabilidade solidária:

Agir com base em normas autodeterminadas, nas quais a autonomia do sujeito não aparece como a afirmação de uma liberdade sem limites, mas sim como o fundamento de uma responsabilidade solidária. Trata-se, pois, de um pacto intersubjetivo, segundo o qual a responsabilidade que cada um está em condições de exercer em relação a si próprio é a condição essencial, não só da responsabilidade do outro em relação a si, mas também do laço social que existe entre dois sujeitos (BARBOT e CAMATARRI, 2001, p. 28-29).

Por outro lado, cabe ao professor mediador incentivar os alunos a participarem de momentos de interação e colaboração. Considerando que não houve nenhuma interação entre os alunos, podemos justificar essa falta de incentivo do professor em promover uma postura de interação entre os colegas participantes do fórum.

Palloff e Pratt (2004) contribuem ao afirmarem a importância da interação para conquistar e manter os alunos online:

Diretrizes mínimas de participação ajudam a conquistar e manter os alunos online. Contudo, apenas entrar no site regularmente, mas não contribuir com algo substancial para a discussão, é pouco para sustentar o desenvolvimento da comunidade de aprendizagem. [...] Incentivar a discussão assíncrona é a melhor maneira de sustentar a interatividade de um curso online. Uma vez que os alunos determinem um ritmo e comecem a interagir ativamente, eles assumirão a responsabilidade de sustentar esse contato, seja pela interação social, seja como uma resposta às perguntas para discussão enviadas pelo professor (PALLOFF; PRATT, 2004, p.47).

As diretrizes mínimas para a participação nos fóruns são dadas pelo professor mediador quando ele posta as perguntas nos fóruns e incentiva a discussão entre os participantes. De acordo com os temas postados, não

observamos o incentivo para uma participação com interação entre os mesmos. Podemos constatar que não houve diretrizes que direcionavam para a participação em grupo, mas apenas comandos, o que pode ser observado pelas perguntas nos quatro temas de fóruns.

Leia o fragmento a seguir:

Entre as décadas de 1960 e 1980, a Amazônia foi alvo de um grande conjunto de projetos de desenvolvimento econômico fundamentados em forte intervenção estatal (não por acaso, a época se confunde com a ditadura militar que assolou o país). Num primeiro momento, foram postos em prática planos de integração da região ao território nacional, com a construção de diversas rodovias - como a Transamazônica -, a concessão de incentivos fiscais a empresas e a criação de ambiciosos projetos de colonização agrícola - muitos dos quais configuraram fiascos retumbantes.

Fonte: (<http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/amazonia-mundo-476065.shtml>)

Pergunta: Com base no fragmento apresentando anteriormente e pautando-se na leitura do texto “A Amazônia e a Biopirataria”, comentado em nossa aula interdisciplinar, posicione-se frente ao problema da biopirataria no Brasil, apontando possíveis caminhos para a solução dessa situação, como textos auxiliares leia aqueles que estão disponíveis a seguir:

<http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/combata-estudantes-biopirataria-pela-internet-432244.shtml>

<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/pratica-pedagogica/olho-pirataria-426821.shtml>

<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/pratica-pedagogica/biomas-brasileiros-parte-7-desafios-conservacao-570437.shtml>

<http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/apresente-aos-estudantes-remedio-chamado-veneno-432148.shtml>

QUADRO 22: Fórum Tema Interdisciplinar: A Biopirataria

Conforme discutido no material de estudo e em nossa primeira aula, muitas mudanças vêm ocorrendo na forma de ensinar e aprender na escola. Nesse cenário, reforço que o ensino de história também passou por modificações. Leia um trecho retirado do seu material de estudo (p. 18)

Todas essas modificações deslocam o professor do papel de transmissor do saber pronto e acabado para um professor mediador entre o aluno e a produção do próprio conhecimento que este aluno efetua, atuando como sujeito de suas operações mentais que o levam a recuperar a historicidade e apreender conceitos que levem às sínteses visadas como o ponto mais alto da escalada do conhecimento.

Aliás, desde a Revolução da Informática (1970), quando os computadores se uniram às telecomunicações (Internet), a informação está ao alcance de todos e fica claro que o professor não tem mais o monopólio da informação. A flexibilidade necessária à docência inclui, então, ser além de um informante: um formador de consciências críticas e criativas, capazes de pensarem por si mesmas.

O papel do professor não pode se limitar ao de transmissor de informações como era feito no ensino tradicional.

Pergunta: Dessa forma, pense, reflita e registre: Como deve ser o ensino de história hoje para que os alunos adquiram os conceitos científicos dos conteúdos sem que esses não fiquem restritos apenas a memorização de datas e fatos?

QUADRO 23: Fórum 1 - O Ensino de História

O profissional da História deve sempre ter em mente que o documento é fator indispensável para a produção do conhecimento. Essa questão suscita um debate profundo, importante para que possamos ampliar o nosso conceito em relação às metodologias que podemos utilizar para enriquecer o conteúdo da história. Portanto, descreva de que maneira uma análise documental em sala de aula pode engrandecer o trabalho do professor no Ensino Fundamental I.

Pergunta: Coloque exemplos práticos do que poderá ser feito a partir dessa análise ou pesquise fontes que defendem esse tipo de trabalho com esse nível de ensino. Seja criativo em sua resposta.

QUADRO 24: Fórum 2 - Análise Documental em Sala de Aula

Na aula dessa semana trabalhamos a quarta unidade : HISTÓRIA: A CIÊNCIA DO HOMEM NO ESPAÇO. Vimos que a construção do conceito de tempo precisa ser trabalhada na criança desde a mais tenra idade e que esse é um conceito que ela não adquire do dia para noite. É comum você ouvir uma criança pequena dizer: “amanhã eu fui no aniversário do meu amigo”

Pergunta: Tendo como base a nossa aula, o material de estudo e o texto O tempo histórico no ensino fundamental Maria Aparecida Bergamaschi, (http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4/estudos_sociais/O_tempo_historico_no_ensino_de_historia.pdf) que está também disponível no material extra, discorra sobre a importância de se trabalhar noções temporais com crianças desde a educação infantil para que posteriormente possa identificar os diferentes tipos de tempo.

QUADRO 25: Fórum 3 – Noções Temporais

Além da observação supracitada, observamos que não houve nenhuma interação da professora com os alunos nos quatro temas postados; houve apenas o fechamento para dois fóruns, que elencamos adiante. No fechamento do fórum interdisciplinar, a professora mediadora fez referência aos alunos que buscaram outras fontes de pesquisa, a prioridade estava em alertá-los quanto às normas da ABNT. A questão de autonomia e da responsabilidade do aluno com relação ao seu aprendizado e também o incentivo de uma aprendizagem colaborativa com relação ao compartilhamento de outros materiais com os demais alunos, não foi mencionada, tampouco incentivada. Segue transcrição do fechamento do fórum interdisciplinar.

Olá pessoal,

Ao analisar as respectivas participações, observei que muitos acadêmicos fizeram pesquisas em sites, entretanto, não colocaram, de forma adequada, a citação e a referência em que se baseou para produzir a resposta. Sendo assim, sugiro que verifiquem como devem ser realizadas citações diretas, indiretas e referências no Manual de Normas para Elaboração e Apresentação de Trabalhos Acadêmicos, disponível no Material Extra.

No mais, de acordo com a nossa aula interdisciplinar, devemos aumentar a vigilância na região da Amazônia, o investimento em pesquisas utilizando plantas disponíveis nessa floresta, a preservação ambiental e a exploração das riquezas de nossas florestas de forma sustentável.

QUADRO 26: Fechamento do Fórum Interdisciplinar

Com relação ao fechamento do fórum tema 1, a professora priorizou um resumo dos principais pontos do conteúdo e não fez nenhum outro comentário. Não houve incentivo e nem a mesma regularidade do fórum anterior com relação às normas da ABNT. No fórum tema 2 e tema 3, não houve nenhuma participação da professora, nem mesmo o fechamento que houve nos fóruns anteriores.

Olá pessoal,

Em primeiro lugar, para formar cidadãos críticos o professor tem que ser um cidadão crítico. Não dá para formar alunos leitores se eu mesma não for uma leitora contumaz; não dá para formar cidadãos honestos se eu mesma não for honesta.

Atualmente, são vários os métodos utilizados nas aulas para que o aluno mantenha-se atento aos conteúdos abordados. Sendo assim, o uso das mídias ou, utilizando um termo mais técnico, das TICs (Tecnologias da informação e das comunicações) em que se enquadram a TV, a internet, o rádio, o cinema e tudo mais, devem ser usadas a nosso favor.

No mais, uma atividade educacional terá a mesma capacidade de prender a atenção do aluno se ela for adequadamente planejada, sem se perder de vista o objetivo educacional.

O professor deve mediar os conhecimentos que seus alunos possuem sobre determinado assunto, para que se chegue ao conhecimento científico. O mesmo acontece com a História, o aluno não deve decorar datas e sim entender a História, sempre concatenados com a atualidade, por isso, a importância de se trabalhar com diversas fontes históricas.

QUADRO 27: Fechamento fórum 1

Para Gomes (2007, p.52), o fórum de discussão pode ser usado para promover qualquer tipo de discussão

desde uma conversa cujo único intuito é o de promover a quebra do gelo inicial entre participantes do curso on-line, até temas mais elaborados e específicos do curso com o intuito de promover a construção do conhecimento ou o aprofundamento neste tema de forma coletiva.

As características desses fóruns estavam direcionadas para o aprofundamento de tema relacionado à aula ao vivo, o que demonstra preocupação da instituição em dar continuidade aos conteúdos ministrados na aula ao vivo. No entanto, não houve promoção coletiva para a construção do

conhecimento abrangendo o coletivo. As respostas foram direcionadas no modelo um-um, sem explorar o potencial de interação que essa ferramenta oferece.

A segunda hipótese levantada por nós, com relação à não-interação se dá pelo próprio formato das regras do fórum, de acordo com o Quadro 28:

Caros acadêmicos, estão descritas abaixo as regras de participação nos fóruns:

- 1 - Não é permitido copiar e colar textos com mais de 8 linhas. Quando incluir pequenos textos incluir o autor e a fonte;
- 2- O mediador tem autonomia para excluir textos que não contribuam para o debate no fórum;
- 3 - O mediador tem autonomia para excluir comentários de acadêmicos que não contribuam para o debate no fórum (Ex: Eu concordo,,,,muito bom,,,,interessante!!!);
- 4 - *Quando o acadêmico quiser que os demais colegas leiam um texto longo poderá disponibilizar o link (ex: www....)*
- 5- *O mediador juntamente com os professores autores e formadores definirão linhas principais de debate, onde os alunos deverão contribuir com suas argumentações.*

QUADRO 28: Regras para participação no fórum (fonte: homepage da Instituição)

Observa-se pelas regras do fórum, que a preocupação está centrada em atender normas. Em momento algum foi privilegiada a questão da participação entre os alunos com ênfase numa interação e aprendizagem colaborativa. Nesse sentido, o fórum seria, realmente, um espaço “habitado” ou apenas um espaço de “passagem” tanto para o professor quanto para o aluno?

Scherer (2005) caracteriza a participação dos alunos e professores em ambientes virtuais de aprendizagem em habitantes, transeuntes e visitantes:

Os habitantes são aqueles que se responsabilizam pela suas ações e pelas dos parceiros, buscando o entendimento mútuo, a ação comunicativa, o questionamento reconstrutivo; o habitante está sempre sendo parte (sentido dinâmico) do ambiente. [...] Ele vive lá, observando, falando, silenciando, postando mensagens, refletindo, questionando.[...] Os visitantes são aqueles alunos(as) e professores (as) que participam do ambiente virtual de aprendizagem com a intenção de visitar.[...] Os visitantes participam apenas para observar o que está acontecendo, sem se co-responsabilizar com o ambiente, com o outro, ou com a produção coletiva.[...] Os transeuntes dos ambientes virtuais de aprendizagem são aqueles alunos(as) professores(as) que passam pelo ambiente. Alguns entram, circulando pelos espaços, outros apenas passam[...]são parecidos com “zapeadores” aqueles que praticam o zapping

com a televisão, internet, trocando de espaços, sem uma intenção em específico, sem saber para onde ir (SCHERER, 2005, P.60-61).

Para ser realmente um habitante do ambiente virtual de aprendizagem é preciso que o professor crie, articule, incentive os espaços de interação e aprendizado dos alunos. A participação nesse ambiente deve ser de convivência, de parceria e de ação comunicativa. É ter a certeza de que mesmo separado no tempo e espaço sempre haverá alguém com quem compartilhar, refletir e aprender. Participar sem interagir com os demais alunos implica em ser apenas transeuntes ou zapeadores dos ambientes virtuais de aprendizagem.

Outra hipótese levantada por nós, com relação à expressiva participação nos fóruns, como já informado anteriormente, é que sem nenhuma interação acontece pelo fato dessa ferramenta ser avaliativa, conforme contemplada no calendário da disciplina, exposto no capítulo 3. A preocupação do aluno estaria focada em deixar registrada a sua participação para posterior avaliação do professor mediador, considerado que a somatória dos quatro fóruns possibilitaria ao aluno até 1,0 ponto para compor a sua média final.

Para Okada (2006), as TICs possibilitam e configuram novos espaços de aprendizagem interativos; entretanto, o simples uso dessas tecnologias não por si só, mas uma aprendizagem interativa nos ambientes virtuais colaborativos. Para que se efetive um espaço e aprendizagem colaborativa é preciso interação entre todos os participantes: professor-aluno, aluno-aluno.

Na síntese de Valentini (2005), os ambientes virtuais de aprendizagem são desenvolvidos pelas interações entre professor e alunos. A ênfase não está nas tecnologias e o autor argumenta que os AVA's são potencializadores de estratégias e intervenções de aprendizagem:

[...] a expressão ambientes virtuais de aprendizagem está relacionada ao desenvolvimento de condições estratégias e intervenções de aprendizagem num espaço virtual na Web, organizado de tal forma que propicie a construção de conceitos, por meio da interação entre alunos, professores e objeto de conhecimento (VALENTINI, 2005, p.19).

Diante dos dados levantados e das hipóteses apuradas, ponderamos que a ferramenta assíncrona fórum foi um espaço de exposição de comentários com relação aos conteúdos das aulas ministradas, o que demonstra

preocupação em estabelecer a continuidade das aulas ministradas, e não houve a promoção da interação entre professor-aluno e aluno-aluno.

No entendimento de Primo (2008), não houve interação mútua.

[...] A interação mútua é aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente [...] (PRIMO, 2008, p.57).

A interação mútua não foi explorada pelo professor mediador; nem pelo aluno, tampouco incentivada pela própria metodologia da instituição ao elaborar as regras para a participação dos fóruns. Isso nos leva a refletir que não são as tecnologias por si só que promoverão a interação, mas a forma como são abordadas por professores e alunos no ambiente virtual de aprendizagem com uma metodologia que propicie esses momentos.

5.8 A Interação Professor e Aluno na Sala do Café

A sala do café, no ambiente virtual de aprendizagem, não é um espaço específico de aprendizagem, no entanto ele pode promover a interação entre seus participantes, desde que seja um ambiente motivador, acolhedor e que permita que os alunos não somente o visitem, mas que de fato, visitem esse espaço. Na instituição pesquisada, esse espaço tem a característica de aproximar os alunos e incentivá-los a participar dos temas disponibilizados pela professora mediadora. Os alunos não têm a permissão para postar reportagens, mas podem manifestar seu interesse enviando links para a professora mediadora postar nesse ambiente. A sala do café seria, então, um espaço informal de interação.

Durante a disciplina de Metodologia do Ensino de História, a professora mediadora postou sete reportagens na sala do café, disponibilizadas pelos títulos a seguir:

- EAD cria profissionais diferenciados.
- Escola Integral.
- O uso de computadores transforma aulas em escola da zona Norte de São Paulo.

- Vírgula (sobre o uso da vírgula).
- O Brasil deve atingir menor nível de desigualdade em 50 anos, relatório expedido pela FGV
- Dicas para uma boa avaliação.
- Resolução de exercícios – Prova substitutiva de Estatística.

Todos os temas postados pela professora mediadora foram retirados de sites da internet e traziam informações atualizadas. Constam no conteúdo dos temas 6 e 7 dicas para a boa avaliação e a resolução de um exemplo de exercício para a prova substitutiva que iria acontecer nos dias seguintes.

O Gráfico 2 nos mostra que dos 30 participantes nessa pesquisa, apenas sete alunos postaram alguma mensagem para comentar os temas propostos pela professora mediadora. Dessas mensagens, nenhuma foi comentada entre os sujeitos da pesquisa.

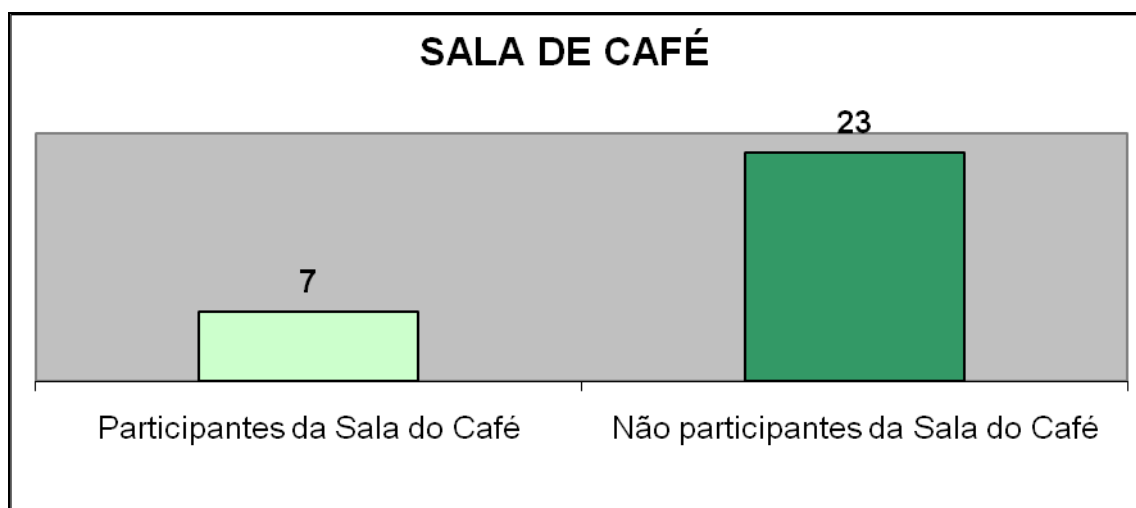


GRÁFICO 2: A Sala do Café

Das sete participações expressas no Gráfico 2, apenas a aluna 2 teve presença participativa, como é demonstrado no Quadro 28. A aluna em questão não participou dos temas 6 e 7, o que demonstrou estar mais interessada nas mensagens atuais. Na sala do café, assim como no fórum não houve interação entre os alunos, somente postagens isoladas.

ALUNOS	PARTICIPAÇÕES NA SALA DO CAFÉ
ALUNA 2	5 participações
ALUNA 6	2 participações
ALUNA 4	1 participação
ALUNA 12	1 participação
ALUNA 17	1 participação
ALUNA 26	1 participação
ALUNA 27	1 participação

QUADRO 29: Participação das alunas na Sala do Café

Para Kensky (2003, p.121), o atual estágio das TICs e as ferramentas de comunicação disponíveis no AVA potencializam a interação. A autora faz a seguinte reflexão:

[...] não são as tecnologias que vão revolucionar o ensino, e, por extensão, a educação de forma geral, mas a maneira como essa tecnologia é utilizada para mediação entre professores, alunos e a informação. [...] Os processos de interação e comunicação no ensino sempre dependeram muito mais das pessoas envolvidas no processo do que das tecnologias utilizadas, seja o livro, o giz, ou o computador e as redes.

Mesmo que a sala do café não seja denominada como uma ferramenta assíncrona, consideramô-la como um espaço de interação entre professor e alunos, justamente pela possibilidade da interação e da troca de informações.

De acordo com Paloff e Pratt (2004), cabe ao tutor momentos de interação de modo que o aluno seja estimulado a participar ativamente das atividades, do curso e das relações com outros sujeitos.

[...] cursos com altos níveis de interação tendem a obter maior índice de satisfação e menor índice de abandono. Assim, incentivar um alto nível de interação é papel fundamental do professor. Na verdade, talvez seja a sua tarefa mais importante no ambiente de aprendizagem on-line (PALLOFF; PRATT, 2004, p.141).

Observamos que a professora mediadora postou reportagens atuais e houve também a preocupação de disponibilizar um exercício como exemplo para a prova substitutiva que iria ocorrer nos próximos dias. No entanto, não

houve postagens motivacionais, ou mesmo mensagens de fim de semana, que usualmente são disponibilizados nesses espaços. Essas mensagens proporcionam laços mais estreitos entre o professor e o aluno e permitem que os alunos se envolvam mais tempo em determinado ambiente. Também não houve mensagens da professora comentando as participações dos alunos, não podemos desconsiderar o papel do aluno nessa participação uma vez que ele tem autonomia para participar das discussões e expor seu ponto de vista em relação aos assuntos abordados.

5.9 A Interação Professor e Aluno na Ferramenta Síncrona CHAT

Na opinião de Spanhol, Cassol, Oliveira e Martins (2006), o chat é uma interface de conversa em tempo real com grande potencial para incentivar o diálogo entre os participantes. Constitui-se, também, num espaço de interação entre alunos e professores. Uma das características dessa interface é possibilitar aos participantes expor dúvidas, questionamentos, posicionamentos, e até mesmo discutir questões mais complexas de forma articulada com as ideias dos colegas. A liberdade de expressão permitida nessa interface possibilita aos alunos autonomia na forma de se expressar, promovendo a troca de ideias e de informações, além de ter o feedback imediato à opinião exposta e a possibilidade de reformulá-la, enriquecendo a discussão.

Na síntese de SPANHOL; CASSOL; OLIVEIRA; MARTINS (2006, 493) é uma ferramenta que auxilia na aprendizagem.

Um *Chat* bem aplicado e com objetivo bem definido é uma interface de bastante ajuda na aprendizagem. Estimula o aluno a fazer leituras rápidas, ao mesmo tempo em que exige a capacidade de filtrar as mensagens relevantes, já que muitos falam ao mesmo tempo.

Na disciplina de Metodologia do Ensino de História houve quatro aulas ao vivo com participação no chat. É função do professor formador ministrar as aulas, cabendo ao professor mediador estabelecer a relação no chat, liberando mensagens de boa noite, respondendo dúvidas gerais, selecionando

e encaminhado ao professor formador as perguntas mais pertinentes com relação ao conteúdo que está sendo ministrado.

Vale lembrar que, mesmo sendo uma ferramenta síncrona (em tempo real) o chat fica à disposição do aluno (por demanda) para ele que possa rever os diálogos que ocorreram no dia da aula e possa interagir com o conteúdo.

Na disciplina de Metodologia do Ensino de História houve quatro aulas ao vivo nas seguintes datas:

- **26/08/2010** – Aula interdisciplinar – encontro dos professores das duas disciplinas do módulo.
- **09/09/2010** – Primeira aula
- **16/09/2010** – Segunda aula
- **23/09/2010** – Terceira aula

Com base nas aulas ocorridas nas respectivas datas, elaboramos um gráfico dos 30 alunos que participaram das aulas supracitadas. O nosso interesse era saber de que forma os alunos estavam assistindo às aulas e com que frequência. Em seguida, resgatamos os diálogos da professora mediadora estabelecidos com o grupo e as mensagens dos alunos que estiveram presentes na aula ao vivo.

Cabe, ainda uma explicação acerca da construção da legenda dos quatro gráficos que ocorreram de acordo com as aulas supracitadas, assim como os critérios que destacamos para separar as mensagens provenientes dessas aulas.

Com relação à construção da legenda dos quatro gráficos, segue a explicação:

- **Assistiu ao vivo:** alunos que assistiram às aulas em casa, *lan house*, trabalho etc.
- **Assistiu por demanda fora do polo:** as aulas que ocorrem ao vivo ficam disponibilizadas no AVA para os alunos, após 48h, inclusive com o registro do chat. Esses alunos assistiram à aula por demanda no polo.
- **Assistiu ao vivo no polo:** o aluno tem a opção de assistir às aulas no polo, sendo assim a sua conexão será com o nome da cidade onde está localizado o polo, pois o acesso é feito pela tutora e a aula é disponibilizada em telão para todos os alunos que estão presentes.

- **Assistiu por demanda no polo:** alunos que assistiram às aulas no polo após 48h quando foram disponibilizadas no AVA.

Com relação aos alunos que participaram no chat das quatro aulas ao vivo, separamos as mensagens com base em três critérios:

Primeiro critério: (alunos com interação): alunos e polos que interagiram no chat enviando perguntas e contribuindo para a discussão.

Segundo critério: (alunos com baixa interação): alunos que só enviaram mensagens de boa noite e elogiaram a aula. Para esses alunos, elegemos quadros denominados de baixa interação, pois não contribuíram de fato para a construção de uma aprendizagem colaborativa e não promoveram interações com outros colegas.

Terceiro critério (alunos sem interação): alunos silenciosos e sem participação. Foram alunos que somente fizeram a conexão, mas não enviaram nenhuma mensagem para a professora e para o grupo.

5.10 As Interações na aula interdisciplinar em 26/08/2010

No gráfico da aula interdisciplinar ocorrida em 26/08/2010, observamos que 17 alunos assistiram à aula ao vivo; um aluno assistiu ao vivo no polo; sete assistiram por demanda em casa, ou no trabalho, ou em *lan house* e cinco desses alunos assistiram por demanda no polo. Pelo Gráfico 3, observamos que a maioria dos alunos assistiu à aula ao vivo. Observamos, ainda, a importância dos polos para a construção do conhecimento dos alunos, embora essa participação tenha sido de apenas um aluno.

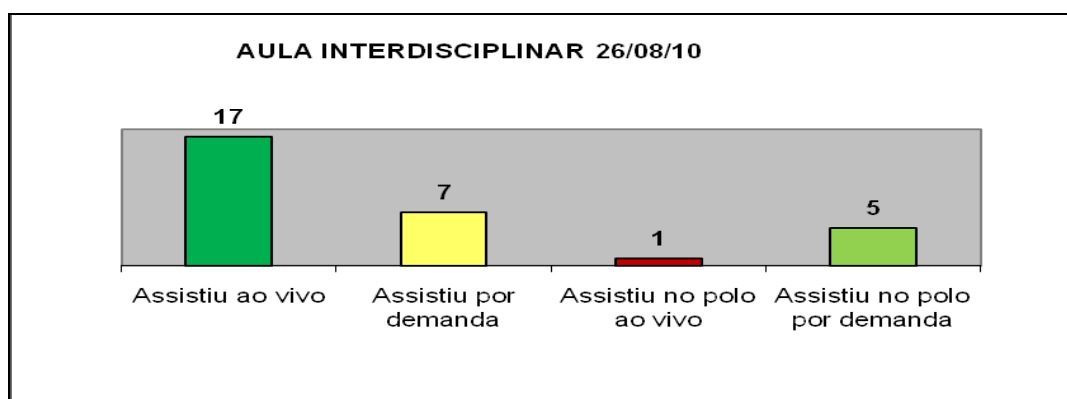


GRÁFICO 3: Aula Interdisciplinar – 26/08/2010

Com relação ao chat ocorrido nessa mesma aula, conforme Quadro 30, constatamos que a professora mediadora iniciou o diálogo com uma saudação para o grupo e anuncia que não serão liberadas as mensagens de boa noite, mas incentiva os alunos a participarem da aula. Em seguida, comunica a presença dos dois professores para a aula interdisciplinar. Observamos, ainda, a preocupação da professora mediadora com relação à participação dos alunos no fórum interdisciplinar.

Para Rocha (2006), as ferramentas de colaboração devem ser utilizadas de acordo com as especificidades do contexto:

[...] Nessa visão privilegia-se a interação e a colaboração, com grande ênfase, portanto, nas ferramentas de colaboração e suas possibilidades como elementos de mediação [...]. Isso implica o afastamento do estilo “pombo correio”; diminui-se a distância entre os atores de um curso virtual. (ROCHA, 2006, p.380).

Por meio destes instrumentos, a professora mediadora se aproxima dos alunos e do curso. O fato de não liberar as mensagens de boa noite, se dá pelo fato de não congestionar o chat e diminuir a poluição visual com mensagens repetitivas.

Ao final de cada aula é liberada para o aluno e para os polos uma enquête com relação ao conteúdo da aula e do professor formador, assim como a transmissão da aula. Vejamos a preocupação do polo de Eldorado dos Carajás - PA. A professora mediadora enfatiza que o mais importante não é ter participado da enquête, mas sim ter participado do chat.

19:20:04 - Boa noite a todos. Hoje teremos a nossa aula interdisciplinar, com o professor V. e com a professora P., desejo a todos uma boa aula. 19:20:43 – Pessoal, não liberaremos as mensagens de boa noite que vocês enviam, mas as dúvidas serão liberadas. 19:24,15 – Hoje teremos a nossa aula interdisciplinar, ou seja, o professor V. fará o fechamento da disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências e a professora P. falará a respeito da disciplina de Metodologia do Ensino de História. 19:38:27 – Pessoal, o tema interdisciplinar do nosso grupo de discussão é um só para ambas as disciplinas, portanto, você deve participar somente em uma disciplina, isto é, se você participar do fórum interdisciplinar de Metodologia do Ensino de História. 22:40:13 – Olá polo de Eldorado do Carajás. Mesmo não participando da enquête a vossa participação ficou registrada nesse chat. Obrigada.

QUADRO 30: Interação da professora mediadora com o grupo em 26/08/2010

Com relação ao Quadro 30 (interação dos alunos no chat), observamos que sete alunos e um polo contribuíram para a discussão. As perguntas foram selecionadas pela professora mediadora e re-encaminhadas para o professor formador que as respondeu ao vivo. Nesse sentido, não encontraremos as respostas do professor formador no chat. Todas as mensagens dessa aula foram direcionadas para o conteúdo da aula.

ALUNA 6: – Aqui, na chácara onde eu moro temos um minhocário a céu aberto pois no esterco de carneiro elas se reproduzem muito. Acho que vou tentar uma aula assim, embora minha disciplina seja Educação Física. Muito interessante a partilha dessa idéia. **RESPONDIDA** (2)⁷

ALUNA 13: professor e quanto aos deficientes mentais, pois aqui em Minas estão querendo acabar com nossas escolas especiais? **RESPONDIDA** (2)

ALUNA 20: Professor, faz parte do novo conceito de educação a mudança dos papéis, onde a figura do professor a priori era de inserir a educação e hoje ele promove a educação? **RESPONDIDA** (3)

ALUNA 22: como trabalhar a história de fome contextualizada visto que nossos referenciais pedagógicos ainda são muito atrasados e massantes? **RESPONDIDA** (2)

ALUNA 25: moderadora não consegui encontrar na sala do café os cursos com horas complementares por favor me diga onde clicar quando abrir a sala de café. (1)

ALUNA 27: -Boa noite a todos estou amando a aula de hoje, amo a pedagogia, não consigo me imaginar fora da educação amo uma sala de aula(3)

ALUNA 29: Avaliar alunos diferentes sobre o mesmo assunto não corre o risco de ter as mesmas notas mas com saberes diferentes escondidos nestes testes? Corre o risco de não ser? **RESPONDIDA** (1)

ALUNA 8: Assistiu no polo. **Polo- ASTORGA - PR** professora para voce e mais importante saber datas especificas do acontecimentos historicos ou relacionar os tempos e as mudanças ocorridas ? **RESPONDIDA** (1)

QUADRO 31: Interação dos alunos no chat dia 26/08/2010

5.11 As interações na aula 1 em 09/09/2010

Na primeira aula ao vivo, houve aumento no número de alunos que assistiram à aula ao vivo em relação à aula interdisciplinar. Houve, também, aumento no número de alunos que assistiram à aula por demanda no polo em relação aos que assistiram por demanda em outros locais. Esse dado reforça a importância desse local para o aprendizado do aluno.

⁷ Os números entre parênteses representam a quantidade de vezes que o aluno fez acesso durante as aulas ao vivo.

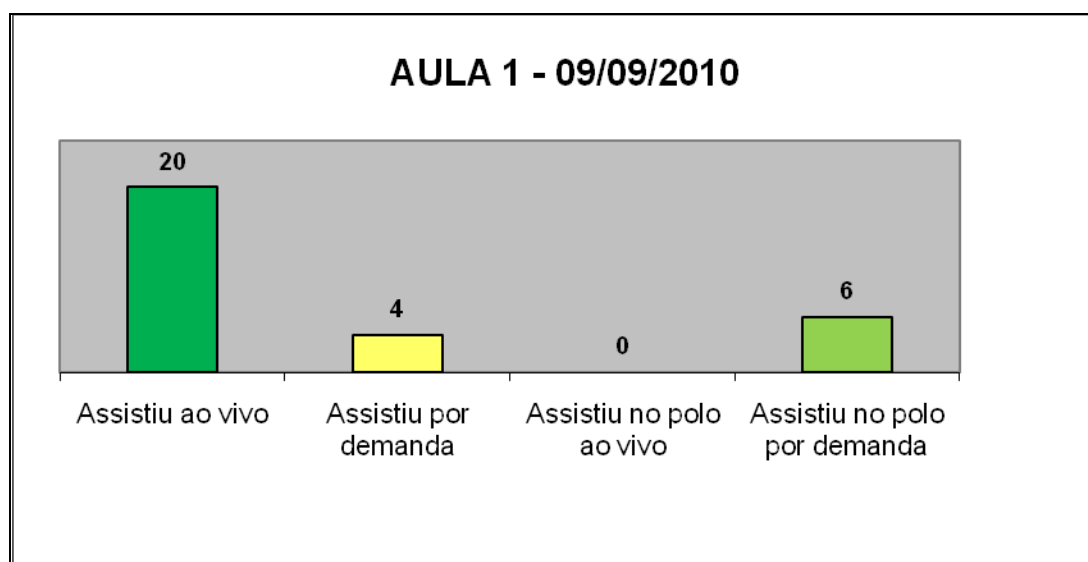


GRÁFICO 4: As interações na aula 1 em 09/09/2010

Com relação à interação da professora mediadora com o grupo, verificamos a mesma quantidade de mensagens em relação à aula interdisciplinar, enviando mensagens de boa noite e a preocupação de avisar os alunos sobre as atividades da semana.

19:20:41 – Boa noite pessoal, as mensagens de boa noite não serão liberadas, encaminhem suas dúvidas
 19:25:58 – Boa noite a todos! Hoje teremos a nossa primeira aula de Metodologia do Ensino de História, com a professora P.
 19:28:13 – Desejo a todos uma ótima aula
 22:30:08 – Estamos no momento da nossa enquete, participem!
 22:40:33 – Boa noite pessoal, participando nosso grupo de discussão, tema e façam a atividade. Dúvida encaminhem mensagem no AVA. Bons estudos a todos!

QUADRO 32: Interação da professora mediadora com o grupo em 09/09/2010

Com relação às mensagens enviadas pelos alunos para a professora mediadora, registramos seis mensagens, sendo que uma delas, em específico da (aluna 27), reclama dos DVDs que eram ofertados e não o são mais e os relaciona com o seu investimento no curso. A professora mediadora ignorou a mensagem da aula, sendo que, uma das funções do professor mediador é esclarecer dúvidas dos alunos ou, então reencaminhá-las para o departamento competente.

5.12 As interações na aula 2 em 16/09/2010

Na aula 2, observamos o mesmo patamar de participações à aula ao vivo como ocorreu na aula interdisciplinar e na aula 1, assim como a utilização do polo para assistir às aulas por demanda.

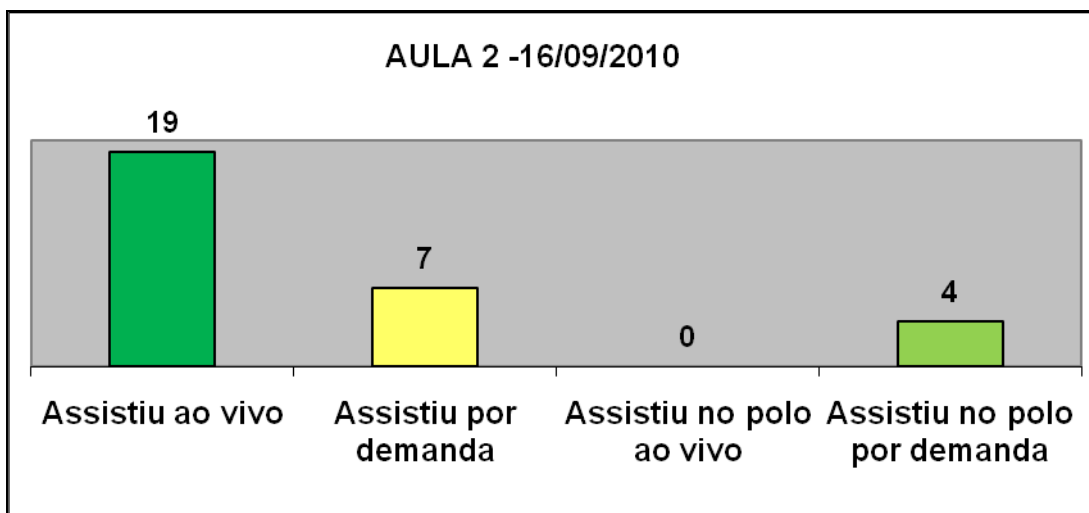


GRÁFICO 5: Interação dos alunos no chat dia 16/09/2010

Com relação à aula 2, observamos que as mensagens da professora ao grupo se limitou a dizer que não liberaria as mensagens de boa noite, informou qual aula estaria sendo ministrada nessa noite e convidou os alunos a participarem. Não houve uma mensagem direcionando os alunos para participarem da discussão das aulas.

19:22:07 – Boa noite a todos. Não liberarei as mensagens de boa noite.
 19:22:47 – Hoje teremos nossa segunda aula de Metodologia do Ensino de História, com a professora P.
 20:47:27 – Pessoal, vamos para o intervalo?!!
 22:38:07 – Boa noite a todos! Participem do nosso fórum.

QUADRO 33: Interação da professora mediadora para o grupo em 16/09/2010

No chat da aula do dia 16/09/2010, apenas seis alunos tiveram interação, enviando mensagem para a professora mediadora.

ALUNA 1: Então os estudos sociais é a metodologia mais viável para ensinar as crianças nas séries iniciais?? (2)

ALUNA 2: Antigamente nas aulas de OSPB, falava-se de política e éramos esclarecidos quanto aos nossos deveres e direitos e isso deveria voltar a ser comentado e ajudar os educandos a entender o que é e a importância da política. (1)

ALUNA 4: se o aluno é um agente por que os professores não deixam os alunos falarem ? acho que neste momento de eleição os alunos precisavam estudar sobre o contexto, real da política , da nossa responsabilidade. **RESPONDIDA** (1)

ALUNA 6: 22:13:18 – Essa é uma liberdade vigiada, da qual participamos...

22:32:21 – ótima aula (2)

ALUNA 7: Se a idéia é trabalhar de forma que o aluno não somente decore datas ou acontecimentos, por que os vestibulares ou qualquer concurso, só exigem este tipo de aprendizagem? **RESPONDIDA** (1)

ALUNA 11: Boa Noite! Professora, por favor, a senhora pode falar um pouco sobre análise documental??? Suas aplicações??? **RESPONDIDA** (2)

ALUNA 13: Professora, você acha que o planejamento das aulas e o conhecimento do assunto é fundamental? **IGNORADA**. (1)

ALUNA 20: Profª, eu tanto estudei quanto "dei aulas"(1992) de história utilizando as causas e consequências. Esta reforma de trabalhar história na prática é nova, atual. Seria a partir de que data esta mudança? (3)

ALUNA 21: 22:27:20 – Realmente é muito interessante essa possibilidade de entender a história através da música, temos letra incríveis que retratam a época da ditadura militar (7)

ALUNA 24: Se a idéia é trabalhar de forma que o aluno não somente decore datas ou acontecimentos, por que os vestibulares ou qualquer concurso, só exigem este tipo de aprendizagem? **IGNORADA** (1)

QUADRO 34: Interação dos alunos no chat da aula do dia 16/09/2010

5.13 As interações na aula 3 em 23/09/2010

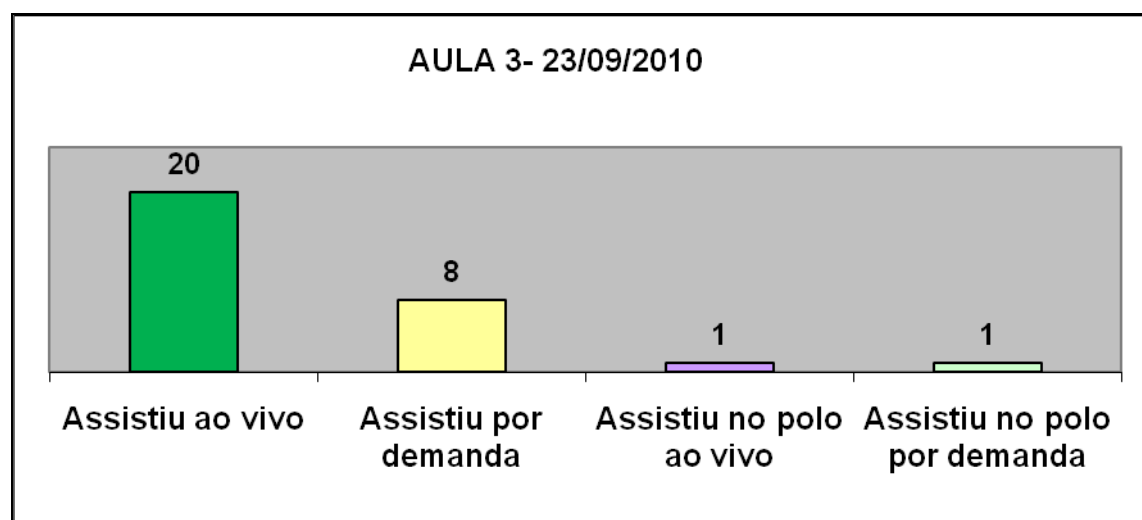


GRÁFICO 6: As interações dos alunos na Aula 3, em 23/09/2010

Na terceira aula, as mensagens da professora mediadora mantiveram o mesmo padrão de informar que as “mensagens de boa noite” não seriam liberadas. Nesse dia, houve problemas com conexões pelo forte temporal que ocorreu na cidade o que levou a uma interrupção de energia; isso está registrado na mensagem da professora ao dizer que não haveria intervalo. Nessa aula, ocorreu a atividade denominada (atividade relâmpago) que é disponibilizada pela professora mediadora. Essa atividade trata-se de uma pergunta que tem por objetivo estimular os alunos a pesquisarem na Biblioteca Virtual Pearson, disponível no ambiente virtual de aprendizagem. Essa atividade deve ser entregue por e-mail no AVA para a professora mediadora no máximo em 24h.

19:21:05 – Boa noite a todos! Hoje teremos a nossa terceira aula de Metodologia de Ensino de História, com a professora P.
 19:22:37 – Pessoal, a mensagens de Boa Noite não serão liberadas, mas,estou visualizando a todas.
 19:23:44 – Pessoal: liberarei somente as dúvidas, ok?
 19:26:37 – Pessoal: hoje a professora P. trabalhará a unidade 4 da nossa apostila
 20:33:52 – Pessoal: tivemos um problema na transmissão, estamos de volta
 20:34:16 – Pessoal: devido aos nossos problemas, não teremos intervalo
 21:20:55 – Acesse, na biblioteca virtual Pearson, o seguinte livro: HISTÓRIAS NA SALA DE AULA - conceitos, práticas e propostas. AUTOR: Leandro Karnal. Em seguida, responda à questão: No capítulo I, intitulado Por uma história prazerosa e conseqüente, os autores Jaim
 22:00:09 – Pessoal o ano da publicação do livro é2003.
 22:50:47 – Pessoal: vocês devem encaminhar a atividade relâmpago como mensagem no AVA.
 22:02:19 – Boa noite a todos, caso tenham dúvida encaminhem mensagem pelo AVA.

QUADRO 35: Interação da professora mediadora para o grupo em 23/09/2010

Com relação às mensagens enviadas pelos alunos, observamos que houve apenas quatro mensagens postadas pelos alunos e uma participação do polo de Betim-MG. Foi a única participação do polo no chat durante as quatro aulas. Uma aluna enviou uma mensagem perguntando sobre uma mensagem enviada no dia anterior, a qual foi ignorada pela professora mediadora.

ALUNA 3: 22:47:00 *professora você poderia repetir com eu faço para enviar a atividade relâmpago (3)*
ALUNA 14: 19:33:08 – *Professora esta relampejando demais aqui em Mandaguari chuva muito forte ventos, (2)*
ALUNA 18: *Professora nesse caso poderíamos também utilizar gráficos?*
RESPONDIDA (1)

ALUNA 22: *L. vc recebeu uma mensagem minha mandada ontem?*

IGNORADA (1)

(BETIM - MG) Professora, a concepção de homem e sociedade também influencia na seleção de documentos que serão utilizadas para a concretização do processo de ensino-aprendizagem.

QUADRO 36: Interação dos alunos no chat dia 23/09/2010

Considerando que são 30 alunos participantes da pesquisa, tivemos uma participação expressiva por parte desses alunos nas aulas ao vivo, observações que tivemos poucas interações por parte dos alunos. Essa constatação se dá, também, pela quantidade de alunos que tiveram baixa interação e alunos sem interação que descreveremos a seguir.

Observamos ainda que não houve a interação aluno-aluno conforme a definição de Moore e Kearsley (2008, p.153) “[...] Geralmente, as discussões entre os alunos são extremamente valiosas como um modo para ajudá-los a refletir sobre o conteúdo que foi apresentado e testá-lo[...]”.

Uma das possibilidades e pontos positivos do chat é que além das mensagens enviadas para o professor, o aluno tem a possibilidade e a autonomia de comentar as mensagens postadas por outros alunos. No entanto, não observamos essa iniciativa por parte dos alunos.

Com relação ao professor mediador enviar as mensagens dos alunos para o professor formador, podemos dizer que essas mensagens se enquadram na interação aluno-conteúdo, contemplada por Moore e Kearsley (2008, p.153):

O primeiro tipo de interação que o professor precisa facilitar é a que o aluno tem com a matéria que é apresentada para estudo. Essa interação do aluno com o conteúdo representa uma característica definidora da educação, que é um processo de aprendizado planejado de determinado conteúdo, auxiliado por um professor ou por professores. [...] É a interação com o conteúdo que resulta nas alterações da compreensão do aluno.

As interações observadas nas aulas ao vivo privilegiaram a interação com os conteúdos. Entendemos que o professor mediador cumpriu a função de intermediar essa interação ao encaminhar as dúvidas para o professor formador.

5.14 Alunos com baixa interação nas quatro aulas

De acordo com um dos critérios estabelecidos por nós, com relação à baixa interação dos alunos nas aulas, separamos as mensagens enviadas na ordem em que as aulas ocorreram.

ALUNA 10: 22:42:38 – Boa noite a todos, a aula estava ótima (1)
ALUNA 11: 19:19:34 – Olá boa noite a todos,e uma excelente aula (1)
ALUNO 14: 20:14:24 – ola profa.nos estava das sete e e quarenta ate agora sem sinal g. (2)
ALUNA 21: 21:48:29 Prof. V. foi um prazer assistir suas aulas, pois, com certeza lavarei esse aprendizado em minha vida! Um abraço (3)
ALUNA 23: – professor suas aulas são excelentes parabéns, seus exemplos de aula prática torna suas aulas interessante. (1)

QUADRO 37: 5 alunos com baixa interação no chat da aula dia 26/08/2010

ALUNA 8: 19:38:12 – Boa noite a todos. (2)
ALUNA 15: 19:16:47 – Boa noite!!! (2)
ALUNA 10: 22:40:41 Parabéns pela aula. Boa noite a todos (1)
ALUNA 21: 22:37:24 – Adorei a aula. Parabéns professora! Boa noite a todos (2)
ALUNA 25: 21:25:41 – com essa graduação eu estou fazendo história na minha família (1)

QUADRO 38: 5 alunos com baixa interação no chat da aula dia 09/09/2010

ALUNA 9: 19:23:42 mesmo assim, boa noite prof. Liliam!! (1)
ALUNA 14: 19:27:39 – Boa noite professora Lilian (1)
ALUNA 15: 19:19:16 – Boa noite a todo. (1)
ALUNA 25: 19:21:43 – Olá, boa noite! (3)
ALUNA 26: 19:39:56 – rolagem automática está parada (3)

QUADRO 39 - 5 alunos com baixa interação no chat do dia 16/09/2010

ALUNA 10: 19:19:54 – boa noite a todos. Boa aula a todos (1)
ALUNA 15: 19:21:41 – Boa noite! (1)
ALUNA 17: Boa noite parabens pela grande apostila de ciencias que terminei de ler ontem. (1)
ALUNA 28: Nossa, que história maravilhosa! (1)
ALUNA 23: 21:06:07 – Boa noite: hoje não foi possível ir até o polo estou resolvendo as atividades em casa. Abços. (1)
ALUNA 12: 19:29:51 – O que aconteceu? (1)
ALUNA 20: 19:37:37 – a transmissão foi interrompida, é só aqui ou está em todo o polo? (2)
ALUNA 21: 19:31:03 – Professora, aconteceu algum problema na transmissão?(3)

QUADRO 40: 8 alunos com baixa interação no chat do dia 23/09/2010

O que há de comum nesses 23 alunos e suas participações no chat das quatro aulas é que eles não contribuíram com perguntas. Resumiram-se

apenas em dizer “boa noite”, “agradecer a aula”, houve uma reclamação que a “barra de rolagem estava parada” uma informação de “realização das atividades no polo” e duas mensagens com relação “ à transmissão” Nesse sentido, podemos dizer que não houve interação de fato, pois interação pressupõe diálogo e troca de informações.

De acordo com Santos (2006, p.58), para que exista interação é preciso garantir ao menos três aspectos essenciais:

- Participação colaborativa: participar não é apenas responder “sim” ou “não”, prestar contas ou escolher uma opção dada, significa intervenção na mensagem como cocriação da emissão e da recepção.
- Bidirecionalidade dialógica: a comunicação é produção conjunta da emissão e da recepção, os dois polos codificam e decodificam.
- Conexões em teias abertas: a comunicação supõe múltiplas redes articulatórias de conexões e liberdade de trocas, associações e significações.

Com estas reflexões, entendemos que ao dizer “boa noite e agradecer a aula” é como dizer “sim”, ou seja, uma prestação de contas para a professora mediadora, informando que os alunos estiveram presentes na aula. No entanto, isso não é suficiente para uma participação colaborativa, que prevê a troca de informações com o professor e com os demais alunos. Sendo assim, não houve bidirecionalidade, tampouco conexões em teias abertas, pois os polos professor e aluno ficaram separados durante a aula, justamente por não haver participação efetiva dos alunos.

5.15 Alunos sem interação nas quatro aulas ao vivo

Assim como elegemos critérios com relação à baixa interação dos alunos nas aulas, o mesmo ocorreu com as mensagens sem participação.

ALUNA 7: Sem participação, com acessos intermitentes (5)
ALUNA 9: Sem participação, com acessos intermitentes (16)
ALUNA 16: Sem participação, com acessos intermitentes (2)
ALUNA 26: 20:30:34 – caiu,não deu para finalizar a aula anterior,entrei novamente agora (7)

QUADRO 41: 4 alunos sem interação no chat do dia 26/08/2010

ALUNA 14: Sem participação, com acessos intermitentes (2)
ALUNA 16: Sem participação, com acessos intermitentes (2)
ALUNA 30: Sem participação, com intermitentes acessos (3)

QUADRO 42: 3 alunos sem interação no chat do dia 09/09/2010

ALUNA 2: Sem participação (2)
ALUNA 16: Sem participação (2)
ALUNA 27: Sem participação, com intermitentes acessos (3)
ALUNA 29: Sem participação (2)
ALUNA 30: Sem participação (2)

QUADRO 43: 5 alunos sem interação no chat da aula dia 16/09/2010

ALUNA 1: Sem participação (1)
ALUNA 4: Sem participação (1)
ALUNA 5: Sem participação (1)
ALUNA 11: Sem participação (1)
ALUNA 13: Sem participação (1)
ALUNA 27: Sem participação (5)
ALUNA 29: Sem participação, com acessos intermitentes (3)
ALUNA 30: Sem participação, com acessos intermitentes (6)

QUADRO 44: 8 alunos sem interação no chat da aula dia 23/09/2010

Com relação ao silêncio dos 20 alunos, sem participação no chat das quatro aulas, podemos observar levantar duas hipóteses: a primeira delas é o problema na conexão, e a outra seria uma participação silenciosa.

De forma expressiva, os alunos dos quadros acima fizeram várias conexões, o que indica que tiveram problemas relacionados com sua conexão. Somente a aluna 26 comunicou à professora o problema com a conexão. A aluna em questão fez sete acessos durante a aula. A aluna 9 teve 16 acessos, mas nada comunicou à professora. Na ferramenta chat que foi aprimorada pela instituição, justamente pelos problemas relacionados à transmissão, o aluno tem a possibilidade de, no momento da aula ao vivo, testar a sua conexão e saber se ela possibilitará que o áudio e vídeo sejam vistos de maneira adequada e sem interrupções.

Sabemos que nem todos os alunos possuem uma conexão de banda larga, e, o polo seria a melhor opção para assistir à aula ao vivo, pois se trata de um lugar que dispõe de uma conexão de acesso de banda larga.

De acordo com Palloff e Pratt (2004, p.25), para a participação em um curso online e, conseqüentemente obter sucesso nesse curso, é preciso que o

alunos tenham condições mínimas, tais como: “[...] ter acesso a um computador e a um modem ou conexão de alta velocidade e saber utilizá-los”.

Considerando os vários acessos intermitentes que ocorreram durante as aulas é possível inferir que a conexão desses alunos não atendia aos requisitos mínimos exigidos pela instituição para uma aula com boa transmissão de vídeo e áudio.

Argumentam, ainda, Palloff e Pratt (2004, p.136) que “A tecnologia pode ser fonte de frustração para o aluno virtual, pode impedir o progresso e tornar-se um obstáculo que ele não consegue transpor”.

Podemos observar que alguns alunos apresentaram a mesma sequência de não-participação, com acessos intermitentes, no decorrer das quatro aulas, o que nos leva a concluir que a dificuldade com relação à conexão não ocorreu isoladamente, mas permaneceu durante as demais aulas, ou seja, foi uma dificuldade que ele não conseguiu transpor ou resolver.

Outra hipótese levantada é a de uma participação silenciosa. Com relação à não-interação dos alunos, Sutton (2001), apud Mattar (2009, p.117) nos falam sobre a interação vicária.

A interação vicária é uma interação silenciosa em que o aluno observa as discussões e os debates, sem deles participar ativamente. Segundo Sutton (2001), características sociais e psicológicas dos alunos muitas vezes acabam por inibir sua interação direta em cursos a distância. Para esses alunos, observar e processar interações pode ser o tipo de aprendizado mais adequado. A interação vicária ocorre, portanto, quando um aluno observa e processa ativamente os dois lados de uma interação direta entre dois outros alunos, ou entre um aluno e o professor. Embora aparentemente passivo, esse método pode contribuir significativamente para o aprendizado, já que nessa atividade mental o aluno estrutura, processa e absorve o conteúdo do curso. Assim, é possível falar em interagente vicário e em um processo de aprendizado vicário.

De fato, com professores e alunos separados geograficamente, não é possível saber as características de alguns alunos, por exemplo, de ordem psicológica ou comportamental. Em sala de aula presencial é possível ao professor reconhecer aqueles alunos que são mais quietos, mais introvertidos. Na Educação a Distância isso não é possível, principalmente na ferramenta com muitos alunos conectados.

Seria, então, uma desvantagem do chat grande quantidade de alunos conectados?

Para Araújo Jr. e Marquesi (2009, p.365), o chat para ser de fato uma ferramenta de colaboração e trazer resultados é preciso que seja observada a quantidade de alunos “[...] assim, marcar um bate-papo, por exemplo, com 70 ou 100 alunos, é uma atividade que dificilmente trará resultados positivos para o professor”.

Por se tratar da Educação a Distância, com certeza a quantidade de alunos ultrapassa o número informado pelos autores, por isso entendemos que cabe, também, ao aluno a responsabilidade por sua participação no chat enviando mensagens informando a sua dificuldade em participar da discussão.

Observamos que os alunos que tiveram baixa interação somada aos alunos que não tiveram nenhuma interação perfazem a maioria das participações no chat das aulas ao vivo. Observou-se também que a interação que ocorreu nesse chat foi a da professora mediadora com os alunos, a interação aluno-conteúdo e a interação vicária e não houve interação entre alunos-alunos.

6.CONCLUSÃO

A Educação a Distância é uma modalidade de ensino regulamentada em nosso país que tem como uma de suas características a separação, no tempo e no espaço entre professores e alunos, assim com a mediação didático-pedagógica ocorre por meio das tecnologias disponíveis. Apesar dos índices de evasão trata-se de uma modalidade de ensino em ascensão visando ao acesso e à democratização do ensino àqueles que não tiveram a oportunidade de cursar o ensino superior, seja pelas distâncias geográficas de nosso país ou pela falta de vagas no ensino presencial.

A Educação a Distância, na sua trajetória histórica, passou pelo ensino por correspondência, ensino pelo rádio e TV. Nestes processos, a comunicação do professor e aluno ocorria de forma passiva e no modelo um-um. No desenvolvimento atual das tecnologias, adquiriu o *status* de uma educação pautada na colaboração e na interação que ocorre por meio das ferramentas síncronas e assíncronas dos ambientes virtuais de aprendizagem. O potencial interativo só foi possível em consequência da evolução das tecnologias da informação e da comunicação.

Por essas razões, um olhar retrospectivo para história nos coloca em posição não apenas de observadores e comentadores desse período, mas nos dá o entendimento de que não somos a última geração do desenvolvimento das TICs. Com a invenção dos computadores, primeiramente de uso pessoal, essa dinâmica de tempo e espaço começa a se alterar, pois os dados passam a ser digitalizados e compartimentalizados de forma mais rápida, promovendo um salto no tempo. O material escrito passa a ser acomodado virtualmente, ainda que sem promover uma alteração significativa, pois a informação ainda está centrada no polo emissor.

Com a criação da internet e a evolução dos meios de comunicação, o tempo e o espaço se alteram. Por meio das infovias virtuais, o polo emissor envia a mensagem e o polo receptor a interpreta e a ressignifica, podendo ainda alterá-la e compartilhá-la com outros; assim ele passa a ser coautor da mensagem.

É nesse contexto de alteração do tempo e do espaço que as ferramentas síncronas e assíncronas passam a ser utilizadas como meio de comunicação com potencial de interação e colaboração. No entanto, elas são apenas meios, sendo os alunos e os professores que darão significados a elas. Assim, os papéis dos professores e dos alunos, frente ao ambiente virtual de aprendizagem e das ferramentas, devem ser ressignificados. O professor não é mais aquele que deposita o conhecimento, e o aluno também não é mais um sujeito passivo que recebe as informações prontas.

A ressignificação dos papéis dos professores e dos alunos, no ambiente virtual de aprendizagem, se dá pela mediação do professor como alguém que guia, conduz e motiva o aluno; quanto ao aluno, passa a ser um sujeito com autonomia e responsabilidade frente aos seus estudos e também em relação ao grupo, promovendo interação entre todos. Considerando o período histórico de revolução dos meios de comunicação e do desenvolvimento das tecnologias como meios para ampliar a Educação a Distância, elegemos, no início de nosso trabalho, a seguinte questão-diretriz: como se estabelece a interação entre professores e alunos no ambiente virtual de aprendizagem? Para responder a essa indagação, buscamos elementos tanto na dimensão teórica quanto na pesquisa de campo.

Visto que o ambiente virtual de aprendizado é mediado pelas ferramentas síncronas e assíncronas, sendo assim optamos por pesquisar as interações no e-mail, no fórum, no chat e na sala do café. Analisamos, primeiramente, os e-mails da professora com o grupo, pois essa é a primeira ferramenta que possibilita a interação entre professor e aluno. Ela é como a porta de entrada da aula presencial, quando o professor se apresenta aos alunos. O e-mail promove uma circularidade entre as demais ferramentas, pois o uso dessas é incentivado as participações nos fóruns, nas aulas ao vivo e na sala do café.

Pela análise dos e-mails, encaminhados pela professora ao grupo, observamos que a professora mediadora teve a preocupação de manter os alunos informados sobre os horários das aulas e o cumprimento das atividades. A interação por parte dos alunos ao responder as mensagens da professora, resumiram-se a agradecer os lembretes e, ainda assim, com um número restrito de retornos em relação ao número de participantes da pesquisa.

Entendemos que a professora mediadora cumpriu com o seu papel ao guiar, conduzir e incentivar todos os alunos a participarem das atividades e dos compromissos com a disciplina.

A segunda ferramenta que analisamos foi o fórum. Conforme informado no e-mail da professora mediadora, direcionado ao grupo, ela incentivou a participação nos fóruns. Houve um número expressivo de participações nos quatro temas postados, no entanto, essas participações foram isoladas e sem interação entre aluno e professor. Com relação ao feedback da professora mediadora, em relação ao grupo, também não houve interação, apenas o fechamento de um dos fóruns abordando questões de normas da ABNT. A falta de interação já pode ser observada quando da postagem dos temas dos fóruns. Todavia, a ferramenta fórum é avaliativa, o que nos fez acreditar que as participações se deram pela possibilidade somativa de pontos para compor a média final, mas inferimos que não houve interação entre professor e aluno.

A sala do café é um espaço destinado para um encontro mais descontraído, sem a obrigatoriedade de participação do aluno, mas com o compromisso da professora mediadora em dar vida a esse ambiente, postando mensagens atuais ou mesmo de descontração. Embora não tenhamos encontrado referencial teórico que abordasse a sala do café, na pesquisa a consideramos como uma ferramenta assíncrona, pois, assim como o fórum, ela permite que o aluno habite esse espaço e participe das discussões. A sala do café é o ponto comum entre a professora mediadora e os alunos, pois é onde estão postados os e-mails com dicas para a prova substitutiva, entre outros. De posse dos dados concluímos que essa ferramenta não promoveu a interação, primeiro porque um número reduzido de alunos participou de algumas das mensagens postadas pela professora, segundo porque dessas participações isoladas não houve comentários entre os alunos.

Os chats das quatro aulas ao vivo encerraram o ciclo de análise das interações entre professore e alunos, evidenciando uma regularidade em relação aos alunos que assistiram à aula ao vivo. Com relação à participação da professora mediadora no chat, consideramos que ela foi fundamental para conduzir os diálogos, filtrar as mensagens mais pertinentes e as encaminhá-las para o professor formador. O número expressivo das participações evidenciou que houve a responsabilidade dos alunos em relação aos seus estudos e ao

compromisso com a sua formação, uma vez que as aulas oportunizaram o momento de interação com o conteúdo da disciplina, possibilitando também a interação do professor mediador e professor da disciplina e com os demais alunos dos cursos que estavam conectados em diversas regiões do Brasil.

Os gráficos demonstraram, ainda, a importância dos polos para a formação do aluno, uma vez que alguns desses alunos assistiram às aulas ao vivo e também por demanda. A exigência do decreto, com relação à existência desses locais, denota a sua importância como suporte para os alunos com relação à construção do seu conhecimento e não apenas para o cumprimento de atividades e provas presenciais.

De posse dos diálogos no chat e a regularidade das mensagens apresentadas, optamos por classificá-los nas categorias: interação, baixa interação e sem interação. Os diálogos de baixa interação ocorrem quando os alunos se limitaram a dizer “boa noite” e “agradecer a aula”; os sem interação são dos alunos que tiveram uma participação vicária. Se somadas à quantidade de alunos com baixa interação e sem interação teremos um número superior aos alunos que interagiram no chat. Essa somatória nos leva a concluir que a ferramenta chat disponibilizou as mesmas condições para que todos participassem e houvesse interação. Essa afirmativa é justificada por aqueles que, efetivamente, participaram e os que participaram apenas com boa noite, pois não houve comunicado ao contrário por parte dos mesmos informando, por exemplo uma problema técnico. Chegamos à conclusão que a interação ficou aquém do esperado.

Nesse sentido, a interação no ambiente virtual de aprendizagem não demanda apenas encaminhar e orientar alunos; assim como participar não se resume a dizer boa noite, agradecer os avisos e participar de forma isolada nos fóruns e na sala do café. A função do professor mediador é incentivar os alunos e motivá-los para as discussões. A responsabilidade do aluno não se faz apenas com relação às suas atividades obrigatórias, mas em momentos de interação com o professor e com os demais alunos e no mesmo grau de importância é preciso uma metodologia por parte da instituição que privilegie e incentive os momentos de interação.

Esperamos ter respondido, ao menos em parte, a questão inicial desta dissertação, conferindo significado aos dados que foi possível coletar,

interpretar e analisar, no intuito de contribuir com os estudos teóricos acerca das interações de professor e alunos no ambiente virtual de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Disponível em: <http://www2.abed.org.br/faq.asp?Faq_ID=8>. Acesso em: 20.dez.2010.

ALMEIDA, M. E. B. As teorias principais da andragogia e heutagogia. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.) **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education, 2009.

ALPERSTEDT, Cristiane. **Estudo de caso blackboard**.: a universidade Anhembi Morumbi oferece aos estudantes inovação e criatividade por meio de sua plataforma Blackboard Learn. Disponível em: <http://www.blackboard.com/resources/learn/pr/BB_UAM_CaseStudy_PR.pdf>. Acesso em 30 jan. 2010.

ALVES, J. R. M. A nova regulamentação da EAD no Brasil. In: SILVA, Marco (Org.) **Educação Online**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

ALVES-MAZZOTTI, A. J., GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. Ed. São Paulo, Pioneira, 1999.

ARAÚJO JR., C. F.; MARQUESI, Sueli Cristina. Atividades em ambientes virtuais de aprendizagem: parâmetros de qualidade. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.) **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education, 2009

ARCÚRIO, M.S.F. PARTES A SUA REVISTA DIGITAL. Educação. **Autonomia do aprendiz na educação a distância**. Dez.2008. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educacao/autonomiadoaprendiz.asp>>. Acesso em: 25 jan. 2011.

ARNOLD, E. B. T. Planejamento em educação a distância. In: GIUTA, A. S., FRANCO, L. M. (org.) **Educação a Distância: uma articulação entre teoria e prática**. Belo Horizonte: PUC Minas: PUC. Minas Virtual, 2003.

BARBOT. M.; CAMATARRI, G. **Autonomia e aprendizagem: a inovação na formação**. Porto: Rés-Editora, 2001.

BEHAR, P. A., PASSERINO, L.; BERNARDI, M. Modelos Pedagógicos para educação a distância: pressupostos teóricos para a construção de objetos de aprendizagem. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 5 n 2, dez, 2007. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br /ciclo10 /artigos/4bPatricia.pdf>>. Acesso em: 25. Fev. 2011.

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados. 3.ed. 2009.

BIANCO, N.R.D. Aprendizagem por rádio. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. (Orgs.). **Educação a distância: o estado da arte.**São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

BOGDAN, R. C. & BILKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação.** Porto Editora. Portugal, 1995.

BOTELHO, F. V. U. Reflexões sobre os aspectos administrativos I.In: **CensoEAD.Br:2009 / Abed (Associação Brasileira de Educação a Distância)**; [tradução para o inglês Opportunity Translations],São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011. Ed. Bilingue: português /inglês.

BRASIL, Ministério da Educação. SIEAD. **Sistema de Consulta de Instituições Credenciadas para Educação a Distância e Polos de Apoio Presencial.** Disponível em:< <http://siead.mec.gov.br/novosiead/web/site/#tab=0>.> Acesso em: 15 dez. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto N. 5.622**, de 19 de dezembro de 2005, regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12778%3Alegislacao-de-educacao-a-distancia&catid=193%3Aseed-educacao-a-distancia&Itemid=865> Acesso em: 15 dez. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto N. 5.733**, de 09 de maio de 2006, dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12778%3Alegislacao-de-educacao-a-distancia&catid=193%3Aseed-educacao-a-distancia&Itemid=865.> Acesso em: 15 dez. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. E-mec. **Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados.** Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/> .> Acesso em 20 fev. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei N. 9.394**, de 20 de dezembro de 1.996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Estabelece as diretrizes e bases da Educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> . Acesso em: 15 dez. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria N. 40**, de 13 de dezembro de 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12778%3Alegislacao-de-educacao-a-distancia&catid=193%3Aseed-educacao-a-distancia&Itemid=865>. Acesso em: 15 dez. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. SEED. **Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância.** 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>> Acesso em: 25 Jan.2011.

Brasil. **Lei Nº 10.861**, de 14 de abril de 2004. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES e dá outras Providências. Disponível em: <<http://www.metodista.br/avaliacao-institucional/documentos/lei.pdf/view>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

BULCÃO, R. Aprendizagem por m-learning. . In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (Orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

CARNEIRO, M. L. F. **Videoconferência Ambiente para educação a distância**. Disponível em: <<http://penta.ufrgs.br/pgie/workshop/mara.htm>>. Acesso em 27 jan. 2011.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CHAVES, E. O. C. **A virtualidade da realidade**. Disponível em: <<http://edutec.net/Textos/Self/COMPUT/virtual.htm>>. Acesso em 23 fev. 2011.

COELHO, M. de L. **A evasão nos cursos de formação continuada de professores universitários na modalidade de educação a distância via internet**. Disponível em: <http://www2.abed.org.br/visualiza_documento.asp?documento_ID=10>. Acesso em 20 dez. 2010.

COSTA, J. W. da, OLIVEIRA, M. A. M. (Orgs.) **Novas linguagens e novas tecnologias: educação e sociabilidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
CRUZ, G. D. O e-mail e a sua produção no meio eletrônico: o suporte afeta o gênero? **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura**, Ano 03, n.05, 2ºSemestre de 2006. Disponível em:< www.lettramagna.com/email.pdf>. Acesso em 20 Fev. 2010.

DIAS, R. A.; LEITE, L. S. **Educação a distância: da legislação ao pedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FIORENTINI, L. M. R. A perspectiva dialógica nos textos educativos descritivos. In: FORENTINI, L. M. R., MORAES, R. de A. (Orgs.). **Linguagens e interatividade na educação a distância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GARDENAL, I. Nied mostra experiências de 30 anos com a educação a distância **Universidade Estadual de Campinas** Disponível em: <<http://www.dac.unicamp.br/unicamp/divulgacao/2004/10/28/nied-mostra-experiencias-de-30-anos-com-educacao-a-distancia>>. Acesso em: 23 fev. 2011.

GOMES, T. de S. L. Desenvolvimento de Ambientes Virtuais: novos desafios. In: CORRÊA, J. (org.) **Educação a Distância: orientações metodológicas**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KENSKI, Vani M. **Tecnologias de ensino presencial e a distância**. Campinas, SP, Papirus, 2003.

KIPNIS, B. Educação superior a distância no Brasil: tendências e perspectivas. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (Orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

LEMO, A.L.M. **Anjos interativos e retribalização do mundo: sobre interatividade e interfaces digitais**. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo>>. Acesso em 20 dez. 2010

LÉVY, Pierre. **O que é virtual ?**. São Paulo: Editora. 34, 1996

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo. Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 1999.

LITTO, F. Prefácio. In: **CensoEAD.Br:2009 / Abed (Associação Brasileira de Educação a Distância)**; [tradução para o inglês Opportunity Translations]. – São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011. Ed. Bilíngue: português / inglês.

LITTO, F.M. **Aprendizagem a distância**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

LITTO, F.M. O atual cenário internacional da EAD. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (Orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

LOYOLLA. W. O suporte ao aprendiz. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.) **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

LUCIANO, N. A.; BOFF, E., CHIARAMONTE, M. S. Algumas considerações sobre interfaces em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. In: VALENTINI, C.B., SOARES, E. M. S. (orgs.) **Aprendizagem em ambientes virtuais: compartilhando idéias e construindo cenários**. Caxias do Sul, RS: Educ, 2005.

LUDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1998.

MAIA, C. Educação pelo trabalho: work based learnig. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.) **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MARTINS, Roberto Sérgio. Construindo o conceito de ambiente. Disponível em: <http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:yCSj4gxCZIsJ:www.danieljs.prof.ufsc.br/textos_sergio_martins/conceito_de_ambiente.doc+ambiente+latim&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESh7iyWeS-ZaqVM1UMjbSiP2HG0dpqcdbRIDHx8t9vrr7lixFsKqxlNu0W90pknhVyaV8qmBcBsNhNKnr u85ZkheKtU-PifqCIHOoptXrcmrF3rD9_mVIm0eyl7fwmkyTPx2xfO&sig=AHIEtbSNNOQiGz75L2fiRLiuZ79ah97EA>. Disponível em 23 fev. 2011.

MATTAR, Interatividade e aprendizagem. In: In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.) **Educação a Distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MENDONÇA, R. H. TV BRASIL. SALTO PARA O FUTURO. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/livros.asp>>. Acesso em. 20 fev. 2011.

MENEZES, E. P. **Educação a Distância**: fim das barreiras espaciais? Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/pdf/013-TC-A2.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

MININNI-MEDINA, N. LUZZI, D.; LUSWARGHI, A. A educação a Distância no contexto iberoamericano. Fundação Universitária Iberoamericana. Disponível em: <http://www2.abed.org.br/visualizaDocumento.asp?Documento_ID=4>. Acesso em 25 fev 2011.

MOORE, M. KEARSLEY, G. **A educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2008.

MORAES, **O paradigma educacional emergente**. Campinas, SP. Papirus, 1997. (Coleção Práxis).

MORAES, R. **A. Educação a Distância**: aspectos histórico-filosóficos. In: Linguagens e Interatividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MORAN, José Manuel. Contribuições para uma pedagogia da educação online. In: SILVA, Marco (Org.) **Educação Online**. 2.ed. São Paulo: LOYOLA, 2006.

MORAN, José Manuel. **O que é educação a distância**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>>. Acesso em 20 dez. 2010
NASCIMENTO, R. L. et. al. Sistema autopoietico em ambientes virtuais. Disponível em: <http://www.pg.utfpr.edu.br/sinect/anais/artigos/11%TICnoensinoaprendizagemdecienciaetecnologia_artigo17.pdf> Acesso em: 23 nov. 2010.

NETO, F. J. S.L. Regulamentação da educação a distância: caminhos e descaminhos. In: SILVA, Marco (Org.) **Educação Online**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

NIQUINI, D.P. **O grupo cooperativo: uma metodologia de aprender e estudar juntos**. Brasília: Universia, 1999.

NUNES, I.B. A história da EAD no mundo. In: **Educação a Distância: o estado da arte**. LITTO, F.M.; FORMIGA, M. (Orgs.) São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

OLIVEIRA, D. M. **Tecnologias da Informação e da Comunicação e da Educação a distância**: da organicidade das propostas de formação docente às demandas da “sociedade globalizada”. Disponível em: <<http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/danmo.pdf> >. Acesso em: 15 jan. 2010.

OLIVEIRA, G. M. S. **O sistema de tutoria na educação a distância**: Cuiabá, NEAD. UFMT. 2006. Disponível em: <http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos_site_uab/tutoria_ead.pdf> Acesso em: 20.10.2010.

PALHARES, Roberto. Aprendizagem por correspondência. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (Orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

PALLOFF, R.M; PRATT, Keith. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PENTEADO, H. D. Nós e a Sociedade da Informação. In: Márcia Kupstas (org.) **Comunicação em debate**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1997.

PEREIRA, A. T. C.; SCHMITT, V.; DIAS, M. R. A. Ambientes virtuais de aprendizagem. In: PEREIRA, Alice T. Cybis (orgs). **AVA: ambientes virtuais de aprendizagem em diferentes contextos**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2007.

PETERS, Otto. **Didática do ensino a distância**: experiências da discussão numa visão internacional. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Ed. Unisinos. 2006

PIZZO, A. M.; CARDOSO, M. Y.; MORAES, R. B. Reflexões sobre aspectos acadêmicos. In: **CensoEAD.Br:2009 / Abed (Associação Brasileira de Educação a Distância)**; [tradução para o inglês Opportunity Translations]. – São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011. Ed. Bilíngue: português /inglês.

POLAK, Y. N. S. A avaliação do aprendiz em EAD. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (Orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

Portal dia-a-dia Educação. **Só Filosofia**. Dicionário de Filosofia. Disponível em: <<http://filosofia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=40>>. Acesso em: 23 nov. 2010.

PRETI, O. **Bases epistemológicas e teorias em construção na educação a distância**. Cuiabá, NEAD.UFMT, 2002. Disponível em: <http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos_site_uab/bases_epistemologicas.pdf>. Acesso em: 24 Fev. 2011.

PRETI, O. Educação a distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. In: PRETI, O. **Educação a distância**. Inícios e indícios de um percurso. Cuiabá: Edufmt. NEAD. 1996.

PRETO, Nelson de Lucca; RICCIO, Nícia Cristina Rocha; PEREIRA, Socorro Aparecida Cabral. **Reflexões teóricas-metodológicas sobre Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. Debates em Educação. vol. 1, n. 1 Jan./Jun. 2009

PRIMO, Alex. **Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador**., n. 45, 2005. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques_desfoques.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2011.

PRIMO, A. **Interação mediada por computador. Comunicação, cibercultura e cognição**. Porto Alegre: 2.^a Ed. Sulina, 2008.

PRIMO, A. Interfaces Potencial e Virtual. **Revista Famecos**, Porto Alegre. v. 1, n. 10. Jun. 1999. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3033/2311>>. Acesso em 25 fev. 2011.

PULINO FILHO, A. R. A atividade Wiki em Moodle. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/5238762/Wikis-Moodle>>. Acesso em: RAMAL, Andréa Cecília. **Educação na Cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROCHA, H. V. R. TelEduc: software livre para educação a distância: In: SILVA, M.; SANTOS, E. (orgs.) **Avaliação da aprendizagem em educação online**. São Paulo: Loyola, 2006.

ROCHA, Julci. **O que é o Moodle** Reflexões sobre o contemporâneo. 2007. Disponível em: <<http://julcirocha.wordpress.com/2007/11/28/o-que-e-o-moodle/>>. Acesso em 30 jan. 2010.

ROMISZOWSKI, H. G. P. Aspectos da pesquisa em EAD. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (Orgs.). **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

ROSINI, A. Marco. **As novas tecnologias da Informação e da educação a distância**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SABBATINI, Renato .M. E.. **Ambiente de Ensino Aprendizagem via internet a Plataforma Moodle..** Instituto EduMed Disponível em: <<http://www.ead.edumed.org.br/file.php/1/PlataformaMoodle.pdf>> Acesso em: 22 fev. 2011.

SANTOS, E. O. Articulação de saberes na EAD online: por uma rede interdisciplinar e interativa de conhecimentos em ambientes virtuais de aprendizagem. In: SILVA, Marco (Org.) **Educação Online**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

SARAIVA, Terezinha. Educação a distância no Brasil: lições da história. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n.70, abr./jun. 1996. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1048/950> .Acesso em 15.01.2011>. Acesso em:.

SCHERER, S. **Uma estética possível para a educação bimodal:** aprendizagem e comunicação em ambientes presenciais e virtuais. Uma experiência em estatística aplicada à educação. São Paulo, 2005. 241 f. Tese (Doutorado em Educação) –Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

SCHLEMMER, E. et.al. AVA: Um ambiente Virtual Baseado em Comunidades. In: **XIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação – SBIE 2002**. São Leopoldo. UNISINIS, 2002. Disponível em:<<http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/162/148>>. Acesso em: 01 Jul, 2010.

SCHLEMMER, E. Metodologias para Educação a distância no contexto da formação de comunidades virtuais de aprendizagem. In: BARBOSA, M.B. (org.). **Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SILVA, M. Criar e professorar um curso online: relato de experiência. In: SILVA, M.; SANTOS, E. (orgs.) **Avaliação da aprendizagem em educação online**. São Paulo: Loyola, 2006.

SILVA, M. **Sala de Aula Interativa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006

SILVA, Marco. **Pedagogia do Parangolé:** novo paradigma em educação presencial e online. Disponível em: <[http://www. Saladeaulainterativa pro.br/texto_0004.htm](http://www.Saladeaulainterativa.pro.br/texto_0004.htm)> Acesso em: 20 dez. 2010.

SIQUEIRA, H.S.G. **Globalização e autonomia** (Limites e possibilidades) Disponível em:<<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/globoautonomia.html>>. Acesso em: 23. Nov. 2010.

SOUZA, C. A.; SPANHOL, F. J.; LIMAS, J. C. O.; CASSOL, M. P. **Tutoria na Educação a distância**. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/088-TC-C2.htm>> Acesso em: 20.12.2010.

SPANHOL, F. J.; CASSOL, M. P.; OLIVEIRA, J. C.; MARTINS, J. G. Usando interfaces online na avaliação de disciplinas semipresenciais no ensino superior. In: SILVA, M.; SANTOS, E. (orgs.) **Avaliação da aprendizagem em educação online**. São Paulo: Loyola, 2006.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Comunidades virtuais**: um fenômeno na Sociedade do Conhecimento. São Paulo: Érica, 2002.

TASSONI, E. C. M. Afetividade e aprendizagem. A relação professor-aluno. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/2019t.PDF>> Acesso em: 23 fev. 2011.

TELES, L. A aprendizagem por m-learning. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.) **Educação a Distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TORRES, P.L.T.; FIALHO, A.P.F. Educação a distância: passado, presente e futuro. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (Orgs.). **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

TORRES, P. L. Reflexões sobre os aspectos administrativos II .In: **CensoEAD.Br:2009 / Abed (Associação Brasileira de Educação a Distância)**; [tradução para o inglês Opportunity Translations]. – São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011. Ed. Bilíngue: português /inglês.

VALENTINI, C.B; SOARES, E. M. S (Orgs.) **Aprendizagem em ambientes virtuais: compartilhando idéias e construindo cenários**. Caxias do Sul, RS. Educs, 2005.

VALENTINI, C.B. Interação em ambientes Virtuais de Aprendizagem: redes sociocognitivas e autopoieticas. Disponível em: <<http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/viewFile/78/68>>. Acesso em: 23 nov. 2010.

VASCONCELLOS, M. J. de. **O novo paradigma da ciência**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

VIANNEY, João; TORRES, Patrícia. La education a distância em Brasil. In: RAMA, Cláudio; PARDO, Jose (Ed.) **La educación superior a distância: miradas diversas desde Iberoamérica**. Santo Domingo: Virtualeduca;Inteved, 2010.

VOIGT, Emilio. **Web 2.0, E-Learning 2.0, EaD 2.0**: para onde caminha a educação a distância?. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/55200750254PM.pdf>>. Acesso em 1 Jul. 2010.

ZUFFO, M. Aprendizagem por meio de ambientes de realidade virtual. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (Orgs.). **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.